

{ Renda Irlandesa de Divina Pastora }





DOSSIÊ IPHAN 13 { Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo  
como referência o ofício em Divina Pastora }





DOSSIÊ IPHAN 13 { Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo  
como referência o ofício em Divina Pastora }



*Não vejo seu rosto!  
Vejo somente as mãos!*

*Seu vai e vem traçador, constrói belezas e desafia a harmonia de um riscado secular. O destino do fio se faz no caminho do cordão. Ele é guia e sustentação das ideias da criação.*

*Não vejo seu rosto!  
Vejo somente as mãos!*

*Os dedos nus e desprevenidos se magoam nos ritos dos sacrifícios da agulha no bordar.*

*Não vejo seu rosto!  
Vejo somente as mãos!*

*Enquanto eles brincam com os fios e tecem belezas em círculos, retas ou volteios sobre a agulha, vão surgindo mandalas em relevo, sóis da sensibilidade. Na distração do fazer, a fala liberta “causos” acontecidos no cotidiano da cidade...*

*– Soube que Maria, filha de D. Santa vai casar?*

*– Oxente, já?*

*– Menina, eu soube ontem que o filho de Esmelinda já tá arrumando as malas pra ir pra “Sun” Paulo.*

*– Hum...Sorte dele!!!*

*O silêncio esconde outras histórias pensadas.*

*E a mão volta a comandar o desafio do espaço lanceto e faz a boca calar sobre os acontecidos.*

*Não vejo seu rosto!  
Vejo somente as mãos!*

*Acompanho seu vai e vem sobre o papel pardo, sobre o qual o debuxo azulado se espalha.*

*Manhãs e tardes no ofício das rendeiras.*

*A cidade, pequena e terna, parece que toda feita de mãos de renda.  
De todas as cores e todas as formas, de todos os jeitos.*

*Mãos que tecem. Mãos que rezam. Dedos que se entrelaçam na criação no encanto de render.*

*Não vejo seu rosto!  
Vejo somente as mãos!  
E isso me basta!*

PRESIDENTA DA REPÚBLICA  
Dilma Rousseff

MINISTRA DA CULTURA  
Marta Suplicy

PRESIDENTA DO IPHAN  
Jurema de Sousa Machado

DIRETORA DO DEPARTAMENTO DE  
PATRIMÔNIO IMATERIAL  
Célia Maria Corsino

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE  
ARTICULAÇÃO E FOMENTO  
Luiz Philippe Peres Torelly

DIRETOR DO DEPARTAMENTO  
DE PATRIMÔNIO MATERIAL  
Andrey Rosenthal Schlee

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE  
PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO  
Marcos José Silva Régio

*Superintendente do Iphan  
em Sergipe*

Terezinha Alves de Oliva

### *Departamento de Patrimônio Imaterial*

COORDENAÇÃO-GERAL DE IDENTIFICAÇÃO  
E REGISTRO  
Mônia Luciana Silvestrin

COORDENAÇÃO-GERAL DE SALVAGUARDA  
Rívia Ryker Bandeira de Alencar

COORDENAÇÃO DE IDENTIFICAÇÃO  
Ivana Medeiros Pacheco Cavalcante

COORDENAÇÃO DE REGISTRO  
Flávia de Sá Pedreira

COORDENAÇÃO DE APOIO À SUSTENTABILIDADE  
Alessandra Rodrigues Lima

COORDENAÇÃO DE CONHECIMENTOS  
TRADICIONAIS ASSOCIADOS  
Ana Gita de Oliveira

CENTRO NACIONAL DE FOLCLORE E  
CULTURA POPULAR – CNFCP  
Cláudia Márcia Ferreira

*Instrução Técnica do Processo de Registro  
do Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo  
como referência este ofício em Divina  
Pastora*

### *Supervisão técnica*

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL  
Sílvia Maria Ferreira Guimarães

COORDENAÇÃO DE PESQUISA  
Superintendência do Iphan em Sergipe

PRIMEIRA ETAPA  
Rosângela Marta Siqueira Barreto -  
coordenadora (Iphan)  
Beatriz Góis Dantas – consultora

ETAPA FINAL  
Marta Maria Silva Chagas – Chefe da Divisão  
Técnica do Iphan  
Rosângela Marta Siqueira Barreto -  
coordenadora Iphan  
Agláé D'Ávila Fontes de Alencar

DEPARTAMENTO DE PATRIMÔNIO IMATERIAL –  
DPI/IPHAN

*SEPS Quadra 713/913 Sul, Bloco D,  
Edifício IPHAN, 4º andar  
CEP 70.390-135 Brasília – DF  
Telefone: (061) 2024-5401  
E-mail: dpi@iphan.gov.br*





## *Edição do Dossiê Interpretativo*

### TEXTO

Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar

### PESQUISADORES

Fabrcia de Oliveira Santos

Gracyanne Freire de Araújo

### EQUIPE DE DOCUMENTAÇÃO

Aglaé D'Ávila Fontes de Alencar

Arabela Rollemberg Arquitetura e

Engenharia Ltda.

### EDIÇÃO DE TEXTO E COPIDESQUE

Ricardo Gomes Lima

Rejane Manhães

### REVISÃO DE TEXTO

Caroline Soudant

Gilka Lemos

### PROJETO GRÁFICO

Victor Burton

### DIAGRAMAÇÃO

Avellar e Duarte Serviços Culturais

### ASSISTENTE DE EDIÇÃO

Daniela Barros

### FOTOGRAFIAS

Acervo Cedran

Acervo técnico Iphan SE/Sergipe

Beatriz Góis Dantas

Francisco Moreira da Costa

Fabrcia de Oliveira Santos

Gracyanne Freire de Araújo

Lauzanne Leão Ferreira

Marcel Nauer

Márcio Garcez Vieira

Marina Zacchi

Marta Maria Silva Chagas

Rosangela Barreto

Wesley Teixeira

### INSTITUIÇÕES PARCEIRAS

Secretaria Municipal de Educação e Cultura de

Divina Pastora

Câmara de Vereadores de Divina Pastora

Conselho Municipal de Cultura de

Divina Pastora

Registro do Modo de Fazer Renda Irlandesa,  
tendo como referência este ofício em  
Divina Pastora

*Processo nº 01450.001501/2007-52*

### PROPONENTE

*Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de  
Divina Pastora (Asderen)*

### DADOS DO PROCESSO

*Pedido de Registro aprovado na 58ª Reunião do Conselho  
Consultivo do Patrimônio Cultural, em 27/11/2008.*

*Inscrição no Livro de Registro dos Saberes em  
28/01/2009.*

### PÁGINA 2

FASE DE FEITURA DA RENDA.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

### PÁGINA 4

FEITURA DO DESENHO DA RENDA.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

### PÁGINA AO LADO

DETALHE DE RENDA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

A close-up photograph of a woven basket. The basket features a complex lattice or mesh pattern made of light brown, natural fibers. The pattern consists of interconnected diamond and square shapes, creating a series of small, irregular openings. Some of these openings are filled with small, dark, circular or square-shaped inserts. The basket's structure is reinforced with thicker, braided bands of the same material, which form a grid-like frame. The overall appearance is that of a traditional, hand-crafted woven item, possibly a hat or a decorative container. The lighting is warm, highlighting the texture and color variations of the fibers.

# SUMÁRIO

## 10 APRESENTAÇÃO

## 12 INTRODUÇÃO

14 Contextualização do trabalho

## 20 IDENTIFICAÇÃO

21 Divina Pastora: cidade da renda irlandesa e da peregrinação

22 A Igreja Matriz

25 A peregrinação

32 O lugar da peregrinação no calendário de festas da cidade

34 Rendas, rendeiras e peregrinação

40 Apresentando a cidade de Divina Pastora

44 A renda na cidade: histórias da origem

52 O ofício das rendeiras: rendas, bordados e suas classificações

57 Instrumentos de trabalho e fases de execução da renda

60 Matérias-primas

63 O lacê como elemento identificador da renda irlandesa

64 Renda de bilro e renda industrializada: suportes da renda irlandesa

68 Os “caminhos sem fim” do lacê

75 Os riscos

84 Os pontos

91 Inventário de peças

97 Peças grandes e pequenas

102 A renda e o padrão de qualidade

106 A difusão da técnica: os cursos

108 Modos de trabalhar a renda: tipologia

115 As rendeiras e as redes de produção da renda

116 Rendeiras: iniciação, motivações e carreira

123 Um pouco mais sobre redes de iniciação e transmissão de saber

127 O variado universo das rendeiras

130 Formas de organização para o trabalho: as redes informais de produção da renda

134 A associação para o desenvolvimento da renda irlandesa

## 138 O BEM CULTURAL COMO OBJETO DE REGISTRO

## 142 RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA

## 146 FONTES BIBLIOGRÁFICAS

## 152 NOTAS

## 154 ANEXO 1 - PARECER DO RELATOR

## 164 ANEXO 2 - CERTIDÃO DE REGISTRO





**APRESENTAÇÃO**



RENDA EM ELABORAÇÃO.

FOTO: FABRÍCIA DE  
OLIVEIRA SANTOS.

A *Coleção Dossiê dos Bens Culturais Registrados* destina-se a tornar amplamente conhecidos e valorizados, como Patrimônio Cultural do Brasil, os bens registrados de natureza imaterial. Os dossiês têm por base os estudos que fundamentaram o Registro do Bem Cultural e refletem as etapas de pesquisa, análise e reconhecimento desse patrimônio.

O patrimônio imaterial brasileiro é composto por aqueles bens que contribuíram para a formação da sociedade brasileira. O compromisso do Estado brasileiro para com sua preservação, reconhecimento e valorização decorre do Registro de um bem imaterial, previsto no Decreto nº 3.551/2000. São quatro os Livros de Registro, de acordo com a natureza do Bem Registrado: das Celebrações, dos Lugares, das Formas de Expressão e dos Saberes.

A divulgação dos processos de Registro e dos resultados do trabalho institucional contribui para a extensão do reconhecimento desse patrimônio pela sociedade brasileira e favorece as condições de sua permanência. São apresentados nos dossiês elementos que definem a identidade dos Bens Culturais, seu universo de ocorrência, os grupos sociais envolvidos e as práticas e saberes a eles inerentes.

Este 13º volume da Coleção apresenta o **Registro do Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo como referência o ofício em Divina Pastora**. Trata-se de Bem inscrito no Livro dos Saberes, cujo saber-fazer é característica fundamental na produção da renda. Essa prática, que remonta à Europa do século XVII, especialmente enraizada no cotidiano das mulheres desde o período do Brasil Colônia está organizada e é liderada

por uma mestra que goza de reconhecimento público. A renda irlandesa, produzida em vários locais de Sergipe, tem o município de Divina Pastora como uma referência nesse tipo de produção.

A densidade histórica e cultural do modo de fazer renda na região mostra este incontestável enraizamento no cotidiano dessas mulheres. E, as transmissões desses saberes e as ações de salvaguarda desse Bem Cultural, de característica predominantemente coletiva, têm por desafio manter o protagonismo social desempenhado pelas rendeiras na construção de redes de apoio e na consolidação de políticas de patrimônio imaterial relativas ao bem, que contribuam no enfrentamento dos impasses da sustentabilidade social e econômica dessa prática artesanal. ■

Jurema Machado  
*Presidente do Iphan*

# INTRODUÇÃO



IGREJA MATRIZ DE DIVINA  
PASTORA/SE.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

PÁGINA 14  
RUA EM DIVINA PASTORA/SE.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

PÁGINA 15  
CASAS EM DIVINA PASTORA/SE.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

O Modo de Fazer Renda Irlandesa configura um saber tradicional que vem sendo ressignificado pelas rendeiras de Divina Pastora, município do estado de Sergipe, a partir de fazeres seculares que remontam à Europa do século XVII e que, na sociedade local, do período colonial aos tempos presentes, estão geralmente associados à condição feminina.

O produto desse fazer é uma renda de agulha que tem como suporte o lacê, matéria-prima industrializada que se apresenta de várias formas, sendo o fitilho e o cordão os mais conhecidos na atualidade. O fio brilhoso é fixado a um debuxo, ou risco de desenho sinuoso, feito em papel manteiga, superposto a um papel grosso preso a uma almofada. O risco, espécie de gabarito a ser seguido, apresenta espaços

vazios que são preenchidos pela artesã com uma multiplicidade de pontos executados com fios de linha. Estes pontos são bordados, compondo a trama da renda com motivos tradicionais, que são reproduzidos e recriados continuamente pelas rendeiras.

O saber-fazer é o conhecimento mais característico da produção da renda irlandesa, sendo compartilhado pelas rendeiras, organizadas geralmente sob a liderança de uma mestra que goza de reconhecimento público. Em caso de divisão de um trabalho, em especial na confecção de peças de grandes dimensões, a mestra traça o risco definidor da peça, que, dividido em pedaços, sob sua supervisão, é apropriado coletivamente por um grupo de rendeiras.

Fazer renda irlandesa é uma atividade coletiva, mesmo quando

praticada individualmente, o que permite trocar informações, ideias sobre projetos, técnicas e pontos. Mais que isso, permite às rendeiras conversar sobre problemas e sonhos, anseios e frustrações, dilemas e vida. Esse universo de sociabilidades possibilita a transmissão de técnicas e de saberes, a atribuição de sentidos específicos ao ofício, o compartilhamento de valores e a reafirmação de sentimentos de pertencimento e de identidade cultural.

Embora a renda irlandesa seja hoje produzida em várias localidades de Sergipe, o município de Divina Pastora se tornou o principal ponto de referência da produção desse tipo de renda, em razão de condições históricas que a vinculam à tradição dos engenhos canavieiros, à abolição



da escravatura e às mudanças econômicas que culminaram na apropriação popular do ofício de rendeira no país, restrito originalmente à aristocracia.

Ao reinventar continuamente a técnica, os usos e os sentidos desse saber-fazer, as mulheres de Divina Pastora fazem dele mais que um meio de vida: descobrem suas próprias maneiras de viver. E de ser.

### CONTEXTUALIZAÇÃO DO TRABALHO

O Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo como referência o ofício praticado em Divina Pastora/SE, foi incluído no Livro de Registro dos Saberes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, no dia 28 de janeiro de 2009, conferindo assim a essa

modalidade de ofício artesanal o título de Patrimônio Cultural do Brasil. O registro está de acordo com a decisão proferida na 58<sup>a</sup> Reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 27 de novembro de 2008.

A solicitação de registro foi encaminhada ao presidente do Iphan em 20 de novembro de 2006, pela Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora





– Asderen, por intermédio da Sra. Elisabete Raimundo dos Santos, rendeira e presidente da associação. O pedido foi endossado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, pela Câmara de Vereadores e pelo Conselho Municipal de Cultura de Divina Pastora/SE. Na documentação encaminhada, constam autorizações assinadas por 180 praticantes e detentores do saber-fazer relacionado ao Modo de

Fazer Renda Irlandesa, contingente que dá aval à solicitação, tornando legítimo o ato da Associação das Rendeiras de apresentar o pedido de registro ao Iphan.

A demanda social pelo reconhecimento do ofício da renda como patrimônio do país, devidamente embasada, veio coroar um processo mais longo de apoio à produção do bem em Divina Pastora, que teve origem em um

trabalho desenvolvido com as rendeiras a partir do ano de 2000 pelo Programa Artesanato Solidário, coordenado pelo antropólogo Antonio Augusto Arantes, em parceria com o Sebrae, a Caixa Econômica Federal e o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular – CNFCP/ Iphan. Esse programa apresentava como objetivo principal o apoio à produção artesanal e sua revitalização

naquelas localidades em que o ofício se mostrava ameaçado, tendo como metas a preservação cultural do bem e a geração de renda para os produtores diretos.

Como metodologia, o Programa Artesanato Solidário tinha as seguintes linhas de ação:

- Valorizar o caráter cultural da produção artesanal de cunho tradicional.
- Trabalhar com grupos que fazem artesanato de cunho tradicional, isto é, ligados às vivências locais.
- Facilitar a obtenção de espaços para a produção do trabalho, dotando-os de matérias-primas e equipamentos necessários.
- Orientar a formação de associações onde estas não existiam, ou fortalecer as já existentes.
- Aprimorar a produção artesanal, no sentido da melhor qualidade do produto, sem

interferência em questões de gosto e estética.

- Divulgar a produção artesanal, na busca pela ampliação de mercado consumidor.

No caso de Divina Pastora, o programa realizou diagnóstico da situação das rendeiras, oficinas e estudos visando a aferição de gastos de matéria-prima e atribuição de preço às peças. Em meio a tais atividades, as rendas de Divina Pastora foram tema de exposição na Sala do Artista Popular, do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular/Iphan, no Rio de Janeiro, em fevereiro e março de 2001.

Dando continuidade às atividades iniciadas em 2000, a então 8ª Superintendência Regional do Iphan, em Sergipe, passou a desenvolver trabalhos no município de Divina Pastora, com foco especial em dois bens culturais: o Modo de Fazer Renda

Irlandesa e a Igreja Matriz de Nossa Senhora Divina Pastora, tombada em 1943. Juntamente com a procissão de Nossa Senhora Divina Pastora, padroeira do município, esses bens culturais marcam e dão notoriedade à comunidade divina-pastorenses. Um grande número de rendeiras da região, de faixas etárias diferenciadas, vivencia as duas expressões culturais quando, em suas atividades diárias, fazem renda e quando, em momentos mais ritualizados, cumprem promessas.

No que se refere à Igreja Matriz de Nossa Senhora Divina Pastora, a equipe da Superintendência Regional do Iphan, em Sergipe, acompanhou a restauração da mesma, uma construção do século XVIII, de estilo barroco. A originalidade dessa igreja consiste em possuir, ao longo da nave, um corredor aberto com cinco arcadas, disposição atribuída ao fato de o

DETALHE DO FORRO DO  
SANTUÁRIO DE NOSSA SENHORA  
DE DIVINA PASTORA.  
FOTO: MARTA MARIA SILVA CHAGAS

templo ter sido concebido como um centro de peregrinação, sendo, ainda hoje, percebido como tal.

A grande devoção a Nossa Senhora é manifesta anualmente, quando, no terceiro domingo do mês de outubro, os devotos se dirigem ao santuário. Os romeiros realizam uma jornada de nove quilômetros, cruzando estrada, caminhos, vielas e ruas do município de aproximadamente 1.900 habitantes e que, na ocasião, abriga em torno de 100 mil visitantes.

A Superintendência Regional do Iphan em Sergipe documentou a peregrinação e a participação das rendeiras nessa jornada, ocasião em que deixam agulhas e linhas de lado para se dedicar à preparação de refeições, que serão vendidas aos devotos da santa, ou para integrar a peregrinação, buscando a proteção e os milagres da virgem, conforme consta em documentação apresentada no





processo. Nesse contexto de fé, as rendeiras se fazem presentes e as rendas aparecem adornando o altar da igreja e as vestes dos sacerdotes.

No decurso dos trabalhos realizados na localidade pelo Programa Artesanato Solidário e pela 8ª Superintendência Regional do Iphan, as rendeiras se apropriaram da política de patrimônio e apresentaram ao instituto a solicitação de abertura do processo de registro do saber-fazer contido no Modo de Fazer Renda Irlandesa.

O Iphan, em Sergipe, assumiu a instrução do processo, com a colaboração do Departamento de Patrimônio Imaterial – DPI/ Iphan, e o realizou em duas fases, que resultaram na elaboração de dois relatórios de pesquisa complementares, sem prejuízo das informações que delimitaram o bem cultural



PÁGINA AO LADO

ALTAR DO SANTUÁRIO DE NOSSA  
SENHORA DE DIVINA PASTORA.  
FOTO: MARTA MARIA SILVA CHAGAS.

ABAIXO

DETALHE DE MOLDURA DE  
ARREIMATE DA SACADA INTERNA  
DA IGREJA DE NOSSA SENHORA DE  
DIVINA PASTORA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.



e revelaram a singularidade do fazer renda irlandesa, expressão cultural passível de se tornar Patrimônio Cultural do Brasil.

No processo, constam estudos, artigos e relatórios realizados por pesquisadores que participaram das ações citadas, as quais foram desenvolvidas com as rendeiras e revelaram a densidade histórica e cultural do modo de fazer renda na região, o que é

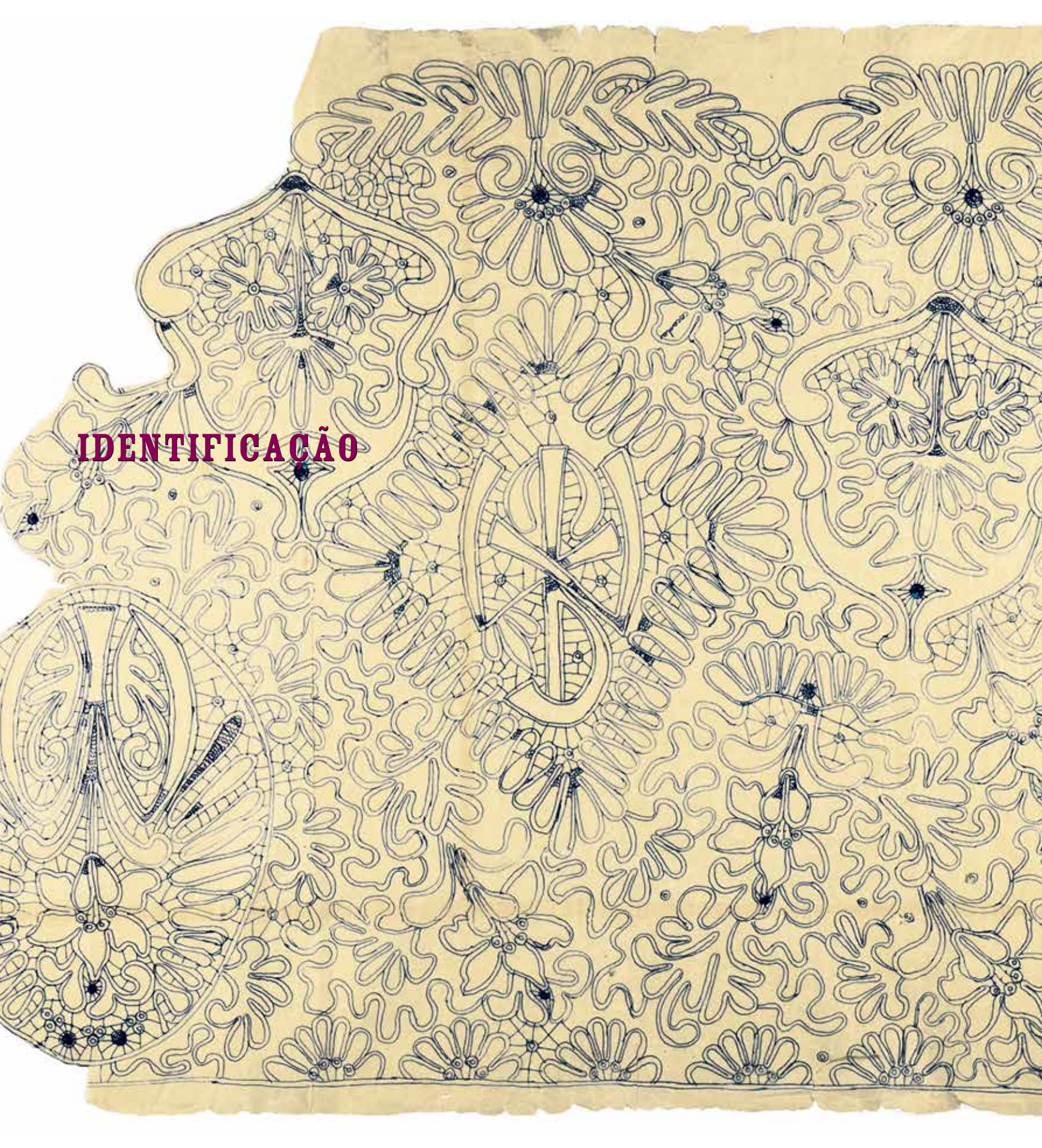
incontestavelmente enraizado no cotidiano dessas mulheres.

O primeiro relatório apresentado no processo é resultado de pesquisa coordenada pela antropóloga Beatriz Góis Dantas, professora emérita da Universidade Federal de Sergipe, e integrou os subsídios que compõem a Solicitação de Registro encaminhada ao presidente do Iphan. O segundo relatório é resultado de pesquisa complementar coordenada pela professora Aglaé D'Avila Fontes, solicitada pela Câmara do Patrimônio Imaterial em sua 8ª Reunião, realizada nos dias 14 e 15 de março de 2007, com o intuito de ampliar o conhecimento sobre o bem em tela e de modo a abranger outros municípios onde a produção da renda irlandesa também se faz presente. De acordo com os relatórios, o município de Divina Pastora, contudo, é o lugar onde o saber-

fazer referente à renda irlandesa mais se desenvolveu e onde é reconhecida a origem do ofício e de sua transmissão. No entanto, devido ao fato da renda estar presente em outros municípios, a Câmara do Patrimônio Imaterial, em sua 10ª Reunião, solicitou que o nome do bem cultural, encaminhado inicialmente como "Ofício das Rendeiras de Divina Pastora" fosse modificado para "Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo como referência este ofício em Divina Pastora/SE". O propósito dessa mudança foi acatar o pleito da existência de produção da renda irlandesa num território mais amplo que o município de Divina Pastora. O segundo relatório foi consolidado visando os discursos e modos de viver relacionados ao saber-fazer renda irlandesa em outras localidades e sua relação com Divina Pastora. ■



**IDENTIFICAÇÃO**





À ESQUERDA

RISCO DE RENDA COM

TRAÇO DUPLO.

FOTO: MÁRCIO GARCEZ VIEIRA.

ABAIXO

IMAGEM DE DIVINA PASTORA

SENDO CARREGADA DURANTE

PEREGRINAÇÃO.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN

SE/SERGIPE.

## DIVINA PASTORA: CIDADE DA RENDA IRLANDESA E DA PEREGRINAÇÃO

No cenário sociocultural de Sergipe, a representação do município de Divina Pastora aparece sempre associada a dois temas: a produção de renda irlandesa e a peregrinação anual para a veneração à santa cuja imagem se abriga na Igreja Matriz da localidade. Esses são os diacríticos mais fortes a singularizar a cidade no conjunto dos municípios sergipanos, sinais



que se tornaram mais visíveis a partir dos anos de 1970, vinculados ao contexto do turismo, associados a uma política cultural segundo a qual folclore, artesanato, patrimônio histórico e patrimônio artístico passaram a ser vistos como campos interconectados. Interessante perceber que as temáticas aventadas se articulam à dimensão material da Igreja Matriz. Isso porque os produtos

de renda irlandesa adornam, muitas vezes, o interior do imóvel sagrado, além de compor as indumentárias dos párocos. Paralelamente, as rendeiras também integram o público frequentador do templo, possibilitando a emergência de múltiplas apropriações desse locus centenário. Nessa medida, as ocorrências anuais da peregrinação parecem condensar tais aspectos, já que, ao colocarem a localidade e os peregrinos em evidência, as rendeiras conseguem assumir mais uma posição distinta no cenário divina-pastorenses. ■

## A IGREJA MATRIZ

**A** Igreja Matriz da localidade, em sua imponência e riqueza de detalhes, guarda a expressão do poderio gerado pela cana-de-açúcar e a importância atribuída à religião, que, como em muitos outros lugares do país, pode ser atestada na construção de templos suntuosos em que a arquitetura, as elaboradas pinturas de teto e as antigas e belas imagens abrigadas em seu interior falam do estilo rebuscado do barroco tardio e dos ideais católicos de seus habitantes.

Assim como em outras localidades brasileiras, as fontes documentais a respeito do imóvel religioso de Divina Pastora mostram-se escassas; ademais, alguns relatos explicitam controvérsias no que toca à trajetória da construção desse bem. Em todo caso, cumpre afirmar que as lacunas da documentação não prejudicam o valor simbólico

que a igreja adquiriu em terras divina-pastorenses.

Os moradores identificam no templo sagrado as marcas de uma temporalidade passada, associando imagens, pinturas de parede e a própria igreja a suas memórias e reminiscências pessoais.

Após percorrer alguns arquivos no estado de Sergipe, o pesquisador Fernando Ribeiro Soutelo afirma em escritos inéditos que, “em 31 de maio de 1816, José Bernardino de Souto Maior requereu às autoridades a ereção de uma capela com invocação de Divina Pastora com paramentos que se mandou informar ao arcebispo da Bahia”<sup>2</sup>.

Em contrapartida, o mesmo autor salienta que existe um registro oficial do presidente da Câmara de Santo Amaro, datado de 1829, cujas informações sugerem que a construção ocorreu ainda nos setecentos. A data aventada fora

1785, ou seja, 44 anos antes da solicitação feita pelo senhor José Bernardino de Souto Maior. Tal imprecisão acena para duas possibilidades: existiu um templo mais simples, que cedeu lugar à construção do atual, ou este último, ao longo do tempo, incorporou lentas mudanças em sua estrutura?

A estudiosa Carmem Barreto Lima subsidia a hipótese de que a passagem entre os séculos XVIII e XIX abarcou o período de início das obras até o final da decoração do interior. Ao ressaltar as dificuldades de se encontrar documentos históricos e vestígios arqueológicos nas edificações localizadas junto às antigas áreas rurais, a pesquisadora presume que a “... construção partiu inicialmente da capela-mor, como na maioria das construções religiosas, aumentando sua volumetria com o acréscimo





DETALHE DE FORRO EM IGREJA EM DIVINA PASTORA. FOTO: LAUZANNE LEÃO FERREIRA.

da nave e corredores laterais”<sup>3</sup>. Foram justamente esses traços arquitetônicos que singularizaram a Igreja Matriz de Divina Pastora como imóvel de atendimento aos peregrinos. Nas palavras de Carmem Barreto Lima:

“Em geral, a edificação religiosa instalada na zona rural nordestina, em particular, na zona central açucareira mais importante do Estado de Sergipe – o vale da Cotinguiba tem como característica principal a semelhança da igreja votiva ou de peregrinação. Nesse tipo de igreja votiva, o elemento arquitetônico que difere das demais edificações religiosas são os corredores laterais externos, com arcadas sobre pilares”<sup>4</sup>.

Estudos técnicos arquivados na atual Superintendência do Iphan em Sergipe chegam a associar esse bem divina-pastorensense às

DETALHE DO ALTAR EM DIVINA PASTORA.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.



características da Igreja do Senhor do Bonfim, em Salvador, Bahia<sup>5</sup>. Cabe acrescentar que esses relatórios atestam o período entre os séculos XVIII e XIX como a provável época da construção do imóvel.

O tombamento federal do prédio aconteceu nos idos de 1943, mais precisamente no dia 23 de março. O ato administrativo abarcou, ainda, outras seis obras de arquitetura religiosa no estado de Sergipe. As inscrições da Igreja Matriz de Divina Pastora encontram-se no Livro de Tombo Histórico e no Livro de Belas Artes, tendo como referencial o processo 0290-T-41<sup>6</sup>.

Para além desses importantes atributos legais que garantem a proteção do imóvel, interessa sublinhar a representatividade do bem no seio da comunidade. Nesse sentido, ao se identificarem com o patrimônio edificado centenário,

os próprios moradores de Divina Pastora tornam-se os principais agentes de sua preservação.

Bem após o tombamento realizado em caráter emergencial, em 13 de agosto 1985, deu-se a inclusão do acervo da Igreja Matriz no arrolamento dos bens tombados, conforme Resolução do Conselho Consultivo do antigo Sphan. Em meio aos vários elementos decorativos, destacam-se as pinturas do teto da nave e do coro, cuja autoria é atribuída ao famoso pintor baiano José Teófilo de Jesus<sup>7</sup>. A pesquisadora Carmem Barreto Lima chega a qualificar a obra como "... um dos mais significativos exemplares de pintura da quadratura do século XIX, em estilo arquitetural ilusionista, executado no estado sergipano"<sup>8</sup>.

Não menos importante é a imagem da padroeira entronizada no altar principal.

Cunhada em madeira, as poucas referências existentes acerca dessa escultura se limitam ao Livro de Assentamento de Tombo da Paróquia de Divina Pastora; entretanto, não foram encontrados registros que atestem a chegada do bem móvel à localidade<sup>9</sup>.

A devoção à santa, segundo estudiosos do tema, teve início com frei Isidoro de Sevilha, em 1703, na Espanha, e rapidamente se difundiu pela Europa, com destaque para Portugal. Como integrante dos cultos católicos que chegaram à colônia brasileira, a devoção à Divina Pastora também aqui aportou, estabelecendo-se, no caso específico, na província sergipana, onde se observa o acolhimento da "... herança outorgada pelos religiosos que aqui chegaram em 1782 e nos legaram também o espírito pastoril, tradição da península ibérica"<sup>10</sup>.

## A PEREGRINAÇÃO

A peregrinação é uma das práticas rituais que perpassa as mais diversas religiões. No catolicismo vivido pelos sergipanos, o Santuário da Divina Pastora é um desses pontos para onde convergem peregrinos de diferentes locais do estado e mesmo de outras localidades externas às fronteiras de Sergipe.

A palavra peregrino se originou dos vocábulos *peregrinus*, *peregre* e indica aquele que se encontra fora de sua residência ou de sua pátria. Designa pessoas ou grupos que saem de sua casa e seguem em direção a um lugar sagrado, com o objetivo de realizar atos piedosos, votivos ou penitencias<sup>11</sup>.

Assim, a peregrinação pode ser conceituada como “uma marcha ritual em que, partindo de uma periferia mais ou menos distante, se entra temporariamente num centro ou foco de concentração do sagrado, para depois retornar

ao mesmo ponto de partida, confortado pela participação em virtude do sagrado”<sup>12</sup>.

Quanto às origens da peregrinação ao Santuário da Divina Pastora, há alguns escritos e vários depoimentos que elegeram o ano de 1958 como marco fundador do ritual. O nome do padre Luciano Duarte, eclesiástico que já ocupou a função de arcebispo de Aracaju, desponta como um dos principais articuladores desse movimento religioso em terras divina- pastorenses.

Dentre o conjunto de ações que formam a peregrinação, destacados como elementos principais por Dom Luciano, denominação usual do clérigo nos círculos sergipanos, citam-se: a mobilização de universitários; as celebrações de missas; a longa caminhada entrecortada por momentos de reflexão; a incorporação de

outros fiéis interessados, além de famosos grupos de discussão. Em tom memorialístico, Dom Luciano escreveu:

“Novamente a caminhar. Etapa da manhã. Almoço. Etapa da tarde. Um ambiente de espiritualidade, de simpatia, de cordial estima se estabelece. É impressionante ver como um tema estranho à mentalidade do mundo, um assunto quase chocante, como ‘Santidade’ empolga a juventude. Em derredor do núcleo das discussões, são os problemas pessoais que repontam, as dúvidas sobre a fé, as questões da ciência, em face da revelação, o eterno problema do homem que se interroga diante de Deus”<sup>13</sup>.

Segundo se conta, inspirado em peregrinações das quais participou em solo europeu, o religioso sugeriu que o mesmo fosse realizado em Sergipe. Ao



recuperar as memórias da visita que fez à localidade francesa de Chartres, em outubro de 1954, o ex-arcebispo remontou parte da dinâmica a ser (re)significada no percurso entre os municípios de Riachuelo e Divina Pastora.

Uma série de razões explica a adesão da comunidade às dinâmicas peregrinas incentivadas por Dom Luciano, a começar pelo estabelecimento de organizações universitárias católicas no contexto sergipano, nas décadas de 1950 e 1960. Presente em vários locais do país, a Juventude Universitária Católica – JUC atuava nos círculos acadêmicos, agregando jovens que se manifestassem favoráveis a debater questões de natureza religiosa. Conforme relato de uma ex-integrante da JUC, cujo raio de atuação abrangia a Universidade Federal de Sergipe – UFS, um dos principais objetivos desse grupo



universitário era "... selecionar jovens universitários cristãos que decidissem trabalhar com a evangelização, dando bons exemplos com o testemunho de Cristo"<sup>14</sup>.

Apesar de Divina Pastora não vivenciar diretamente o cotidiano universitário, uma vez que o município não abriga instituição de ensino superior, importa sublinhar que a JUC se transformou em uma das principais

incentivadoras do movimento peregrino na localidade.

A adoção de Divina Pastora e de seu santuário como um polo de peregrinação aconteceu de forma a valorizar as peculiaridades locais. A escolha do município sergipano não se concretizou por acaso. Além da matriz remeter à paisagem que Dom Luciano visitou na França, que contemplava a Catedral de Chartres e seus arredores

IMAGEM DE DIVINA PASTORA  
SENDO CARREGADA DURANTE  
PEREGRINAÇÃO.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

campesinos, cabe ressaltar a forte religiosidade presente entre os divina-pastorenses. Evidência disso pode ser vislumbrada no fato de que os devotos incorporaram de maneira inclusiva as práticas peregrinas, envolvendo, também, os sujeitos históricos de outras paragens sergipanas. Ou seja, o início das peregrinações de 1958 não teria alcançado grande êxito se os moradores hesitassem quanto às iniciativas dos jovens da JUC, liderados por Dom Luciano.

A boa receptividade dos divina-pastorenses à proposta também pode ser remetida à existência anterior de práticas semelhantes às peregrinações no município. Ao consultar o Livro de Tombo da Paróquia, percebem-se as ocorrências de procissões, festejos e outros atos celebrativos em algumas datas móveis ao longo dos anos. A tradicional festa

da padroeira, por exemplo, já acontecia no mês de novembro de 1915<sup>15</sup>. Por mais que esses encontros não se caracterizassem como uma peregrinação no sentido estrito, há de se valorizar a cultura religiosa fomentada em Divina Pastora e a disseminação de um espírito favorável a esse tipo de expressão de fé bem antes do início das caminhadas organizadas pela Igreja Católica.

Ademais, um indício possível de que as peregrinações ocupavam a vida social da localidade antes de 1958 consiste na já mencionada característica da Igreja Matriz – a chamada “igreja votiva de peregrinação”, com os corredores abertos em arcadas, construção anterior a essa data<sup>16</sup>.

Nessa medida, investigações profundas mostram-se necessárias, porém, interessa ressaltar que as manifestações culturais estão

suscetíveis a mudanças e rupturas contínuas. O próprio modelo de peregrinação proposto pelos jovens universitários e por Dom Luciano tem sofrido alterações circunstanciais ao longo do tempo. Desde os anos 1970, o contingente de participantes vem aumentando significativamente e, no universo da manifestação de fé, muitos traços considerados profanos têm sido incorporados – como exemplo, cita-se o movimento intermitente entre as barraquinhas montadas por ocasião das peregrinações, que comercializam muitos produtos não diretamente referidos ao campo religioso.

Nesse sentido, considerar o ano de 1958 como representativo de uma nova leitura da peregrinação consiste em uma hipótese viável. Além disso, cumpre reforçar que mesmo as reapropriações da JUC estiveram e estarão

PEREGRINA OBSERVA  
BARRAQUINHA.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.



passíveis de outras releituras, de atribuição de novos significados, mudanças, permanências, rupturas e continuidades no decorrer das décadas passadas e daquelas que virão.

Na atualidade, a grande peregrinação é realizada em data móvel, geralmente no terceiro domingo do mês de outubro, constituindo-se em um dos maiores eventos do calendário de festas religiosas de Sergipe, inserida também no calendário turístico estadual. É realizada com a participação das três dioceses sergipanas sediadas em Aracaju, Estância e Propriá, atraindo peregrinos de todas as partes do estado. Não se dispõe de levantamentos mais apropriados que permitam verificar o âmbito geográfico de influência desse santuário em relação a outras regiões. Informes da Arquidiocese



registram também peregrinos de Alagoas, Pernambuco e Bahia.

Durante a peregrinação de outubro de 2006, o Iphan contou com um grupo de pesquisadores que, além da observação direta durante o evento, realizou entrevistas com peregrinos e barraqueiros. A amostra possível de ser selecionada foi diminuta, devido ao pequeno número de pesquisadores (seis) frente ao universo de cerca de 100 mil peregrinos que chegavam à cidade. Além disso, durante o percurso, tornava-se difícil fazer entrevista, pois os peregrinos seguiam em oração e o próprio esforço da caminhada dificultava se estabelecer uma conversa mais longa. De qualquer forma, a pesquisa realizada na ocasião foi relevante para a indicação de alguns pontos sobre a realidade da peregrinação a Divina Pastora.

Com relação à procedência dos peregrinos, constatou-se, nas entrevistas realizadas, a presença daqueles vindos de quase todos os municípios sergipanos, sendo uma significativa percentagem oriunda de Aracaju (33%).

Além do elevado número de peregrinos, a cidade recebe também muitos barraqueiros. Na sua maioria são procedentes de Aracaju, de outros municípios sergipanos e até mesmo da Bahia e de Alagoas. A cidade é tomada por um colorido que expressa a diversidade dos produtos comercializados, tais como: brinquedos, doces, objetos sacros católicos e outras imagens religiosas que são referências a sistemas distintos em harmoniosa convivência, fitinhas, roupas, artesanato, bijuterias e os mais diversos gêneros alimentícios, em especial

melancia, sucos, refrigerantes, bebidas alcoólicas, uma mistura de símbolos e produtos ligados à cultura globalizada e ao consumo de massa, ao lado de símbolos da cultura local.

Segundo dados colhidos em 2006, na visão local, “ser barraqueiro é um bom negócio”. Ainda que tenham que pagar à prefeitura pela autorização para a abertura do comércio temporário, há aqueles que possuem vários pontos, necessitando mesmo de contratar pessoas ou pedir a parentes para “tomar conta da barraca”. Muitos pagam ao dono da casa cuja frente utilizam para montar seu negócio. Alguns participam de outras festas religiosas e/ou profanas que acontecem em outros municípios do estado de Sergipe, e até em outros estados, integrando um circuito de festas que se sucedem

PEREGRINAÇÃO EM DIVINA PASTORA.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.



ciclicamente, ao longo do ano. Somando-se aos barraqueiros, alguns moradores aproveitam a ocasião e usam a frente de suas próprias casas para expor artigos que pretendem comercializar.

Em relação ao gênero e à faixa etária dos peregrinos, não se constituem grupos específicos que façam o percurso de Riachuelo, local de início da caminhada, a Divina Pastora. A peregrinação implica a participação de pessoas pertencentes às mais distintas faixas etárias, inclusive bebês, que “peregrinam” no colo dos pais ou em carrinhos. Embora possa se supor a participação de pessoas não religiosas junto ao grupo de peregrinos engajado na romaria, como turistas, por exemplo, é legítimo afirmar que o peregrino é um devoto. Muitos fazem o percurso com pés descalços ou apenas com

sandálias do tipo havaianas. Outros, sejam idosos, adultos ou crianças, se vestem com “roupas de romeiro”: batinas nas cores roxa ou branca. Muitos ali estão como uma forma de “pagar promessa”, cumprindo votos devidos à santa.

A peregrinação a Divina Pastora é um evento considerado tradicional para a população do estado de Sergipe e, segundo a pesquisa realizada junto aos peregrinos, 50% dos entrevistados tiveram conhecimento dela em sua própria comunidade ou paróquia de origem.

Com relação ao meio de transporte utilizado, pelos dados colhidos, a maioria dos peregrinos (55,9%) chega a Divina Pastora ou a Riachuelo de ônibus, sendo que 45,5% usam veículo fretado, principalmente pelas paróquias. Muitos ônibus, e também uma minoria constituída

por caminhões paus de arara, ocupam as áreas delimitadas para estacionamento, na entrada das duas cidades – Divina Pastora e Riachuelo –, por vezes, lá permanecendo por mais de um dia.

Grande número de romeiros entrevistados (71,8%) faz o percurso entre Riachuelo e Divina Pastora a pé, ou seja, peregrinando. Há grupos pequenos que saem caminhando de Aracaju, outros até de Alagoas e da Bahia, mas o ato de peregrinar característico é justamente feito no percurso de 9 km entre as cidades de Riachuelo e Divina Pastora.

A peregrinação é uma atividade coletiva e comunitária. Raros são aqueles que empreenderam a sós o projeto. A maioria dos entrevistados (97,4%) foi à peregrinação em grupo e a companhia dos familiares é a mais frequente (44,4%).

Muitos peregrinos entrevistados (89,7%) já haviam participado anteriormente da peregrinação. Entretanto, a maioria afirmou que a primeira participação no evento acontecera há pouco tempo. 49,3% dos entrevistados frequentavam a peregrinação há cinco anos ou menos e 23,9%, entre cinco e dez anos. 59,7% dos entrevistados disseram vir participando da peregrinação todos os anos, já há um longo tempo.

Em relação às mudanças que vêm ocorrendo na peregrinação, segundo a pesquisa, parece também ocorrer um processo de transformação crescente da realidade local. A festa, como um todo, avolumou-se, o que resulta em maior animação e numa demanda crescente por maior organização. Há peregrinos que, no entanto, fizeram ressalvas ao elevado índice de “espírito de

comercialização” atual, ao mesmo tempo em que a infraestrutura para receber os romeiros deixa muito a desejar. Ou seja, o aumento do número de barracas, fator que é visto de forma positiva pela maioria dos peregrinos, também é percebido de forma negativa por alguns devotos, que apontam uma perda significativa do sentido religioso da peregrinação.

Nas barracas, os itens mais procurados pelos peregrinos são alimentos e artigos religiosos. Entretanto, há um número expressivo de peregrinos que não realiza compras, correspondendo àqueles indivíduos com níveis mais baixos de escolaridade, sem instrução formal ou com nível fundamental incompleto. Muitos, percebidos como mais pobres, carregam à cabeça garrações de água e bolsas grandes que contêm comida. O fato de

não disporem de recursos para consumo de alimentos não os priva, no entanto, de cumprir com aquilo que identificam como uma “obrigação religiosa”.

Embora exista anualmente uma data específica, quando acontece a grande romaria, ao longo de todo o ano, grupos menores acorrem ao Santuário da Divina Pastora para praticar atos piedosos e pagar promessas, repetindo o que ocorre em outros centros de peregrinação. Cumprem o mesmo ritual de caminhada, ofertas e pagamentos de votos, missa e visita de adoração à imagem da santa. Não tem, contudo, o caráter espetacular e as proporções que o evento coletivo adquire no mês de outubro, fazendo com que esta seja a data conhecida como da Peregrinação à Divina Pastora. ■



## O LUGAR DA PEREGRINAÇÃO NO CALENDÁRIO DE FESTAS DA CIDADE

No calendário de festas da cidade de Divina Pastora, a Peregrinação de outubro é, sem sombra de dúvida, um acontecimento marcante. Com população estimada de cerca de 1.900 habitantes<sup>17</sup>, a cidade recebe, no espaço de dois dias, sobretudo no domingo, peregrinos cujo número é avaliado em 100 mil pessoas<sup>18</sup>. Tanto pela magnitude, quanto pelo envolvimento da população aí residente, a Peregrinação é o maior evento festivo da localidade, segundo a avaliação dos divina-pastorenses, dentre os quais muitas rendeiras.

Na sequência de festas, enumeradas pelo grau de importância que representam para a comunidade local, se coloca em primeiro lugar a Peregrinação, realizada em outubro, seguida da festa à Padroeira Nossa Senhora Divina Pastora, que acontece logo

QUADRINHOS À VENDA EM BARRAQUINHA DURANTE PEREGRINAÇÃO.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

após, no mês de novembro, e da Festa de São Benedito, celebrada em fevereiro. Com menor destaque, são lembrados o Natal e a Festa do Sagrado Coração de Jesus.

Quando inquiridas sobre o porquê de duas celebrações tão próximas dedicadas a Nossa Senhora Divina Pastora, as pessoas argumentam que a festa da padroeira é mais para o povo da cidade, embora também costume

atrair divina-pastorenses que emigraram e moram nas cidades próximas, sendo realizada com novenas, missa e procissão. Já a Peregrinação é festa para o povo de fora, gente de todo lugar que vem pedir proteção e pagar promessas feitas à santa. Com esse caráter de “festa para o povo do lugar” e “festa para o povo de fora”, a Divina Pastora é celebrada duplamente na cidade que traz o seu nome.

Também integrando o calendário de festas, embora não possua caráter religioso, acrescenta-se a Cavalgada. O evento é fartamente noticiado na mídia de Aracaju, amiúde citado como o maior acontecimento sem vínculo com o campo religioso local, constituindo-se num grande deslocamento de pessoas a cavalo, que vão a algum povoado do município



IMAGENS DE SANTO À VENDA  
EM BARRAQUINHA DURANTE  
PEREGRINAÇÃO.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.



(Bonfim, por exemplo), ou à vizinha cidade de Santa Rosa, e de lá retornam a Divina Pastora, com grande animação.

Além da Cavalgada, shows realizados por cantores e/ou bandas de músicas inserem-se no calendário festivo do estado, certamente sob influência da moda *country*, que tem tido grande aceitação em Sergipe, mobilizando não só a cidade de Divina Pastora, mas sobretudo as pequenas e médias cidades do interior. A mídia, especialmente na capital, também noticia esses eventos integrantes de uma bem montada indústria de diversão, que tem encontrado nos órgãos públicos de vários municípios sergipanos patrocínio e/ou apoios. ■

## RENDAS, RENDEIRAS E PEREGRINAÇÃO

**C**atólicas em sua grande maioria, as rendeiras mantêm com a Peregrinação e com Nossa Senhora Divina Pastora relações de proximidade muito acentuada. A participação no ato de peregrinar, deslocando-se até a cidade de Riachuelo, onde se inicia a caminhada que avança pelas sucessivas ladeiras até chegar à igreja para assistir missa, é indicativo de uma relação de promessa.

Assim age, há muitos anos, por exemplo, uma rendeira, em pagamento de um voto validado pela santa que restituiu a saúde de um sobrinho. Uma segunda rendeira, Ana Célia, depositou no Cruzeiro, monumento que acolhe os ex-votos dos peregrinos, a reprodução de um pé feito em madeira por um dos membros da família, como contrapartida da graça de Deus, alcançada por intermédio da santa, cuja intercessão, num verdadeiro milagre, fez com que se tornasse desnecessária a amputação da perna de sua avó, internada em hospital para tal finalidade. Ao relatar o milagre, a rendeira fala com ênfase e enaltece a força da fé e dos poderes da Virgem que, atendendo seu pedido, atuou em benefício de sua avó, a qual, não obstante, não professava a fé católica, sendo protestante. Os poderes da santa são ressaltados pela

rendeira Cris, vitimada por uma prolongada hemorragia de olhos, da qual se viu inesperadamente curada após ter implorado com fervor o auxílio da Divina Pastora.

Não apenas no campo da saúde o apelo a Nossa Senhora opera maravilhas, segundo as rendeiras. Relatando um lucrativo negócio com a renda irlandesa, Maria da Graça recorda que certa manhã, ainda jovem, estava com muita costura pronta e sem ter como vender, quando viu parar um carro nas imediações da igreja. Imediatamente a rendeira dirigiu uma súplica à Divina Pastora pedindo compradores. Desceu do carro um casal, formado por uma americana e um brasileiro que, não só lhe comprou todo o estoque como, com ela, iniciou uma lucrativa transação em que encomendas chegavam frequentemente e em grande quantidade, sendo muito bem pagas.





ANDOR SENDO DECORADO PARA PEREGRINAÇÃO.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

Destinavam-se a uma casa de modas nos Estados Unidos, o que lhe trouxe bons lucros, interrompidos tempos depois, tão abruptamente como a transação começara.

Ao relatar os milagres atribuídos à Divina Pastora, as rendeiras põem em destaque a relação pessoal com a santa, corroborando a colocação de Roberto DaMatta, ao refletir sobre o catolicismo brasileiro:

“Realmente, que é o milagre senão uma resposta dos deuses a uma súplica desesperada dos homens, na forma de um atendimento pessoal e intransferível? O milagre é prova de um ciclo de troca que envolve pessoas e entidades sobrenaturais na forma de desejos, motivações, sentimentos e vários objetos, alguns inclusive com a forma da parte que foi curada – prova cabal da realização do milagre ou da graça, finalmente, obtida. Essa

BARRAQUINHA DE DOCES.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

personalidade existente no catolicismo popular, como vemos, é singular. Ela parece produzir, no plano religioso, essa enorme ênfase nas relações pessoais que dão um sentido profundo a nosso mundo social”<sup>19</sup>.

A relação das rendeiras com a santa se constitui de muitos gestos de reverência, que têm modos diferentes de se expressar. Para umas, como Clédia, reflete-se nos cuidados diários com seu templo: varrer, espanar, abrir janelas para ventilar, renovar flores no altar, acender velas, cuidar das toalhas dos altares e dos paramentos que adornam os sacerdotes nos rituais sagrados.

Nas arcas da sacristia há toalhas de altares tecidas integralmente ou com detalhes em renda, frutos do trabalho de diversas rendeiras ofertados à santa. Na cidade, há sempre rendeiras produzindo estolas ou toalhas de altares a serem



oferecidas à Igreja da Divina Pastora, ou para serem vendidas para outros lugares. Por ocasião da pesquisa, três rendeiras contratadas trabalhavam especificamente na produção de peças dessa natureza. Uma outra, de maiores posses, prometia fazer uma toalha para ofertar à igreja, ora em processo de restauração, na reabertura para a comunidade. Seria uma forma de se colocar sob a proteção da Virgem ao reiniciar a atividade de distribuidora de costura para outras rendeiras, à qual tencionava retornar, depois de alguns anos afastada dessa lida, e que já lhe rendera bons lucros.

As histórias de milagres e obtenção de graças contadas pelas rendeiras apenas exemplificam o que se passa no plano geral, em que peregrinos, vindos de longe e de perto, adentram a cidade a pé, carregando nas mãos os objetos que expressam sua

fé. Velas, flores, fitas, fogos e esculturas que reproduzem partes do corpo são alguns exemplos. O “traje de peregrino”, comprida bata com que chegam à cidade, é amarrado no Cruzeiro ou depositado em sua base; os pés descalços, escaldados no asfalto quente da rodovia e machucados no calçamento irregular da cidade são sinais de graças alcançadas e da devoção incontestada à Virgem.

Em face da vinculação visceral das rendeiras à Peregrinação e ao culto à Divina Pastora, percebe-se a importância da visibilidade da renda irlandesa durante os dois dias em que a cidade se enche de peregrinos.

Contando com tantos paramentos à disposição na igreja, nada mais natural que o espaço onde acontecem as cerimônias religiosas, sobretudo o altar onde se celebram as missas, seja

decorado com toalhas e outras peças de renda de confecção local.

Essa visibilidade ritual não se repete nos espaços onde a renda poderia apresentar-se como uma mercadoria a ser comprada. Embora o comércio da festa seja muito variado e comporte itens como diferentes peças bordadas em ponto de cruz e redendê, a renda irlandesa não aparece nas barracas de rua que ladeiam a passarela dos peregrinos, ou seja, a via que liga o Cruzeiro à Igreja Matriz, ponto de maior concentração do comércio da festa.

A despeito da possibilidade de se localizar, durante a Peregrinação, rendeiras que, tendo costura para ser vendida, logo se disponham a mostrá-la e a negociar com o interessado, o que chama atenção é que muitas artesãs se concentram na preparação e venda de comida aos peregrinos, reservando à renda irlandesa um espaço de



comercialização menor, de menos visibilidade no conjunto dos artigos feitos mercadoria, durante os festejos religiosos.

A comida é um dos itens fundamentais em torno dos quais gira o comércio da festa. Seja a “comida de sustança”, em que feijão, farinha e carne apontam para a continuidade com o cotidiano, seja a “comida ligeira”, que apenas “engana a fome”, evocando a transitoriedade do momento. Nas barracas de rua, nos tabuleiros à beira das calçadas e nos carrinhos que circulam pelo espaço da festa, encontra-se à venda uma grande variedade de comidas salgadas e doces. No comércio de rua estão, em geral, comerciantes de fora que se deslocam para a cidade aproveitando a gigantesca concentração de 100 mil pessoas para alimentar e pronta a consumir. Muitos divina-pastorenses usam

o espaço da própria casa como base para produção e venda de comida, atividade desenvolvida também por várias rendeiras.

Nesse contexto, a comida não se reduz a simples mercadoria, da qual é possível auferir lucros. Ela é parte inseparável de um sistema articulado de relações sociais e de significados coletivamente partilhados<sup>20</sup>. Se comer é um ato concreto destinado à saciedade da fome do corpo, o modo como se consome a comida é, sobretudo, ato de sociabilidade carregado de símbolos.

As rendeiras não se limitam a vender a comida; elas abrem suas casas aos peregrinos. O almoço é servido na sala de jantar, com os comensais sentados em volta da mesa, como se fossem uma família. A curtos intervalos de tempo se renova a mesa, pois quem acaba de almoçar cede

lugar a uma outra pessoa ou a um grupo de conhecidos, ou de desconhecidos, que, acomodados no sofá da sala de visitas, esperam para se servir. É sabido que comer junto, participar do consumo coletivo de alimentos em situações festivas, reforça solidariedades grupais, expõe interesses comuns e, no caso presente, indica que são todos peregrinos, irmanados pela mesma fé, sentimento avivado pelas regras de comensalidade.

Nessa ocasião, o que se come é a comida de todo dia: feijão, carne, arroz, macarrão, verduras, acompanhados de refrigerante. Essa comida está especialmente revestida, porém, de uma capa simbólica que a torna um cimento de solidariedade e une comensais, participantes de uma experiência comum, lastreados no mesmo código de crenças e práticas religiosas.

EX-VOTOS.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

Atuando como vendedoras de comida num momento tão especial da vida ritual de toda a cidade, as rendeiras, que já teceram os paramentos dos celebrantes e as tolhas dos altares da Igreja da Divina Pastora, uma vez mais, se revelam devotas da santa.

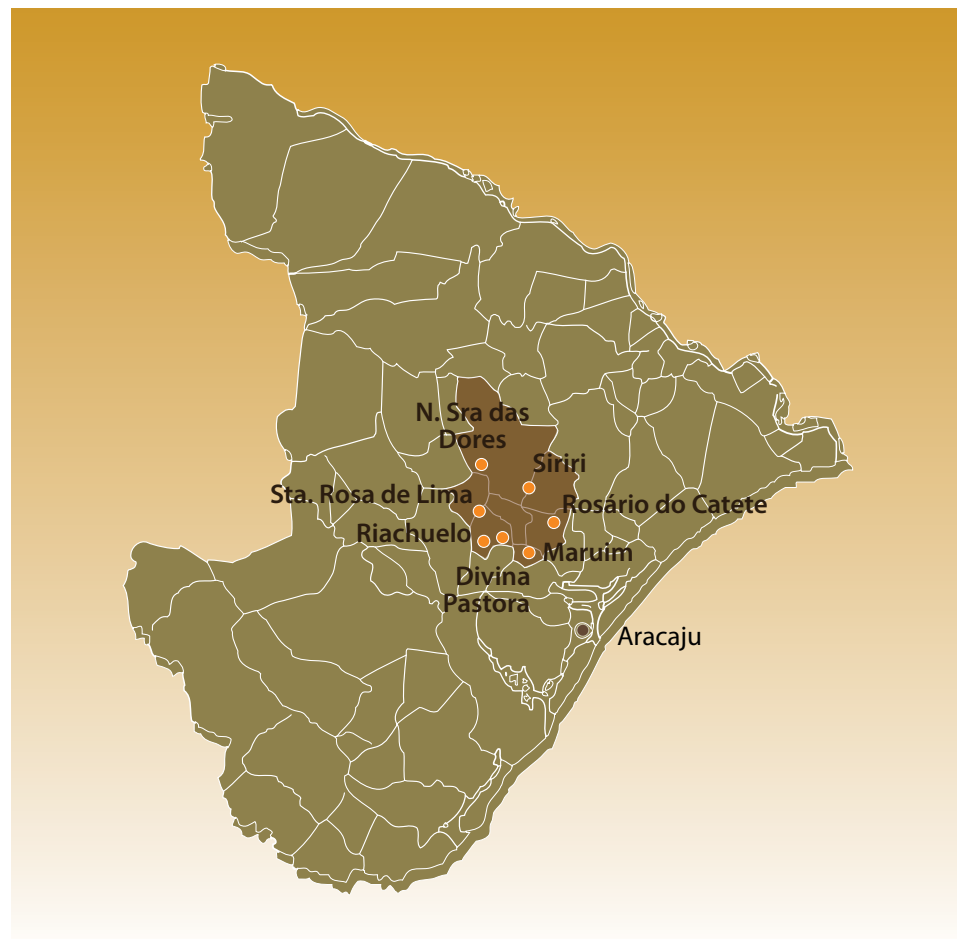
A Peregrinação, segundo a lógica das rendeiras, parece não ser o momento adequado para negociar renda, embora isso possa vir a acontecer. Outros interesses, imediatos e até mesmo mais lucrativos, podem se revelar na ocasião, sobrepondo-se à comercialização da renda e se articulando diretamente com os propósitos da peregrinação. A tradição cristã, que remete ao ideal de caridade no apoio aos romeiros, pode ser ativada como justificativa para o comércio de comida pelas rendeiras. ■



## APRESENTANDO A CIDADE DE DIVINA PASTORA

MAPA DE SERGIPE COM  
LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO  
DE DIVINA PASTORA E SEUS  
MUNICÍPIOS LÍMITROFES.

O município de Divina Pastora, criado em 1938, desenvolveu-se a partir do povoado de Ladeira, cujas origens remontam ao final do século XVIII. A denominação de Divina Pastora se deve à devoção de origem europeia, introduzida pelos portugueses em 1782. O município localiza-se na região central do estado de Sergipe e ocupa atualmente uma área de 93 quilômetros quadrados. Limita-se com os municípios de Santa Rosa de Lima, Riachuelo, Nossa Senhora das Dores, Rosário do Catete e Maruim. Dista 39 quilômetros de Aracaju, capital do estado, à qual se interliga por via rodoviária, a BR-101, extensão de estrada estadual asfaltada. O município é servido por linha regular de ônibus diário e por viaturas menores que fazem o percurso em aproximadamente cinquenta minutos, ligando-o à capital.





Como parte do processo de ocupação colonial que atingiu o território sergipano no final do século XVI, Divina Pastora, segundo alguns historiadores, teria surgido de um curral de gado com a denominação inicial de Ladeira. Foi, porém, a atividade açucareira, que posteriormente aí se desenvolveu, que deixou marcas fortes na feição socioeconômica e cultural da região.

A área territorial do município se situa à margem esquerda do rio Sergipe, no eixo do planalto, com terrenos levemente acidentados. Faz parte da região Cotinguiba, que historicamente se constituiu de uma destacada zona da agroindústria do açúcar. Banhada por rios como Sergipe, Maniçoba, Siriri, Ganhamoroba e Cassange, em seus terrenos de massapê floresceu, no passado, uma grande quantidade de engenhos,

o que resultou em concentração de negros escravos com visível participação na composição étnica da população atual.

Durante o século XIX, foi registrada a presença de mais de três dezenas de engenhos movidos a vapor ou a tração animal, gerando a riqueza da pequena aristocracia local, cuja vida com seus personagens próprios foi registrada em livro que fornece uma versão específica dessa sociedade patriarcal <sup>21</sup>.

Os engenhos desapareceram, restando hoje as ruínas de antigas edificações e canaviais, transformados em fornecedores de matéria-prima para a Usina São José do Pinheiro, localizada no município de Laranjeiras.

Antigos engenhos são lembrados com frequência por muitas rendeiras, cujas famílias se vinculavam à área rural, constituindo-se em constantes e

significativas referências em suas histórias de vida, embora no final da década de 1940 apenas duas usinas, São Félix e Vassouras, persistissem no município <sup>22</sup>.

As transformações que atingiram a zona canavieira sergipana após a abolição da escravatura, a decadência da agroindústria do açúcar e, mais especificamente, as mudanças que se introduziram na zona do Cotinguiba, com a exploração do petróleo que se iniciou no final da década de 1960, alteraram as bases econômicas da região. Antigos engenhos foram transformados em pastagens para o gado ou em lavouras de subsistência, persistindo, contudo, muitos dos nomes das antigas unidades rurais que hoje denominam novas realidades sociais, como os assentamentos de trabalhadores sem-terra, a exemplo de Flor

TOALHA ASDEREN, COM PAISAGEM  
DA FAZENDA SÃO JOAQUIM.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.



do Mucuri, localizado à beira da pista asfaltada que dá acesso à sede municipal, sediado no local do antigo engenho do mesmo nome.

A população total do município é de aproximadamente 3.655 mil habitantes, conforme dados do IBGE referentes a 2005; já o Censo Demográfico do ano 2000 aponta que a população urbana era de 1.849, o equivalente a 56,6 % dos habitantes, enquanto a rural correspondia aos 43,4 % restantes, ou seja, 1.417 habitantes.

Na atualidade, as atividades econômicas giram em torno da lavoura de cana-de-açúcar e de produtos de subsistência, pecuária de abate, destacando-se gado bovino, extração de petróleo e de outros recursos minerais de menor significação econômica, como argila e areia. Os *royalties* pagos pela Petrobrás devido à exploração do petróleo constituem importante

fonte de recursos para o município. Sem indústrias e sem modernização no campo, porém, a população tem poucas oportunidades de trabalho.

A exemplo de vários outros municípios sergipanos, em Divina Pastora, a prefeitura municipal é o grande empregador local. A falta de oportunidade de trabalho faz com que parte da população migre ou trabalhe em Aracaju ou em outros municípios vizinhos, sobretudo a população masculina, enquanto as mulheres têm na renda irlandesa uma importante alternativa de geração de renda.

A atividade comercial é muito reduzida no município, onde se registra não mais que vinte pequenos estabelecimentos comerciais e nenhuma agência bancária. A proximidade de cidades vizinhas, mais bem-equipadas, inibiu a vida urbana de Divina Pastora. Esta dista

apenas nove quilômetros de Riachuelo; oito, de Santa Rosa de Lima; II, de Siriri; dezanove, de Rosário do Catete e 31 quilômetros de Nossa Senhora das Dores. Aracaju, situada a quase quarenta quilômetros, constitui-se no local mais procurado pela população para resolução de problemas e busca de serviços de naturezas diversas.

Devido à exiguidade do território do estado e a uma malha viária que priorizou as ligações do interior com a capital, Aracaju apresenta-se não só como o principal centro urbano de Sergipe como tem uma acentuada primazia em relação a todo o território sergipano e mesmo a áreas limítrofes da Bahia e de Alagoas, sobre as quais exerce destacadas funções econômicas, educacionais e de lazer. Essa centralização excessiva vem conduzindo a um esvaziamento e marginalidade do

restante do estado, que registra grandes disparidades em relação à capital<sup>23</sup>. É para Aracaju que se deslocam as rendeiras para comprar matéria-prima; é de lá que vem a maior parte das encomendas e é onde se encontram os técnicos vinculados às entidades que lhes dão apoio em suas atividades.

Em Divina Pastora, uma feira semanal realizada aos sábados movimentava os pequenos produtores da agricultura de subsistência, que se deslocam para a sede municipal, onde se abastecem e resolvem os problemas mais imediatos, constituindo-se a feira num evento de transações comerciais e de convívio social.

A educação é ministrada através das redes estadual e municipal. O município põe à disposição da comunidade creches, pré-escola e aulas das quatro primeiras séries do ensino fundamental.

A rede estadual funciona com cursos da primeira à oitava série do fundamental. Já o ensino médio é disponível apenas em cidades vizinhas, ou em Aracaju.

Quanto à evolução político-administrativa de Divina Pastora, importa destacar a antiga nomenclatura de Povoação da Ladeira. Após permanecer com o título oficial de freguesia por mais de um século, a localidade tornou-se distrito administrativo nos idos de 1833. Transcorridos três anos, mais precisamente no dia 12 de março de 1836, a lei provincial estabeleceu a Vila de Divina Pastora, desmembrando a povoação de Maruim. Já no século XX, ao longo das diferentes divisões estaduais, o município divina-pastoreense alternou-se entre as comarcas de Laranjeiras (1938), Maruim (1944) e Riachuelo (1954)<sup>24</sup>. Atualmente, o município de Divina Pastora

abarcava somente o distrito sede; ademais, registra-se a existência dos povoados de Maniçoba e Bonfim, este último com relativo dinamismo.

Como acontece com boa parte das cidades da região do Cotinguiba, a sede municipal de Divina Pastora pouco se desenvolveu nos últimos tempos, embora a cidade cresça espacialmente devido aos conjuntos habitacionais construídos pelo governo federal. O traçado mais antigo do pequeno aglomerado urbano está direcionado para as praças centrais localizadas na parte alta da cidade, onde se situam os edifícios públicos mais importantes: a prefeitura e os órgãos da administração municipal, estadual e federal, a câmara, um dos postos de saúde e, com destaque, a Igreja Matriz, de arquitetura e proporções avantajadas que se sobressaem ao casario baixo e de aparência simples que marca a cidade. ■



ABAIXO

FOTO DE D. SINHÁ.

FONTE: CEDRAN, 1979.

EMBAIXO

RENDEIRA MOSTRANDO SEU TRABALHO.

FONTE: CEDRAN, 1979.

RENDEIRA MOSTRANDO SEU TRABALHO.

FONTE: CEDRAN, 1979.

AO LADO

PEÇA DE RENDA IRLANDESA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

## A RENDA NA CIDADE: HISTÓRIAS DA ORIGEM



A busca pelas origens é sempre um desafio a mover a curiosidade dos homens. Com a renda irlandesa não é diferente. A vinculação estabelecida pela denominação da renda a um país europeu, sem laços conhecidos com a história e a formação cultural do Brasil, mais acirra a curiosidade das pessoas. Por que irlandesa? Veio mesmo da Irlanda? Como e quando?

Essas são questões que diferentes segmentos sociais se colocam e procuram responder com as mais diferentes versões. Os mais eruditos buscam reatar laços com as antigas tradições dos ofícios europeus e remontam a história das rendas através dos tempos. Uns a vinculam diretamente às rendas de Milão<sup>25</sup>, enquanto outros a consideram mais estreitamente associada às mudanças que se seguem à



revolução industrial e ao papel das freiras na educação feminina no Brasil. Assim afirma Isa Maia:

“No que se refere ao termo irlandesa, há fundamento histórico no seguinte fato: entre as tentativas para evitar o desaparecimento da renda com a revolução industrial, várias iniciativas surgiram a partir de 1872, sob a proteção de Margarida de Savóia, entre as quais o estímulo deste tipo de artesanato nos conventos irlandeses. Sabe-se, por outro lado, que as religiosas estrangeiras foram as principais responsáveis pela educação no Brasil até meados deste século, influenciando, de forma significativa, nos tipos de trabalhos ensinados às alunas. Daí a correlação da renda elaborada em conventos irlandeses e sua difusão, chegando até aqui com esta designação”<sup>26</sup>.



Durante o século XIX, período em que a influência francesa marcou mais fortemente a sociedade brasileira, entre os livros importados se incluíam obras destinadas a ensinar às mulheres uma grande variedade de trabalhos à mão. Dentre estes destacava-se a *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*, publicado por Thérèse de Dillmont, com tradução em várias línguas europeias. Era da versão francesa que as freiras e as sinhás mais frequentemente se serviam para aprender os trabalhos manuais, registrados com detalhes através do texto escrito e das muitas ilustrações sobre instrumental, materiais, riscos e pontos, que permitiam a execução das rendas e dos bordados.

Entre as modalidades de trabalhos incluídos nessa obra, consta a renda irlandesa, apresentada como uma das mais difundidas entre as damas europeias

e cujo material básico, o lacê, se constituía numa especialidade das manufaturas inglesas<sup>27</sup>. É, portanto, nesse contexto de múltiplas influências europeias sobre a sociedade brasileira do século XIX e da circularidade dos saberes entre diferentes segmentos sociais<sup>28</sup> que se situa a introdução da renda irlandesa em Divina Pastora.

Não há apenas uma versão sobre a origem local da renda, mas dentre todas uma é mais difundida. Está registrada por Lourdes Cedran num catálogo de exposição que se constitui talvez no mais antigo registro bibliográfico sobre a renda irlandesa em Divina Pastora, atingindo público mais amplo. Com base em depoimentos das rendeiras colhidos no final da década de 1970, a autora escreveu:

“Fomos informados de que a pessoa que introduziu a renda

irlandesa em Sergipe foi Da. Ana Rolemberg, já falecida, que aprendeu com Da. Violeta Sayão Dantas e a ensinou a Júlia Franco. Esta, por sua vez, a transmitiu a Marocas, Ercília, e Sinhá. Estas últimas três mulheres, já beirando os oitenta anos, ensinam até hoje o ofício da renda a quase todas as outras artesãs de Divina Pastora”<sup>29</sup>.

As personagens envolvidas nas teias da origem da renda irlandesa em Divina Pastora remetem à diferenciação social vigente na cidade, por volta do início do século XX, época em que possivelmente a renda foi aí introduzida. Dona Ana Rolemberg é integrante de uma proeminente família de senhores de engenhos que se espalhavam pelos vales onde floresceu a atividade açucareira, destacando-se, em Divina Pastora, ainda no século XIX, como senhores das terras do São Joaquim,



ALVA COM DETALHES EM RENDA.  
DETALHE DE FOTO.  
FOTO: MARCEL NAUER.



de Conceição e Mato Grosso e, já nos meados do século XX, como proprietários de muitas fazendas<sup>30</sup>.

A importância dos trabalhos de agulha na vida das casas-grandes está registrada por vários autores desde o período do Brasil colônia, tendo merecido a atenção de artistas viajantes que os representaram em suas telas, nas quais senhoras e escravas dividem o espaço doméstico na elaboração das rendas e dos bordados. Abolida a escravidão, as relações entre as pessoas ganham novo estatuto jurídico, mas os vínculos formados na convivência diária se prolongam, reelaborando-se novas formas de dependência e/ou colaboração. Os ofícios e artes manuais são exercidos por homens e mulheres livres, muitos dos quais vivem à sombra dos antigos senhores, não mais proprietários de escravos, mas de gente e de terras que cedem para o plantio e aos

quais se ligam por muitos laços, alguns deles mais apertados pelos filhos gerados fora do casamento.

Segundo Orlando Dantas, após a abolição, a Vila de Divina Pastora, se encheu de “trabalhadores agrícolas que cortejavam os senhores e senhoras, em condição semelhante a de servos de gleba, sempre agradecidos por um lugarzinho ao sol ameno da Vila”<sup>31</sup>. É nesse ambiente social que a renda irlandesa é introduzida na cidade, envolvendo senhoras da aristocracia local e pessoas das camadas sociais inferiores a elas relacionadas. Esse momento inaugural é lembrado por descendentes de Ana Rolemberg, conforme depoimentos colhidos em pesquisa, no início da década de 1990:

“Ana Dias Rolemberg (Donana), tia avó da minha informante, trouxe da Europa um pano que



achou muito bonito. Chegando em Aracaju, mostrou a uma contraparente negra chamada Juli Franco Maior. Era muito habilidosa e juntas tentaram ver se descobriam a técnica. Para isso tiveram que desmanchar um pedacinho. Juli morava em Divina Pastora e para lá levou a idéia, que passou para Marocas, mulata também habilidosa, tornando-se esta a primeira professora de Renda Irlandesa.

Ensinou a toda família, constituída de sobrinhas, cunhadas e uma irmã mais moça chamada Ernestina Santos (Sinhá) que ainda é viva”<sup>32</sup>.

Com pequenas variantes, essa é a narrativa que tem sido registrada pelos pesquisadores que se ocupam do estudo da renda<sup>33</sup>. De forma análoga, a versão hoje recolhida junto a rendeiras sexagenárias, muitas das quais incluem em suas histórias de vida

AO LADO

TOALHA DE ALTAR.

FOTO: ROSANGELA BARRETO.

ABAIXO

RENDA EM ELABORAÇÃO.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA

SANTOS

passagens pelos antigos engenhos, repete em linhas gerais aquela registrada por Lourdes Cedran, em que as três irmãs – Marocas (Maria Engrácia), Sinhá (Ercília) e Dina (Berenice) – aprenderam a técnica e a teriam difundido entre mulheres da cidade. Esta é a versão hegemônica, que vigora entre rendeiras que moram na parte alta e giram em torno das descendentes da tríade de mulheres a que se atribui a disseminação da renda irlandesa em Divina Pastora.

Não raro, outros nomes são evocados ao se falar da história da renda, legitimando-se com eles outros grupos de organização de rendeiras hoje atuantes na cidade, em que antigas mestras têm lugar de destaque no imaginário local. Sinhá, por exemplo, remetia a uma mulher chamada Aurélia como sua mestra; Maria José, mais conhecida como Dé, é referência para outras

tantas. No conjunto, formaram-se cadeias em que mestras e aprendizes se desdobravam para criar outras cadeias perpetuadoras da técnica trazida da velha Europa, passada e repassada pelas mãos de centenas de mulheres brancas, negras e mestiças, portanto, de diferentes matizes étnicos e sociais.

A Igreja Católica também traz a si a origem e o desenvolvimento da renda irlandesa em Divina



Pastora, onde o produto se encontra referenciado à atuação destacada no município. Ainda na década de 1970, por iniciativa eclesiástica, foi desenvolvida uma experiência de reforma agrária pela implantação de fazendas comunitárias, experiência extensiva também a municípios vizinhos. Do conjunto de ações visando o desenvolvimento das comunidades de base, urge sublinhar as obras sociais que se concretizaram no âmbito do Centro Social Dom Távora, em Divina Pastora. Ao se estruturar a partir de três setores principais – no caso, saúde, educação e promoção humana –, a organização fazia prestação de serviços médico-ambulatoriais, oferecia abrigo para idosos, escola maternal e biblioteca destinada ao público em geral, além de cursos de pintura, datilografia, horticultura, corte e costura, dentre outros.





AO LADO

DETALHE DE TOALHA DE ALTAR.

FOTO: ROSANGELA BARRETO.

À DIREITA

PEÇA DE RENDA IRLANDESA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

“Sendo a renda irlandesa a especialidade de Divina Pastora, todas as moças e meninas a partir de oito anos estão diariamente trabalhando nas encomendas que recebem para lindas colchas, toalha de mesa, panos de bandeja, golas e vestidinhos de crianças etc. É o ganha pão da maioria das mães. Igualmente, têm procura em nossa cidade os bordados para roupinhas de recém-nascidos”<sup>35</sup>.

Apesar de remontar a outra temporalidade, esse fragmento de texto consegue se articular à dimensão do tempo presente. Isso porque o trecho transcrito trata de um saber que se transmite entre as gerações, cujas atoras principais conseguem (re)inventar criativamente as peças de renda tão bem sumarizadas no relatório. Nessa medida, as menções ao trabalho que se inicia ainda na idade infantil, passando pelo modo

Fundado em 16 de junho de 1968, e à época já reconhecido como de utilidade pública estadual<sup>34</sup>, o Centro Social Dom Távora aglutinava em sua direção as religiosas da Casa das Irmãs de Sion. Lideradas pela canadense irmã Katherine Briske, seu corpo eclesialístico trabalhava junto aos divina-pastorenses com o intuito de melhor atender à comunidade. Ao final de cada ano, eram organizados

sistemáticos relatórios das principais ações desenvolvidas no município. Grande parte dos documentos encontra-se disponível na Casa Paroquial de Divina Pastora. Em meio à pluralidade de iniciativas realizadas, consta que o Centro Social Dom Távora empreendeu esforços de forma a valorizar a produção artesanal da renda irlandesa. O Relatório de Atividades do ano de 1980 registra que:

de subsistência das rendeiras, bem como a referência à ampla difusão dessa arte no cotidiano de Divina Pastora, guardam profundas ressonâncias nos dias atuais.

Além dos relatórios de atividade anuais, cumpre ressaltar a existência de outros documentos que patenteiam as relações estabelecidas entre as rendeiras e o Centro Social. O termo “Clube da Renda Irlandesa” aparece em vários documentos guardados na Casa Paroquial de Divina Pastora, englobando temáticas relativas ao universo da renda, que se diversificam entre cursos oferecidos, produtos à venda, matéria-prima necessária e quantias arrecadadas com a venda das peças; isso sem mencionar as listas que traçam os perfis das artesãs e os nomes daquelas responsáveis pelos famosos debuxos. Enfim, um instigante campo de pesquisa se



abre para que novas considerações a respeito dessa história secular sejam (re)conhecidas. Histórias estas que, tanto em tempos passados como ainda hoje, são tecidas pelas mãos das próprias rendeiras.

Na atualidade, as rendeiras de Divina Pastora, em sua maioria de origem popular, oriundas dos extratos inferiores da sociedade local, preocupadas em fazer e vender a renda, não deixam, no entanto,

de pensar nas origens remotas de seu fazer. A esse respeito, quando buscam explicar os princípios da renda irlandesa no local, recorrem à memória e à tradição que vão aos poucos se cristalizando, aos nomes das pessoas que teriam introduzido a renda na cidade e disseminado a técnica entre elas. Algumas incorporaram as explicações dos eruditos sobre o papel das freiras na introdução da renda da cidade. ■

## O OFÍCIO DAS RENDEIRAS: RENDAS, BORDADOS E SUAS CLASSIFICAÇÕES

**D**efinir renda não é tarefa muito simples. Melhor começar por distingui-la dos bordados, com os quais muitas vezes se confunde. Estes são executados sobre um tecido preexistente no qual se aplicam os pontos que adornam a peça. Às vezes, são pontos cortados que dão a certos bordados o aspecto de rendilhado, causando a impressão de ser uma renda. A renda é porém uma construção a partir de fios e, às vezes, também de fitilhos ou cordões, sendo a decoração a execução da própria peça. A renda é, portanto, parte constitutiva do próprio tecido. Para Georgina O'Hara:

"A renda é um tecido com padrão de orifícios e desenhos feitos à mão ou à máquina. Os dois tipos mais comuns são a renda de bilro ou a renda de agulha. A de bilros é criada pela manipulação

de numerosos fios, cada um deles preso a um bilro, sendo em geral trabalhada sobre uma almofada. A de agulha é confeccionada dando-se laçadas com o fio (estando uma extremidade presa a uma agulha e outra presa a uma base) em pontos simples ou complexos, o que resulta num padrão ou desenho preestabelecido"<sup>36</sup>.

As rendas de agulha, como mostra Nair Maria Becker, no livro *Rendas: manual de tecnologia*, apresentam grande variedade de tipos e se dividem em dois grupos básicos: rendas de agulha feitas com linhas (por exemplo: Veneza, Colbert, Alençon) e rendas de agulha feitas com fitilho (Renascença, Milão, Bruges, dentre outras). Ao tratar das rendas de agulha, assim a autora se expressa: "Essas rendas, originárias dos Países Baixos, norte da Itália, Inglaterra e França, são na realidade combinações de fitilhos ligados por pontos de

enchimento e de ligação, barretas e picôs da renda de Veneza, executada sobre uma tela desenhada"<sup>37</sup>.

A técnica da renda de agulha e fitilho, portanto, é baseada na associação da fita estreita presa a uma base e a execução de uma variedade de pontos de agulha que preenchem os espaços vazios formados pela fita que lhes serve de sustentação. Esta é a técnica hoje desenvolvida pelas rendeiras de Divina Pastora, que simplesmente substituíram o fitilho por um cordão achatado – o lacê. Desse modo, essa modalidade se encaixa entre as rendas de agulha feitas com fitilhos, segundo as classificações dos especialistas. Esta técnica está descrita, como anteriormente explicado, na *Encyclopédie des Ouvrages de Dames*, que destaca a importância da renda irlandesa e descreve seu processo de confecção e ensino<sup>38</sup>, muito semelhante àquele que





PEÇA DE RENDA IRLANDESA.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

hoje pode ser verificado entre as rendeiras de Divina Pastora.

Um olhar mais atento sobre as ilustrações desses livros destinados ao ensino das rendas permite neles identificar muitos motivos, pontos e artifícios que estão presentes atualmente nos trabalhos das rendeiras de Divina Pastora, que, no entanto, desconhecem essas obras, mas cujos saberes, atravessando gerações, se transmitem por via da oralidade e da imitação.

Embora a renda irlandesa de Divina Pastora esteja historicamente vinculada a tradições europeias específicas e se encaixe na grande categoria das rendas de agulha feitas com fitilho, é importante vê-la em seu significado e contexto atuais. Como tal, é resultado de um processo de construção local que incorporou, ao longo do tempo, influências de múltiplas





À ESQUERDA

DEBUXOS DE RENDA.

FOTO: GRACYANNE FREIRE  
DE ARAÚJO.

ABAIXO

VARIÉDADES DE RENDAS.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE  
ARAÚJO.

tradições culturais, atualizadas por atores sociais diversos, como donos de armazéns, fazedoras de enxovais, comerciantes de costuras, consumidores e, sobretudo, rendeiras.

Detentoras de saberes específicos, colocadas diante da multiplicidade de artigos de passamanaria têxtil que estão à disposição e sujeitas às encomendas que lhes são feitas, agem como o

*bricoleur*, fazendo seleções, ajustes, cortes, adaptações, criações e recriações, num processo de bricolagem, no sentido em que o termo é usado por Claude Lévi-Strauss<sup>39</sup>. Empregado de modo magistral no estudo dos mitos indígenas, mas originariamente inspirado na técnica de construção, segundo o antropólogo, o bricolagem é uma forma de trabalhar em que o agente deve:

“voltar-se para um conjunto já constituído, formado de ferramentas e materiais; fazer-lhe ou refazer-lhe o inventário; enfim, e, sobretudo, entabular com ele uma espécie de diálogo, para enumerar, antes de escolher entre elas, as respostas possíveis que o conjunto pode oferecer ao problema que ele lhe apresenta”<sup>40</sup>.

É a partir da técnica tradicional que domina e





dos materiais preexistentes já elaborados que a rendeira opera na criação/recriação da renda. Neste processo, embora tenha à sua disposição uma grande variedade de opções representada pelo repertório de pontos e de materiais, as escolhas não são ilimitadas.

O *modus operandi* da rendeira não se regula apenas por seu desejo de criar ou de reproduzir, mas se circunscreve aos limites dados pela técnica de execução. A substituição de uns elementos da renda por outros exige compatibilidade entre eles. Por exemplo, nos desenhos de flores e outros motivos, o fitilho ou cordão que serve de suporte aos pontos deve ter flexibilidade suficiente para acompanhar curvas fechadas.

Longe de se prenderem a tradições exclusivas, as artesãs das rendas costumam fazer inovações,



combinações, recriações, substituindo matéria-prima, enxertando pontos de um tipo de trabalho em outro, criando formas híbridas em que os velhos saberes transmitidos no circuito doméstico ou nos grupos de vizinhança se atualizam com pontos aprendidos em antigos manuais de costuras destinados às mulheres, em revistas ou em cursos promovidos por agências governamentais ou

privadas de apoio ao artesanato. É essa dinâmica entre o velho e o novo, entre o tradicional e o moderno que dá à renda irlandesa de Divina Pastora a vitalidade de que desfruta, apresentando-se como suporte de múltiplos usos e significados, gerando renda e enfeitando o mundo. ■

## INSTRUMENTOS DE TRABALHO E FASES DE EXECUÇÃO DA RENDA

A agulha é instrumento básico utilizado pelas hábeis mãos das rendeiras para transformar cordões e fios de linha em verdadeiras obras de arte. Embora a renda irlandesa seja muito elaborada, os instrumentos de trabalho empregados em sua confecção são simples. Além da agulha, que a rigor é o único instrumento utilizado para fazer a renda, as rendeiras usam uma almofada para apoiar o papel sobre o qual ela é tecida, tesourinha e, eventualmente, um dedal, objeto que nem todas utilizam, pois acham que diminui a destreza dos dedos na execução dos pontos. Um pauzinho roliço, ou mesmo um lápis fino, é utilizado na execução do ilhós, um dos pontos empregados na renda. A isso se resumem os instrumentos de trabalho das mulheres que fazem a renda irlandesa.

As rendeiras designam o produto que realizam utilizando os termos

À ESQUERDA

PEÇA DE RENDA IRLANDESA.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

ABAIXO

INSTRUMENTOS BÁSICOS PARA O FAZER DA RENDA IRLANDESA.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.



renda e costura como equivalentes. Assim dizem: “Fiz uma costura para fulana”, querendo dizer com isso que fez uma peça de renda. Do mesmo modo, referem-se à pessoa que encomenda a renda como “a dona da costura”. Nesse universo, onde convivem mulheres que fazem diferentes trabalhos de agulha — rendeiras, costureiras e bordadeiras —, as que lidam com a renda não estabelecem, através

dos nomes, limites claros entre usar a agulha para tecer a renda e usar a agulha para coser o pano ou bordá-lo. A palavra costura tem para elas o sentido abrangente registrado no dicionário de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira: “trabalho feito com agulha e fio, e/ou tecido ou outro material costurado ou a costurar”<sup>41</sup>. A especificidade do trabalho de agulha como caracterizador do



DE CIMA PARA BAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA

ETAPAS DO DESENHO DA RENDA.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

ETAPAS DO DESENHO DA RENDA.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

ETAPAS DO DESENHO DA RENDA.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

DESENHO DA RENDA FINALIZADO.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

RENDEIRA PRENDENDO O LACÊ NO DEBUXO.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

RENDEIRA PRENDENDO O LACÊ NO DEBUXO.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.



fazer renda irlandesa define-se pelo modo de trabalhar.

A execução da renda, resumidamente, obedece a uma seqüência de fases que pode ser assim apresentada:

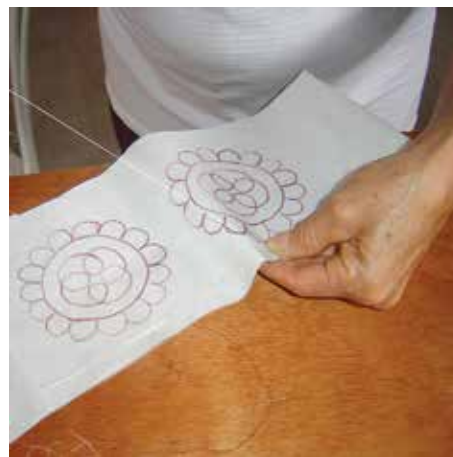
- Riscar ou copiar o desenho a ser elaborado em papel transparente. No caso das peças grandes, o risco geralmente é recortado e as partes são distribuídas entre várias rendeiras para executar a renda.

- Fixar o papel riscado sobre um papel grosso.

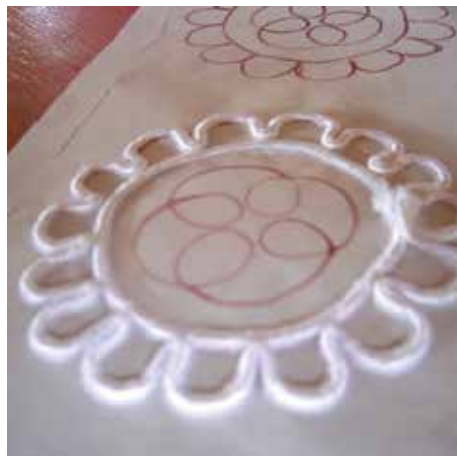
- Alinhar o lacê sobre o risco, acompanhando as formas do desenho.

- Fixar o papel com o lacê já alinhado em pequena almofada ou travesseiro, procedimento que é mais usual quando se trabalha com peças grandes.

- Preencher os espaços vazios entre o lacê, utilizando vários pontos que são tecidos com







DE CIMA PARA BAIXO, DA ESQUERDA PARA A DIREITA

RENDEIRA PRENDENDO O LACÊ NO DEBUXO.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

RENDEIRA PRENDENDO O LACÊ NO DEBUXO.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

LACÊ PRESO NO DEBUXO.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

COSTURA DA RENDA.

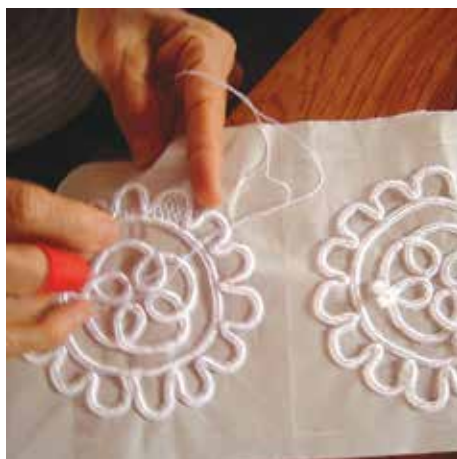
FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

DESENHO SENDO FINALIZADO.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.

RENDA NÃO FINALIZADA.

FOTO: GRACYANNE FREIRE DE ARAÚJO.



agulha e linha. Desse modo, são interligadas as formas contornadas com o lacê, que serve de suporte à execução dos pontos. Esta é a fase mais demorada de tecer a renda.

- Separar a renda do papel e do risco sobre os quais foi executada, cortando-se os alinhavos que os prendiam. No caso das peças grandes, processa-se a emenda das partes antes de separar a renda do papel.

- Limpar a renda, catando os fiapos de linha e restos do alinhavo que ficaram presos à peça.

Todo o processo de confecção da renda é realizado pelo avesso, de forma que o lado direito fica para dentro, protegido pelo papel, sendo exposto apenas quando, ao final do trabalho, este é retirado. Isto ajuda a preservar a renda de sujeiras durante o longo processo de elaboração, principalmente de peças grandes, que pode se prolongar por meses. ■



## MATÉRIAS-PRIMAS

O lacê e a linha da marca Mercer Crochet constituem as matérias-primas básicas empregadas na confecção da renda irlandesa, às quais podem se acrescentar outros tipos de linhas e os papéis craft e seda. Lacê é o nome pelo qual é hoje conhecido um cordão achatado, sedoso e bastante flexível, utilizado na feitura da renda irlandesa. Embora o nome lacê seja empregado também para uma outra variedade de produto – fitinha de algodão utilizada na confecção da renda renascença –, as rendeiras de Divina Pastora empregam o termo de forma restritiva, para se referirem ao cordão de seda que usam na confecção da renda irlandesa, reservando o termo fitinha para se referirem à outra variedade do produto. Seguindo a regra local, o termo lacê será aqui empregado para designar o cordão que, atualmente,

serve de matéria-prima para a renda irlandesa. Fabricado pela indústria Ypu, no município fluminense de Nova Friburgo, o lacê é comercializado sob o código 6I 06000, e se apresenta ao consumidor em cores variadas, sendo o branco, o ocre e o bege as cores tradicionalmente mais utilizadas pelas rendeiras de Divina Pastora. Recentemente, o lacê, em várias outras cores, passou a ser usado na confecção de peças de renda irlandesa em Sergipe, retomando uma tendência que já havia sido registrada no final da década de 1970. Vários tipos de linhas podem estar presentes na confecção da renda irlandesa, como as das marcas Âncora, Cléa, e Zebra, mas seu gasto é muito limitado e o uso é restrito a determinadas fases do trabalho. A linha Mercer Crochet é aquela mais empregada ao lado

CARRETÊIS DE LINHA.  
FOTO: GRACYANNE FREIRE  
DE ARAÚJO.

do lacê, pois com ela se tecem os pontos. Não é sem motivo que, quando indagadas sobre os materiais da renda, as rendeiras costumam referir apenas o lacê e a linha Mercer Crochet. Esta, fabricada pela indústria Coast Corrente, em São Paulo, apresenta-se em várias cores e espessuras, diferenças que se expressam através de números. As mais utilizadas pelas rendeiras de Divina Pastora são as de número 40, mais fina, e a de número 20, mais grossa, sendo esta última mais empregada na confecção de pontos que demandam maior volume. Esse tipo de linha é comercializado em novelos, que são vendidos avulsos, ou em caixas contendo dez unidades. A cor da linha, tradicionalmente, costuma acompanhar a cor do lacê a ser utilizado na confecção da renda. Uma tendência presente nos últimos anos, porém, aponta para o uso de linhas de cores



aproximadas ou contrastantes em relação ao lacê, resultando numa renda multicolorida. Ao incorporarem o lacê de várias cores, devido à inexistência da linha Mercer Crochet nas muitas tonalidades daquele, as rendeiras, quando desejam fazer uma renda num único tom, usam a linha das marcas cléa ou esterlina para tecer os pontos na mesma cor do lacê. Isso resulta numa renda mais

grossa, com menor maleabilidade e brilho do que a renda produzida com a linha Mercer Crochet. Durante algum tempo, as rendeiras de Divina Pastora fizeram experiências utilizando outros tipos de linha, como a da marca Granpian, fina e sedosa, o que dava à peça mais caimento e leveza e, aos pontos, o mesmo brilho do lacê. Essa linha foi, no entanto, abandonada, porque, segundo

alegam, rompia-se com facilidade, dada a pouca resistência. Isso demonstra que as artesãs da renda vão selecionando os materiais à disposição no mercado e fixando-se nas escolhas que parecem mais adequadas ao seu ofício. Por vezes, são as tendências da moda que as levam a procurar novas soluções. Uma vez passada a onda de consumo, porém, elas retomam os materiais que



ABAIXO

COSTURA DE RENDA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

À DIREITA

RENDA EM FASE INICIAL.

FOTO: MARTA MARIA SILVA CHAGAS.

demonstraram ser mais apropriados à natureza da arte que realizam e de aceitação mais duradoura. A combinação entre a linha Mercer Crochet e o lacê do tipo cordão sedoso achatado, nas cores branca e bege, tem resistido aos tempos e seu uso entre as rendeiras de Divina Pastora remonta há mais de meio século. Foi uma escolha entre muitas possibilidades de materiais diversos e que poderiam servir de suporte à execução dos pontos de agulha, como a renda de bilro ou o cordão de crochê, ambos produzidos à mão, ou os fios industrializados, como a renda francesa estreita, o lacê fitilho, o *soutache*, o rabo de rato. Todos eles são materiais encontrados em peças de enxovais de noivas sergipanas, ricos repositórios de exemplares antigos de renda. Indubitavelmente, o lacê-cordão foi o fio eleito pelas rendeiras de Divina Pastora como marca de seu trabalho. ■



## O LACÊ COMO ELEMENTO IDENTIFICADOR DA RENDA IRLANDESA

**P**ara as rendeiras de Divina Pastora, o lacê é parte integrante da renda irlandesa, de extrema importância porque serve de elemento de identificação para a renda local. É sua marca distintiva.

As rendeiras sabem que é possível fazer renda a partir de outros materiais. Na história de vida de muitas delas, essas possibilidades foram claramente colocadas como fruto de suas experiências. Algumas relatam que, quando crianças, a renda era feita com emprego de outras matérias-primas. As mais idosas, quando falam de sua aprendizagem no ofício, ou recordam como trabalhava a geração que as precedeu, dizem que, no início, era utilizada a renda de almofada ou bilro, uma rendinha bem estreita, como base para a execução da renda irlandesa. A costura se chamava,



por conseguinte, “rendinha”. O primeiro passo era, então, fazer essa renda estreita como um fitilho, que fixavam segundo o risco no molde de papel, a exemplo do que hoje fazem com o lacê, que serviria de suporte para desenvolver os pontos. Desse modo, as rendeiras antigas aprendiam a técnica da renda de bilro e a ela agregavam o trabalho de agulha na elaboração

dos pontos com que preenchiam os claros e teciam a renda. Os manuais de ensino da renda registram os fitilhos bilrados, manufaturados ou feitos à mão, com os quais se faziam as rendas no passado<sup>42</sup>. ■

## RENDA DE BILRO E RENDA INDUSTRIALIZADA: SUPORTES DA RENDA IRLANDESA



**E**mbora algumas rendeiras atuais tenham aprendido a fazer renda de bilro para aplicá-la como base para os pontos da renda irlandesa, em Divina Pastora, em tempos decorridos, as artesãs pararam de fazer renda de bilro, que foi substituída por produtos industrializados como a fitinha de algodão, a rendinha francesa ou o lacê, no formato que é usado hoje.

A introdução de matérias-primas industrializadas na região fez com que os bilros fossem abandonados, embora se preserve a almofada como apoio na execução da renda irlandesa.

A substituição da renda de bilro pelos materiais industrializados diminuiu o trabalho das rendeiras, mas aumentou sua dependência em relação aos comerciantes, deixando-as mais vulneráveis quanto à aquisição dos itens de confecção da renda. Por outro lado, ampliaram-se as possibilidades de experimentar outros materiais, o que implicou na diversificação do produto do trabalho. As rendeiras que queriam confeccionar uma renda mais fina usavam a fitinha de algodão, ou mesmo a rendinha francesa, ambas compradas nos armarinhos ou armazéns da capital. A essa

À ESQUERDA  
CARRETEL E RENDA.  
FOTO: MARINA ZACCHI.

À DIREITA  
MÁQUINA DE PRODUÇÃO DE RENDA.  
FOTO: MARINA ZACCHI.

renda leve e delicada davam o nome de renascença e, por vezes, renda irlandesa.

Para as rendeiras que preferiam uma renda mais encorpada e com relevos, o cordão de lacê era uma alternativa, que foi se firmando no gosto das artesãs de Divina Pastora e do público consumidor. A substituição de materiais não alterou a técnica de fabricação, que continuou a mesma: um suporte (rendinha, fita ou cordão) a servir de base aos pontos executados com agulha. A adoção do lacê foi uma boa solução, em sentido técnico, pois permitiu que a confecção dos pontos acompanhasse os meandros do risco sem precisar franzir o “tecido” para fazer curvas, dada a maleabilidade do fio.

Não foi possível precisar a época em que se fizeram essas adaptações. Rendeiras que trabalhavam em cidades próximas





afirmam que, na década de 1930, certos materiais de costura e bordado eram adquiridos no comércio de Salvador. A julgar pelas informações das rendeiras mais idosas, nas décadas de 1940 e 1950, os novos materiais já eram encontrados em Sergipe. Exemplos de renda confeccionada com lacê associado a outros materiais compõem peças de enxovais do início da década de 1950. Na década seguinte, o lacê já conquistara o gosto dos consumidores, que, muitas vezes, nomeavam esse material para referir-se às peças. Dizia-se então: “vou encomendar uma colcha de lacê”, em lugar de “vou encomendar uma colcha de renda irlandesa”.

A questão dos variados nomes que a renda irlandesa traz faz parte de uma história que precisa ser mais bem pesquisada na

região, em especial em fontes escritas. No entanto, esses nomes persistem na memória das gerações mais velhas, sobretudo entre as descendentes das divulgadoras dessa arte na cidade, geração que está a extinguir-se, levando consigo um manancial de informações.

Na década de 1970, época em que a pesquisadora Isa Maia fez estudos sobre as rendas no Brasil, incluindo Sergipe em seu roteiro, o termo renda irlandesa era usado como equivalente a renda renascença e renda inglesa. A pesquisadora, entretanto, chama atenção para a especificidade da renda produzida em Sergipe, “distinção que consiste basicamente na matéria-prima empregada, além de algumas variações no processo de feitura”<sup>43</sup>. Com base nessa distinção, Maia ilustra os dois tipos de renda, atribuindo-lhes nomes específicos: irlandesa e renascença<sup>44</sup>.



MAQUINÁRIO DE  
PRODUÇÃO DE RENDA EM  
GRANDE ESCALA.  
FOTO: MARINA ZACCHI.

A denominação irlandesa para nomear a renda produzida em Divina Pastora foi gradativamente consagrada, diferenciando-se da renda renascença confeccionada, sobretudo, em Pernambuco e na Bahia, em localidades que têm como base a fitinha para a confecção dessa modalidade de renda.

Essa delimitação dos nomes parece acompanhar a intervenção do estado no artesanato, o que, em Sergipe, se anuncia como preocupação mais forte no final da década de 1950 e se materializa na década de 1960. Com a instalação da loja da Artese, local de comercialização onde os dois tipos de renda eram colocados à venda, lado a lado, em constante confronto, os nomes renda irlandesa e renda renascença se fixam, marcando a especificidade de cada tipo. Com tais denominações,

essas modalidades de artesanato ganharam o mercado. A renda irlandesa, executada com base no lacê, deu visibilidade às rendeiras de Divina Pastora. Tornando-se sua marca específica, passou a ser um dos itens mais destacados do fazer artesanal sergipano.

Em resumo, o lacê tem para as rendeiras de Divina Pastora um profundo significado. Ele é o diferencial do ofício que praticam. Além do mais, é a matéria-prima mais importante, a mais cara e a que demanda maior quantidade na produção da renda. É também medida de referência para calcular o valor da mão de obra, bem como o tamanho das peças executadas e seu preço de venda. O custo da mão de obra necessária à execução da renda é definido tomando-se como unidade de referência a peça de lacê, que mede 10 metros. É comum dizerem as rendeiras: “fiz

um caminho de mesa de cinco peças de lacê”, em vez de expressarem em centímetros ou metros o tamanho do caminho de mesa. Esse é um dado fundamental, embora não seja o único, para estabelecer a precificação da produção.

Com tantas atribuições práticas e simbólicas, o lacê tornou-se um referente de identificação da renda irlandesa de Divina Pastora. Sendo a matéria-prima mais cara e, por vezes, de difícil aquisição, é gerador de crises no centro produtor de rendas e de perplexidades entre as rendeiras. Sua importância merece que nos detenhamos um pouco mais na história desse fio que conduz a produção da renda no município. ■



## OS “CAMINHOS SEM FIM” DO LACÊ

O nome lacê, abasileiramento de *lacet*, aparece na literatura do século XIX como um produto das manufaturas inglesas que, associado às linhas DMC de fabricação francesa, figurava em manuais destinados a ensinar a arte de bordar e costurar<sup>45</sup>. Era apresentado como matéria-prima da renda irlandesa, tendo vários formatos, dentre os quais se destaca a fitinha em várias larguras.

Ao tratar dos lacês no Brasil, já na década de 1950, Nair Becker remete à Fábrica Ypu, chamando atenção para a variedade de tipos e registrando que os lacês de fitinha eram classificados na fábrica sob a denominação de “Renda da Irlanda”<sup>46</sup>. Dentre os vários tipos apresentados com textos e ilustrações, figura aquele descrito como “fitilho espesso e quase cilíndrico, produto mecânico, chamado ‘lacê princesa’, usado

na confecção de *jabôs, golas, punhos, flores, blusas rendadas, etc*”<sup>47</sup>.

O “lacê princesa” assemelha-se ao lacê hoje utilizado pelas rendeiras de Divina Pastora. Com essa matéria-prima, a renda irlandesa da cidade passou a ser conhecida no mercado, ganhando visibilidade nacional, sobretudo a partir da década de 1980.

No auge da euforia na confecção da renda, uma crise na Fábrica Ypu interrompeu a fabricação do lacê, gerando perplexidade entre as rendeiras. Quem dispunha de informações a esse respeito e de algum capital fez estoque da matéria-prima. Esta era comprada em Divina Pastora a uma pessoa da cidade que, sabedora do fechamento da fábrica, foi ao Rio de Janeiro e adquiriu o saldo lá encontrado. As rendeiras que dispunham de recursos para efetuar a compra também fizeram seus

estoques, tendo assim matéria-prima para trabalhar. Com isso, algumas delas deram impulso às suas carreiras. As demais recorreram aos materiais alternativos, como rabo de rato e sutache, produtos mais baratos, mas que não apresentam o mesmo efeito do lacê.

O fechamento da fábrica marcou o imaginário das rendeiras e muitas histórias são contadas a esse respeito, as quais, com frequência, falam de uma kombi carregada de lacê que circulava pela cidade e de ações do governo do estado de Sergipe para assegurar a produção, tendo mesmo se aventado a hipótese de montar uma fábrica em Divina Pastora. Esse momento da história da renda na cidade merece ser mais bem pesquisado, mas os relatos das rendeiras são suficientes para demonstrar o impacto gerado pela interrupção na produção da matéria-prima da renda irlandesa



RENDA.  
FOTO: GRACYANNE  
FREIRE DE ARAÚJO.

àquela época. Acrescente-se que, na mesma ocasião, foi extinta a Cooperativa de Rendeiras e fechado o ponto de venda que havia no Centro de Turismo da capital, principal ponto de escoamento do artesanato sergipano de então.

As rendeiras não sabem informar, no entanto, a data precisa em que a fábrica foi fechada, bem como o momento em que o lacê voltou a ser produzido pela Ypu, atendendo demandas das rendeiras de Divina Pastora. No entanto, sempre se referem às décadas de 1970 e 1980 como sendo os tempos de maior produção da renda.

No início do ano 2000, quando o Programa Artesanato Solidário deu início ao projeto de apoio às rendeiras da cidade<sup>48</sup>, afirmam as artesãs que não conseguiam encontrar sequer a linha mais corriqueira, ou o papel

**ABAIXO**

LINHAS UTILIZADAS PARA TECER A RENDA.

FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA COSTA.

**AO LADO**

DETALHE DE PEÇA DE RENDA IRLANDESA.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.



de risco à venda no comércio de Divina Pastora. Era em Aracaju que faziam compras, sendo o lacê regularmente vendido em alguns armazinhos da capital.

Considerando a importância do lacê na confecção da renda, foi feito pelo Programa minucioso levantamento de preços sobre os materiais da renda e constatou-se que os gastos com o lacê pesavam muito no orçamento das rendeiras,

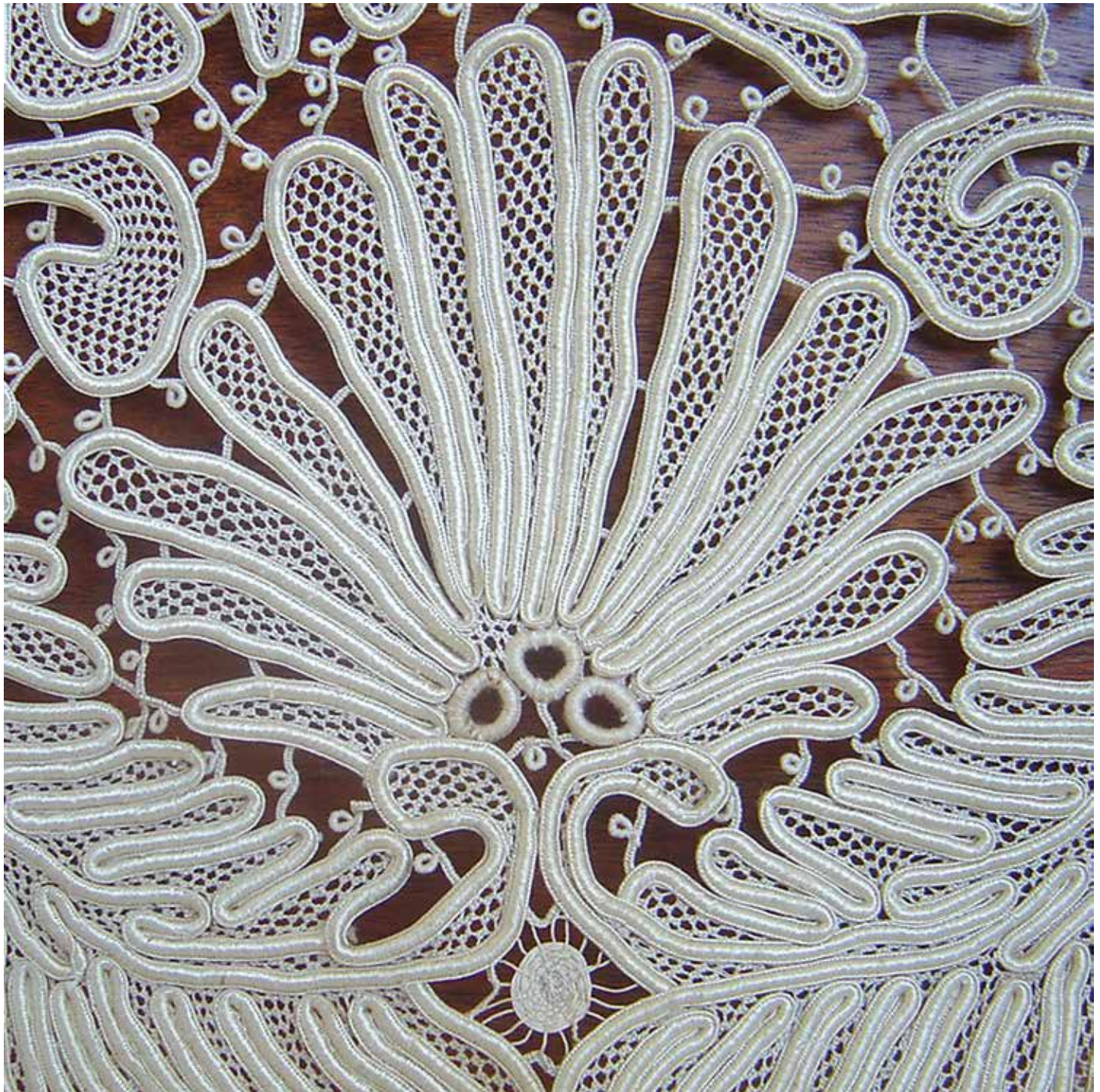
razão pela qual elas trabalhavam apenas sob encomenda. Dessa forma, a “dona da costura” era quem fornecia a matéria- prima.

Poucas dispunham de capital para investir nos materiais da renda, sendo praticados os seguintes preços, à época:

### MATÉRIA-PRIMA DA RENDA IRLANDESA: PREÇOS

		Referência (R\$)
lacê	rolo (50 metros)	20,00
lacê	peça (10 metros)	5,00
linha mercer-crochet	caixa (10 novelos)	21,00
linha mercer-crochet	novelo	2,10
linha Zebra	carretel	2,20
linha Cléa	novelo	3,50
linha Âncora	caixa (20 meadas)	9,50
papel de desenho (risco)	folha	0,50
papel chumbo (madeira)	metro	1,00







O peso do lacê no orçamento da renda se torna mais claro quando se sabe os gastos com esse material em termos percentuais. Tomando-se como referência uma toalha de 1,90m de diâmetro, executada sob encomenda, no ano 2000, verifica-se que a compra do lacê representou 64% dos gastos com matéria-prima. O exemplo é bastante elucidativo, embora não possa ser generalizado, pois a proporção desses materiais se modifica em função de uma série de variáveis, como o desenho e o modo como cada artesã distribui o lacê sobre o debuxo. Nessa toalha, o uso de linha, que representou 33% dos gastos de matéria-prima, foi considerado muito alto em função dos pontos empregados e, por isso, o exemplo demonstra muito bem a importância do lacê na renda. Em outras peças, a proporção

de gastos com essa matéria-prima pode ainda ser maior.

Portanto, o lacê é, sem dúvida, a principal matéria-prima da renda irlandesa, considerando-se o volume de material empregado, bem como os recursos despendidos para sua aquisição. A ele se aplica bem o dito: "Isso é fio burguês para bordar toalha de reis". Ao lacê é invariavelmente atribuído pelas rendeiras o preço alto da renda.

Um dado complicador da realidade da produção da renda irlandesa em Divina Pastora refere-se à descontinuidade do produto no mercado. Até o ano de 2004, era muito comum faltar material, sobretudo lacê, no comércio de Aracaju. Sempre que isso acontecia, as rendeiras tinham o trabalho interrompido, às vezes, por mais de um mês. A precariedade quanto ao suprimento de matéria-prima,

que afetava, sobretudo, as que não tinham capacidade de fazer estoques, representava uma ameaça à regularidade do trabalho. E até mesmo a continuidade do ofício.

As muitas histórias que são contadas pelas rendeiras acerca do lacê parecem repetir o "caminho sem fim" que a renda tem percorrido em suas vidas, por linhas sinuosas e meandros que se repetem à exaustão.

As produtoras da renda irlandesa em Divina Pastora tinham clareza de que dependiam dos fabricantes do Sudeste e dos comerciantes de Aracaju, que costumavam aumentar os preços sempre que os produtos reapareciam nas prateleiras das lojas. A título de exemplo, do início de março até o início de julho do ano 2000, o lacê teve os preços majorados em aproximadamente 33%.



AO LADO

ROLOS DE LACÊ.

FOTO: WESLEY TEIXEIRA.

ABAIXO

LINHAS MERCER CROCHET E  
CORRENTE.

FOTO: WESLEY TEIXEIRA.

EMBAIXO

LINHA ÂNCORA.

FOTO: WESLEY TEIXEIRA.



Na formação de estoque, as rendeiras vislumbravam uma saída para esse problema e, nesse sentido, lembravam-se da experiência da extinta cooperativa, na década de 1980, que se encarregava de comprar o material que elas empregavam na renda.

Em 2001, foram dados os primeiros passos para a criação de uma associação de rendeiras e teve início a tentativa de se comprar

lacê diretamente na fábrica, no Rio de Janeiro. Em 2004, um rolo de lacê chegou a ser vendido em Aracaju por R\$ 130,00 e, logo depois, jornais locais estampavam manchetes do tipo: "Fechamento de fábrica ameaça cobiçado artesanato sergipano"<sup>50</sup>.

Em meio à nova crise, renovavam-se as preocupações com a continuidade na produção da renda e as artesãs atualizavam





as falas que acenavam com a possibilidade de se montar uma fábrica do produto em Divina Pastora. Nesse momento, invocavam a interferência de uma representante do Senado Federal, interessada na renda desde a década de 1980, época em que, como primeira-dama do estado, esteve à frente de órgãos públicos voltados para o incremento do artesanato. Na busca por solução para o problema do acesso ao lacê industrializado, as rendeiras procuraram também o apoio de outros políticos e de estudiosos, movidas pelo anseio de ter assegurado o suprimento regular da matéria-prima básica para seu trabalho.

Com a reabertura da fábrica em Nova Friburgo, sob o controle dos antigos funcionários, o acesso ao lacê foi regularizado. A Associação das Rendeiras, atualmente, faz as

compras diretamente na fábrica, sem pagar impostos, barateando, assim, os custos da matéria-prima. Para efeito de comparação, vale registrar alguns dados: o rolo de lacê de 50 metros, que em março de 2000 custava R\$ 20,00 (vinte reais) e pelo qual, em 2004, as rendeiras chegaram a pagar R\$ 130,00 (cento e trinta reais) em armarinhos de Aracaju, é hoje adquirido pela associação diretamente na fábrica por R\$ 19,50 (dezenove reais e cinquenta centavos). No comércio local, a mesma peça de lacê é adquirida por R\$ 30,00 (trinta reais).

Tão importante quanto o barateamento da matéria-prima é o fato de se ter conseguido regularizar seu suprimento por preço justo, livrando as rendeiras da condição de dependência em relação aos comerciantes da capital, até então fornecedores

praticamente exclusivos de lacê no estado de Sergipe.

A alegre variedade de cores de lacês que hoje entram na feitura das rendas de Divina Pastora anuncia e celebra tempos de fartura da matéria-prima e de muitas encomendas para as rendeiras, que um dia elegeram o cordão sedoso como marca distintiva do seu trabalho. ■

RISCO DE RENDA EM  
DUAS LINHAS. FOTO:  
MÁRCIO GARCEZ VIEIRA.

## OS RISCOS

O risco, também chamado de debuxo, constitui-se no principal roteiro e suporte da renda. É a partir dele que se delinea a feição que terá o produto final. O risco projeta no papel o desenho da peça concebida pela artesã ou pelo riscador, especialista que não é necessariamente uma rendeira.

Nele estão definidos os principais elementos estético-

visuais da renda, suas sinuosidades, seus motivos, as variações dos pontos e também as dimensões da peça. Porém, além de um roteiro, o risco é também o suporte de execução da renda, que é tecida literalmente sobre ele. O debuxo indica por onde vai ser alinhavado o lacê que dará sustentação aos pontos a serem utilizados no preenchimento dos espaços vazios. A rendeira é escrava do risco: “Só

pode fazer o que o risco manda, tem de obedecer”. Só se liberta da tirania do risco ao terminar a “costura”, quando, na fase final do trabalho, são cortados os alinhavos que prendem o lacê ao risco e ao papel grosso. Nesse momento, a renda ganha autonomia, ficando o risco disponível para a execução de outras peças.

Executado em papel transparente, do tipo manteiga,



seda ou outros – exceto o papel vegetal, já que este não tem flexibilidade para permitir o manuseio durante a feitura da renda –, o mesmo risco pode ser utilizado mais de uma vez, a depender da qualidade do papel. Quando feito em alguns tipos de papéis de boa qualidade, um mesmo risco pode ser reutilizado até cinco vezes, ou mais. Evidentemente que sua durabilidade depende muito dos cuidados no manuseio, o que varia de rendeira para rendeira. É comum que seja copiado em outro papel, quando começa a rasgar-se, havendo pessoas consideradas especialistas na copiagem dos debuxos, habilidade que não é usual entre todas as artesãs.

Na feitura de peças grandes, o risco pode ser dividido em partes e entregue às rendeiras, sendo devolvido à coordenadora do trabalho ao final da execução de



cada parte, razão porque muitos riscos de colchas e toalhas de jantar são guardados aos pedaços. Em alguns casos, o próprio desenho já sugere por onde devem ser feitas as divisões do risco a serem entregues às rendeiras para a confecção de cada pedaço isolado. Estes serão emendados uns aos outros após serem finalizados.

Enquanto roteiro da renda, o risco tem importância fundamental

entre as rendeiras e no lugar que estas ocupam na cadeia produtiva. Quem sabe riscar ou tem domínio sobre estoques de riscos leva vantagem sobre as que não dispõem desse elemento gerador da atividade. Sem risco não há renda. Deter os riscos é deter a capacidade de fazer a renda. Em função disso, os riscos são ambicionados e, por isso, guardados ciosamente pelas rendeiras que detêm sua posse.



ESQUERDA  
RENDEIRA COSTURANDO.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

ABAIXO  
RENDA EM FASE INICIAL.  
FOTO: GRACYANNE FREIRE  
DE ARAÚJO



Tarefa ingrata essa de manter a exclusividade na posse dos riscos, na medida em que eles têm que ser entregues às rendeiras, pois são o suporte à execução da renda. Nas mãos destas, eles podem ser copiados e, dessa forma, sobretudo os riscos de peças pequenas, circulam com relativa facilidade, sendo reproduzidos com mais frequência do que desejariam as contratantes das rendas, em geral

suas proprietárias. Copiar os riscos está diretamente relacionado com a capacidade de executá-los por conta própria e, para a grande maioria das rendeiras, essa possibilidade se limita a peças pequenas, que implicam em pequeno gasto com matéria-prima.

A copiagem clandestina de riscos, embora seja possível, causa certo constrangimento porque, sendo o risco reproduzido

às escondidas, há sempre o perigo de se identificar quem o copiou sem consentimento. O empréstimo é uma forma legítima de sua reprodução, mas não é frequente. Na avaliação de uma rendeira isso ocorre:

“... porque o povo é desunido. Cada um só quer as coisas para si. Esconde os riscos. Quem tem risco bonito, então, aí é que não empresta, mesmo. A mãe de [...] tem um risco de toalha que é a coisa mais linda do mundo. Já pelejei pra botar a mão nesse risco, mas ela não empresta para ninguém. Esconde debaixo de sete capas”.

Os riscos, além de conferir poder às suas proprietárias, criando dependência daquelas que não os detém, também são mercadorias a serem vendidas. O risco de uma colcha de casal ou de uma toalha de banquete custa em média R\$



100,00, no mercado local. Pelas peças menores, caminhos de mesa de um metro, por exemplo, cobram-se R\$ 10,00. Isso não significa que sejam necessariamente originais. Bem podem ser cópias de debuxos já executados em outras oportunidades e que integram o estoque das contratantes. Não se paga necessariamente pela criação, mas pelo fornecimento de um debuxo executado no papel, do qual

o comprador poderá dispor a partir de então. Mesmo admitindo que seja criação original, nada garante sua exclusividade. Certamente, cada novo risco passa a integrar o acervo disponível na cidade e servirá de base para outros trabalhos. Por exemplo, um conjunto de debuxos de barras de toalha de lavabo, encomendado a uma rendeira de Divina Pastora no ano de 2000, hoje está disseminado

pelas várias redes de produção da cidade e de outras localidades.

Há modelos de debuxos cristalizados que vão sendo repassados de uma geração para outra. O estoque de riscos de Sinhá, rendeira antiga, tida como boa riscadeira e já falecida, foi incorporado por uma sua descendente, que, com isso, teve aumentado seu capital cultural e seu prestígio, na

PEÇA DE RENDA EM ELABORAÇÃO.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

medida em que passou a deter o acervo de uma rendeira muito conhecida e responsável pela difusão da renda na cidade.

Sinhá, além dos riscos que criou, certamente enriqueceu seu estoque com muitos debuxos vindos de Aracaju, onde, nas décadas de 60 e 70 do século XX, um exímio e afamado desenhista tinha seus riscos disputados pelas noivas que preparavam enxoval. Os riscos de Vieira eram famosos e aguardavam-se meses até que ele os executasse. Entregues à rendeira com quem se contratava a encomenda, muitos desses riscos, depois de terem servido de suporte à execução da peça encomendada, eram incorporados ao patrimônio da rendeira, que dessa forma ampliava seu estoque. Estes foram sendo reproduzidos integralmente, ora recriados, ora adaptados a peças de tamanhos variados das novas

encomendas. Assim, enquanto alguns modelos foram conservados e cristalizados, outros foram submetidos a recriações e reajustes.

Na adaptação dos riscos a novos tamanhos de peças, reside um dos artificios a que o bom riscador deve estar atento. Se a encomenda é de 1,80m de renda, por exemplo, o risco terá que ser feito com um acréscimo de aproximadamente 0,20m, porque, durante a execução, a renda encolherá um pouco, ficando a peça menor que o risco a partir do qual foi desenvolvida. Isto vale não só para os velhos riscos, mas também para os novos.

Não apenas se reproduzem os antigos desenhos. Surgem também novas criações locais ou de especialistas de Aracaju e, mais recentemente, de *designers* nacionais e estrangeiros, que as revistas de trabalhos manuais e os

técnicos vinculados a órgãos de apoio e incentivo ao artesanato encarregam-se de divulgar.

Uma comparação talvez se possa estabelecer entre os riscos mais modernos e os riscos tradicionais. Observa-se, naqueles riscos criados atualmente, uma tendência a pontos mais abertos, desenhos e motivos maiores, com redução das áreas de “caminho sem fim”, fazendo com que as curvas se tornem mais abertas. As flores crescem de tamanho, se reduzem os volteios e os florões, o que facilita a execução da peça e diminui a quantidade de matéria-prima empregada. Embora as linhas curvas ainda sejam predominantes, nos debuxos mais modernos elas se tornam mais abertas e, algumas vezes, aparecem associadas a linhas retas.

Nas peças de colorido mais forte, essa tendência parece mais



acentuada, talvez mais adaptada à decoração de ambientes segundo o gosto estético de segmentos das camadas urbanas contemporâneas. Como os riscos antigos continuam nas mãos das rendeiras, nada impede que eles sejam executados hoje, pois existe um público que se encanta com esse aspecto mais elaborado e cheio de volteios e sinuosidades da renda antiga.

Em Divina Pastora, há um grupo de mulheres que detém quase a totalidade dos riscos, embora eventualmente uma ou outra rendeira tenha também alguns debuxos sob seu domínio, particularmente as que trabalham por conta própria. São as rendeiras contratantes, no entanto, aquelas que se notabilizam por deter acervos mais significativos desse importante elemento da cadeia produtiva. Rendeiras mais idosas costumam ter seu estoque

de riscos, sobretudo se foram contratantes no passado. Uma rendeira sexagenária, que teve seus tempos áureos na década de 1960 e que vendia a produção para um comerciante de Aracaju, em cuja loja se abastecia de matéria-prima, diz como lidava com os riscos: “Aprendi a riscar tirando cópia das costuras que chegavam e, mais tarde, das revistas. Hoje, eu sou capaz de riscar. Agora, estou fazendo uma toalha que eu mesma ajeitei o risco. É só a barra de renda. Aí, é mais fácil de riscar”.

Num campo de trabalho dominado por mulheres, anuncia-se o talento de um único jovem do sexo masculino, filho de rendeira, identificado na cidade como tendo habilidades específicas ligadas à renda, a quem se atribui a capacidade de fazer riscos. Segundo sua mãe, ele participou de um dos cursos dados na cidade

para as rendeiras, quando teria feito os primeiros riscos. Hoje, importante distribuidor de encomendas para várias rendeiras, sua atuação na elaboração dos riscos parece ser ocasional e restrita a suprir seu grupo familiar.

A questão dos riscos é muito forte e pode expressar a posição de cada rendeira no interior de seu grupo, bem como a existência de mais de um grupo de mulheres rendeiras na comunidade. Isto pode ser evidenciado através de um episódio envolvendo grupos de artesãs distintos. Ao receber uma encomenda que vinha acompanhada de risco produzido pela chefe de um grupo, para delimitar fronteiras, marcar distância e manter autonomia, a líder de outro grupo recusou os riscos, alegando que era capaz de produzir seus próprios debuxos. Metaforicamente, pode se

RISCO COM APENAS UMA LINHA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.









ESQUERDA

RISCO COM DUAS LINHAS.

FOTO: MÁRCIO GARCEZ VIEIRA.

ABAIXO

RISCO DE RENDA.

FOTO: MÁRCIO GARCEZ VIEIRA.

afirmar que o risco dá a direção, orienta, estabelece caminhos e as rendeiras buscam traçar seus próprios rumos na confecção da renda, estabelecendo grupos de produção que se recusam a relações de subordinação de uns em relação a outros.

Somente agora as rendeiras de Divina Pastora começaram a descobrir a máquina xerox como elemento de reprodução e ampliação dos riscos. Em geral dão continuidade à técnica tradicional de reproduzir o desenho à mão, embora hoje utilizem a caneta de ponta porosa em lugar do lápis de cor azul, instrumento básico dos riscadores antigos. Estes, seguindo o que era ensinado nos livros<sup>51</sup>, faziam os riscos com linhas paralelas, entre as quais se alinhava o lacê. Hoje, os riscos foram simplificados, sendo realizados



com linha única, exigindo das artesãs mais atenção para manter o lacê bem centralizado, ao ser alinhavado sobre o debuxo e o papel grosso que o apoia.

Não obstante a importância atribuída aos riscos, causa certo estranhamento ao olhar externo o modo aparentemente descuidado com que são estocados: dobrados, enrolados, enrugados, comprometendo sua conservação. Muitas vezes, são guardados alinhavados no papel grosso sobre o qual apoiam o debuxo e há casos em que esses papéis são reaproveitamento de embalagens de alimentos ou de artigos diversos. A situação pode parecer paradoxal. Embora os riscos tenham um valor muito grande, as rendeiras aparentemente não lhe dedicam o cuidado equivalente à sua importância na produção da renda. ■

PEÇA EM RENDA IRLANDESA.  
FOTO: DETALHE DE FOTO DE  
AUTORIA DE MARCEL NAUER

## OS PONTOS



**A** renda irlandesa é feita a partir de um repertório bastante extenso de pontos. Teoricamente, esse número é indefinido, pois, no dizer de uma rendeira “a gente vê na revista, copia e faz”. Ou seja, novos pontos podem ser acrescentados, na medida em que a artesã pode copiá-los de revistas de trabalhos manuais. No entanto, não são todas as rendeiras que têm domínio sobre uma grande variedade de pontos. O mais comum é que se utilizem do *redinha*, o ponto básico a que muitas vezes chamam simplesmente *o ponto*, sem nenhum qualificativo, e que empregam em grandes áreas das costuras, como ponto de enchimento, ocupando os espaços vazios. São também muito usados os *ilhoses*, as *aranhas*, as *barretes* e os *picôs*.

Em 2000, foram enumeradas duas dezenas de pontos: *abacaxi*, *aranha*, *aranha de cestinha*, *aranha de*

*meia-lua*, *aranha de parte*, *aranha redonda*, *aranhinha*, *barrete*, *boca de sapo*, *caseado*, *casinha de abelha*, *cocada*, *dente de jegue*, *de cão*, *espinha de peixe*, *ilhós*, *linha passada*, *pé de galinha*, *picote ou pico*, *redinha ou o ponto*, *sianinha*, *tijolinho*. Seus nomes eram conhecidos e declinados por muitas delas, mas a execução de todos eles era feita apenas por um pequeno número de rendeiras mais habilidosas e experientes e em costuras que exigiam maior capricho. Mostruários encomendados à mesma rede de produção da renda, em 2000 e em 2006, demonstram que se tem ampliado o repertório de pontos em uso na cidade.

Novos pontos continuam sendo incorporados à renda irlandesa, sobretudo por grupo mais receptivo a sugestões externas, voltadas à implementação de inovação no campo. Livros e revistas são levados às rendeiras, que assim ampliam

seu repertório, com grande variedade de pontos até então desconhecidos. Aos incorporá-los à renda irlandesa, batizam-nos com nomes como *aranha de par*, *aranha de palma*, *aranha de perna*, *peito de moça*, *ponto de escada*, *ponto corrente* e assim por diante. Alguns pontos novos continuam “pagãos”, diz a rendeira, que os copia de fontes impressas, mas se reserva o direito de dar-lhes nomes, ao sabor do momento, da inspiração, associando-os, em geral, à forma visual.

Nomear é um ato que envolve relações de poder. Com o nome, se atribui individualidade a um objeto “invisível” ao qual se confere um lugar no conjunto das coisas preexistentes. É por meio da nomeação que se dá o tom local a um ponto que chega de fora e que traz muitas vezes um nome estranho e pouco significativo para aquelas rendeiras que o adotam. *Barrete*

e *picô* aportuguesaram-se, mas se conservaram como nomenclaturas que apontam para as origens europeias da renda. Porém, a tendência geral é que os pontos sejam “batizados”, ganhando denominações condizentes com os contextos culturais locais. Daí a existência de uma multiplicidade de nomes para um mesmo ponto, situação registrada também na Europa do século XIX, onde Thérèse de Dillmont fez essa mesma observação, o que a levou a utilizar em seu livro de ensino de rendas a indicação dos pontos com números, numa tentativa de identificá-los de forma mais universal<sup>52</sup>.

Chama atenção, em Divina Pastora, a quantidade de pontos cuja nomeação é feita recorrendo-se a animais e vegetais. Na base desse sistema de nominação está a associação de ideias entre formas semelhantes, presentes em seres da

natureza, que integram o universo das rendeiras, mulheres nascidas e/ou criadas numa pequena cidade cercada por fazendas e que tem como padroeira uma santa pastora. Ao serem batizados com nomes que remetem a referências culturais locais, os novos pontos, até então estranhos, pela nomeação são transformados em coisas familiares.

A introdução de novos pontos no repertório do fazer local é, no momento, valorizada entre alguns segmentos de comercialização e consumidores da renda irlandesa. Desse modo, cresce o prestígio da rendeira que os cria e incorpora nas peças que produz. Depositária exclusiva da técnica de fazer o novo ponto, ela o repassa gradativamente para outras rendeiras, sobretudo quando sua aplicação é prevista em peças grandes, cuja execução costuma ser dividida entre várias





MOSTRUÁRIO DE PONTOS DA RENDA IRLANDESA.  
FOTO: BEATRIZ GÓIS DANTAS.

AO LADO, À DIREITA  
PEÇAS EM RENDA IRLANDESA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

mulheres, que devem dominar os pontos empregados naquela costura de modo homogêneo. Assim, o novo saber vai se difundindo a partir de círculos concêntricos que, tendo como núcleo a rendeira que o aprendeu, estende-se por sua rede de produção e atinge outras redes, até mesmo rivais, dada a competição pelo domínio do mercado, muitas vezes presente entre os diversos grupos produtores de renda.

A respeito dos pontos, convém salientar que não são exclusivos da renda irlandesa. Eles entram também na confecção de muitos outros tipos de rendas e em bordados. Com as mesmas denominações ou com outros nomes, muitos deles fazem parte do saber transmitido às moças, não só informalmente, mas também através de uma aprendizagem formal nas escolas onde a

disciplina Trabalhos Manuais, ainda nos anos 50 do século XX, se encarregava de repassar para as jovens casadoiras habilidades que faziam parte da “boa educação” de uma futura dona de casa. Algumas rendeiras, que estão na faixa de idade entre quarenta e cinquenta anos, afirmam que aprenderam alguns desses pontos na escola ou com suas mães ou vizinhas. Hoje, elas aprendem, sobretudo,

nos cursos específicos que são ministrados sob o patrocínio de entidades diversas, entre as quais se destacam as prefeituras municipais e outras instâncias governamentais empenhadas em arranjar ocupação para a mão de obra feminina e transformar a renda em negócio rentável. Outras aprendem com amigas ou parentes, pois tais habilidades fazem parte de um saber incorporado à comunidade.

Alguns pontos aparecem com maior frequência na renda de Divina Pastora: *redinha* ou o *ponto* forma uma teia básica, sendo empregado em grandes áreas. *Cocada* forma pequenas elevações onduladas e tem amplo uso em flores e outros motivos que integram a renda. Entra invariavelmente na execução de um tipo de caminho de mesa sob a forma de peixe, peça muito difundida na década de 1980, na qual a o ponto serve para imitar escamas, dando à peça um bonito efeito visual. Do mesmo modo, outros pontos têm uso mais ou menos prescrito, como *ilhós*, que compõe o miolo das flores, cachos de uva, barras, olhos de animais etc. Uma peculiaridade desse ponto é que ele é feito à parte e depois incorporado à renda que está sendo executada. Em sua confecção, se utiliza um pequeno pau roliço, ou





EMBAIXO

RENDA EM ELABORAÇÃO. FOTO  
QUE COMPÕE O DOSSIÊ DE  
REGISTRO.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO  
IPHAN SE/SERGIPE.

À DIREITA

RENDA EM ETAPA FINAL. FOTO  
QUE COMPÕE O DOSSIÊ DE  
REGISTRO.

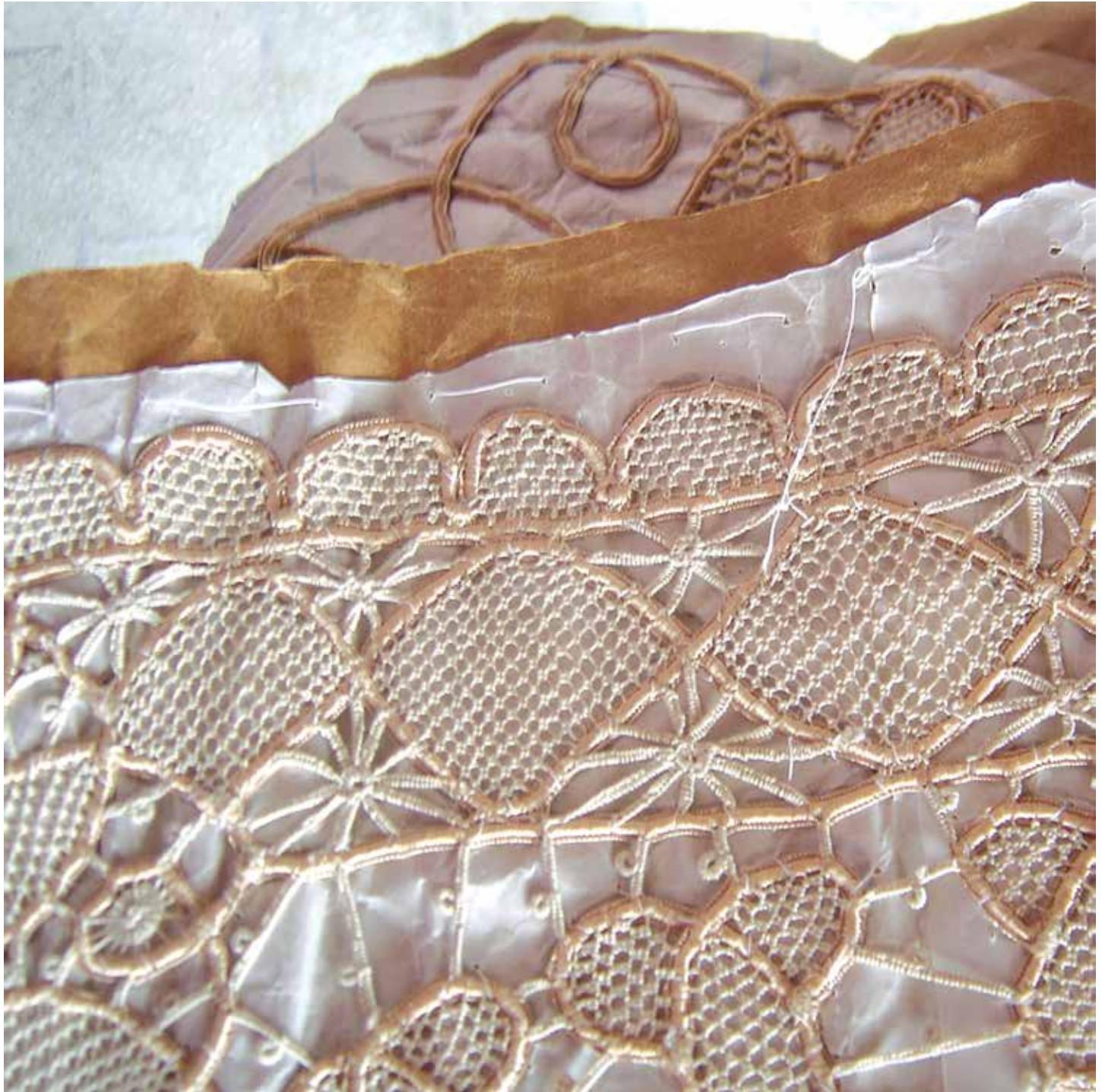
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO  
IPHAN SE/SERGIPE.

mesmo um lápis, no qual se enrola a linha, formando um pequeno aro. Retirado do suporte em que foi enrolado, sobre o aro executa-se um caseado, de modo a formar pequeno anel. Isoladamente, em grupos de três ou mais, às vezes em quantidade razoável imitando cachos de uva, os aros são incorporados à renda. Como o ponto *ilhós* é feito separadamente, algumas rendeiras se especializam em fazer ilhoses e vendê-los, às dúzias, para outras artesãs que, com eles, montam o trabalho e confeccionam peças de renda.

Uma tendência que vem se acentuando nos últimos tempos é o aumento da variedade de pontos numa mesma costura. Nas peças mais antigas, observa-se maior sobriedade no uso de pontos diferentes. A variedade deles numa mesma peça, na opinião das rendeiras adeptas



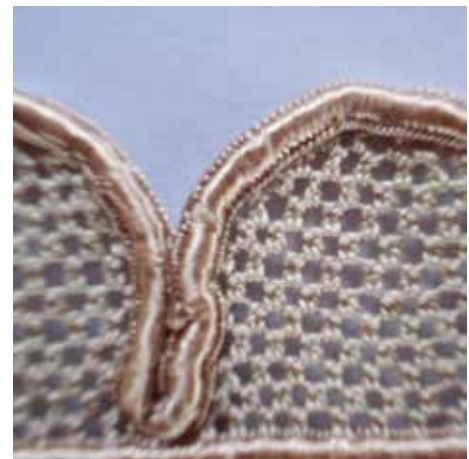
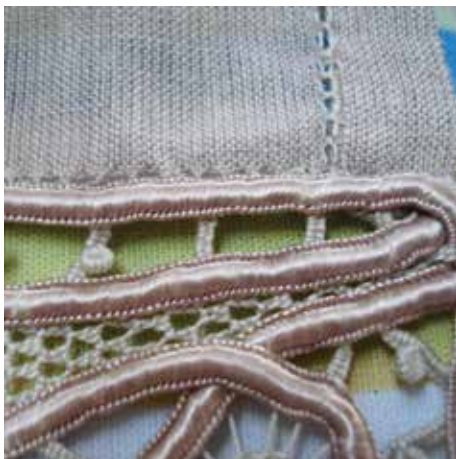




DETALHE DE PEÇA EM RENDA.  
FOTO QUE COMPÕE O DOSSIÊ  
DE REGISTRO. FOTO: ACERVO  
TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

DETALHE DE PEÇA EM RENDA.  
FOTO QUE COMPÕE O DOSSIÊ  
DE REGISTRO. FOTO: ACERVO  
TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

DETALHE ACABAMENTO DE RENDA.  
FOTO QUE COMPÕE O DOSSIÊ  
DE REGISTRO. FOTO: ACERVO  
TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.



dessa tendência, pode valorizá-la do ponto de vista estético, se os pontos são devidamente harmonizados. A combinação dos pontos exige certo discernimento. Se usada indiscriminadamente, dizem elas, pode fazer com que a peça se assemelhe a um simples mostruário. Aí, entra em cena o senso estético da rendeira e sua capacidade de fazer combinações adequadas.

Em relação ao modo de executar os pontos, é possível detectar formas diferentes de classificação. Dependendo do aspecto, o ponto pode ser: *miúdo*, *redondo* ou *graúdo*. Um ponto muito tensionado, ou “apertado”, como dizem as rendeiras, chama-se *miúdo*; um ponto aberto é tido como *graúdo*. A forma de trabalhar com os pontos é característica própria de cada rendeira. Em alguns casos, elas

são capazes de identificar a autoria de uma peça de renda apenas olhando o modo de execução dos pontos. Este é um conhecimento que é importante na hora de fazer peças grandes, em que se juntam partes do trabalho de muitas rendeiras. Misturar ponto *miúdo* com ponto *graúdo* quebra a harmonia da peça e cria problemas técnicos na junção das partes. ■

## INVENTÁRIO DE REFERÊNCIA DE PEÇAS ELABORADAS PELAS RENDEIRAS DE DIVINA PASTORA



Uma ampla variedade de peças integra o repertório das rendeiras de Divina Pastora. São objetos que têm usos e destinações diversas, estando relacionados ao vestuário, à decoração das casas ou de espaços cerimoniais. A partir da memória das rendeiras e das peças que se encontravam em produção na cidade, no ano 2000, construiu-se a relação a seguir:

Cama e mesa	Vestuário
almofada	blazer
argola para guardanapo	blusa
caminho de mesa	bolsa
capa para liquidificador	chapéu
centro de mesa (formatos diversos)	chinelo
colcha	gola vestido
fundo de copo	pala de camisola
guardanapo	punho
jogo americano	saia
jogo de cama (barra de renda)	sapato
pano para garrafa	<b>Enxoval de bebê</b>
passadeira	babador
<i>sous-plat</i>	colcha de berço
toalha de banquete	cortinado com detalhes em renda (borboletas salpicadas, arranjo, etc.)
toalha de jantar (retangular, redonda, oval, quadrada)	manta
toalha de lavabo (individual)	pala de camisola
	rolo para berço
<b>Peças avulsas</b>	sapatinho
aplicações (incorporados a peças diversas)	touca
barras e bicos de renda, que podem ter finalidades diversas	
cabides revestidos	<b>Peças sacras</b>
saquinhos para sachê	estolas
	toalha para altar
	toalhinha para sacrário





Muitas dessas peças já não são produzidas nos dias de hoje, pois, segundo dizem as rendeiras, “passou a moda”. Por outro lado, sem dúvida, outras têm sido criadas, ao sabor do momento e da moda, como é o caso das passadeiras, dos caminhos de mesa e panos de bandeja. As colchas e toalhas de banquete nunca deixaram de ser feitas e têm um mercado cativo, embora restrito, nos últimos

tempos. Por outro lado, amplia-se a procura por peças sacras. As estolas estão em alta. Várias foram encomendadas nos últimos anos, sendo muitas vezes levadas como presentes para religiosos de fora do estado. Toalhas de altar também tiveram sua procura ampliada. Um dado novo a considerar é que, tradicionalmente, essas peças eram destinadas a templos católicos e agora um novo mercado se abre,

já havendo encomenda de toalhas para templos evangélicos.

Certamente, esse elenco de peças não abrange tudo o que já foi executado ao longo da história da renda na cidade. Mas, como não há registro conhecido dessa produção, a relação tem sua validade. Nas raras publicações sobre a renda irlandesa, pouco se registrou sobre a tipologia das peças de Divina Pastora. Dentre elas se destaca o catálogo preparado por Lourdes Cedran (1979), que acompanhou a exposição realizada em São Paulo, no final da década de 1970, onde figuram algumas fotografias de peças pequenas.

No *Catálogo do artesanato sergipano*, publicado em 1983 pela Secretaria de Indústria e Comércio do Governo do Estado de Sergipe, em convênio com o Programa de Desenvolvimento do Artesanato, do Ministério do Trabalho, deu-se maior destaque a outros tipos de

À ESQUERDA  
PEÇAS EM RENDA IRLANDESA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

À DIREITA  
TOALHA EM RENDA IRLANDESA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

artesanato produzidos no estado, como por exemplo a cerâmica. A renda irlandesa figurou apenas com alguns itens, como passadeira, pano de bandeja, porta-copo, gola e pala, em diferentes dimensões, tendo sido produzidos fotograficamente apenas peças pequenas, de mais fácil comercialização, consoante os objetivos do catálogo. Em peças gráficas de divulgação da renda irlandesa, quase não há registro fotográfico de obras grandes, aquelas das quais as rendeiras falam com mais orgulho.

Deve-se considerar que as encomendas são responsáveis pela introdução de novas peças entre as rendeiras e pela renovação dos estoques. De certo modo, elas orientam a produção. Um risco deixado por alguém para fazer uma peça nova pode ser reproduzido indefinidamente, se a peça encontrar comprador.





Desse modo, alguns tipos vão se fixando e sendo incorporados ao acervo em produção, enquanto outros já não encontram consumidor, deixam de ser produzidos e vão sendo arquivados na memória das rendeiras.

O uso de peças de renda no vestuário não chegou a ser amplamente incorporado aos costumes locais, onde a renda é utilizada, sobretudo, na decoração da casa. Alguns estilistas, no entanto, criaram vestidos de noiva, ou trajes de noite, de renda. Algumas rendeiras lembram, com orgulho, do ano em que a Miss Sergipe, que participava de concurso em nível nacional, foi vestida de renda irlandesa da cabeça aos pés, pois uma estilista local usou rendas em profusão no traje típico da representante sergipana.

O uso da renda no vestuário é uma tendência que se renova





À ESQUERDA

CHAVEIRO COM PEÇA DE RENDA  
IRLANDESA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

ABAIXO

CHAVEIROS COM PEÇA DE  
RENDA IRLANDESA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.



atualmente, envolvendo apoios externos de entidades voltadas à divulgação da produção local. O sucesso do estilista sergipano Altair Santo, com a coleção Maria Bonita, apresentada no Innova Moda, em São Paulo, em 2003, chamou atenção para o potencial da renda irlandesa usada em roupas de gala, ou como aviamento, através de aplicações em trajes informais e de passeio. Hoje, uma nova linha de produtos desponta na cidade, tendo como foco o vestuário e os adereços femininos. Cintos, bolsas, colares, vestidos, tops, blusas exemplificam as novas tendências de uso da renda irlandesa, que já teve nos enxovais de noiva o principal nicho de consumo. ■







COLCHA EM RENDA IRLANDESA.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

## PEÇAS GRANDES E PEQUENAS

No elenco de peças produzidas pelas rendeiras, há aquelas que são classificadas como pequenas (panos de bandeja), médias (caminhos de mesa de até dois metros, por exemplo) e grandes (toalhas e colchas). As peças que as rendeiras produzem em maior quantidade são pequenas e médias, quer quando fazem a renda sob encomenda, quer quando a fazem por conta própria.

As peças grandes, geralmente, são feitas apenas sob encomenda, visto que poucas rendeiras têm capital suficiente para investir em matéria-prima nas proporções exigidas por uma peça de grandes dimensões e aguardar, por vezes, mais de dois anos, até ser vendida e ter o capital de volta acrescido de algum lucro. Mas, são justamente as peças grandes que dão maior rentabilidade, não só para as rendeiras que trabalham por conta própria como para as contratantes e para aquelas que trabalham com encomendas parceladas. Algumas referem que os “saltos” na carreira de rendeira estão associados à venda de peças grandes. “Vendi uma colcha no Centro de Turismo, peguei o dinheiro e comprei quase todo de material. Daí foi que comecei a trabalhar direto na renda, no tempo em que tinha muita procura”, diz uma rendeira.

As melhorias na casa das rendeiras também são referidas como devidas à venda de peças grandes: “Botei o piso da casa com a venda de uma toalha de banquete”. Ou, como diz outra: “A reforma do banheiro foi feita com o dinheiro da renda, umas costuras de uma mulher de Aracaju. Era uma colcha e um caminho de mesa”.

Muito raramente a rendeira faz uma peça para seu próprio uso e, mesmo quando o faz, pode dela se desfazer por necessidade. Em se tratando de peças grandes, funcionam como uma espécie de poupança, de que se lança mão numa emergência. Diz uma rendeira solteira:

“Fiz uma colcha de casal para mim, pois acho muito bonita. Mas, os tempos ficaram ruins, me apertei e vendi a colcha. Era só o que eu tinha pra vender.



Quando puder, eu faço outra. Era para o meu enxoval, pra quando eu arranjasse um noivo”.

Não existe uma preferência que agregue todas as rendeiras quanto a fazer peças grandes ou pequenas. Muitas gostam de confeccionar rendas de pequenas dimensões, afirmando que, assim, estão sempre tendo o que fazer, não ficam paradas, além do prazer de estar sempre iniciando um novo trabalho. “Ficar muito tempo na mesma costura, enjoa”, afirmam elas. Há aquelas, porém, que revelam predileção pelos trabalhos grandes, como colchas de casal e toalhas de banquete.

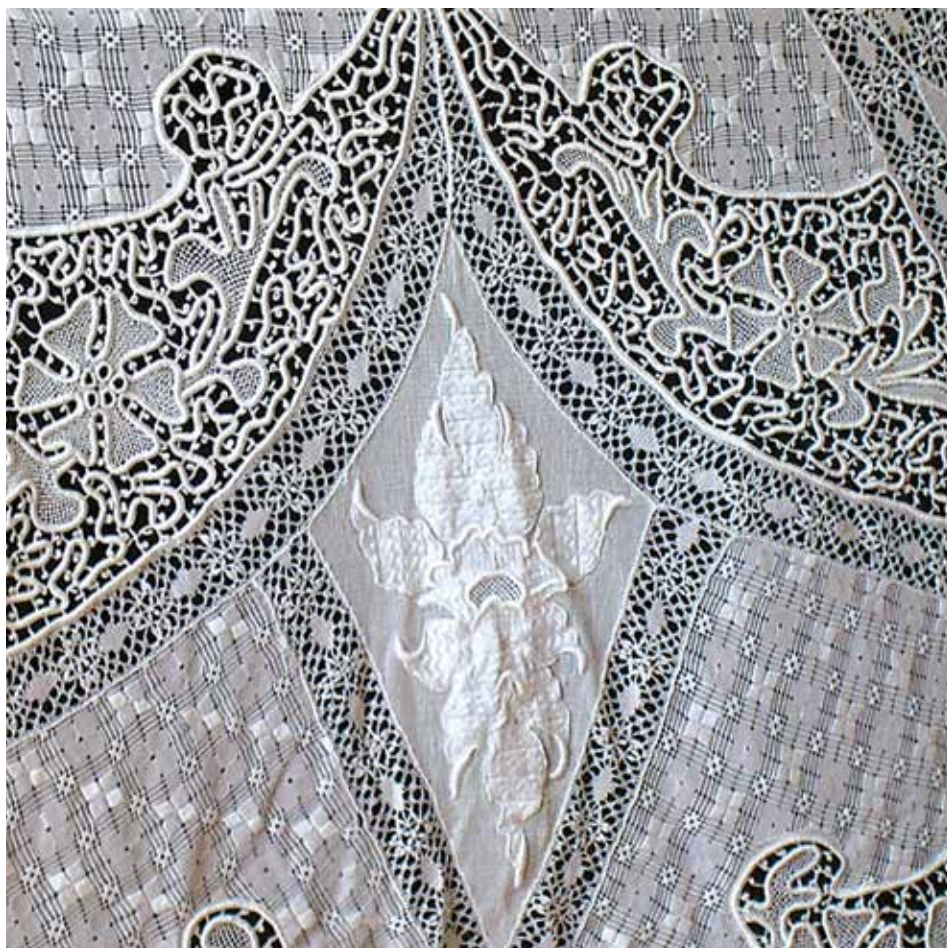
Por essas e outras razões, as encomendas de peças grandes são sempre divididas entre várias rendeiras. Dificilmente, quem faz a encomenda vai esperar um ano, ou muitos meses, até que uma única rendeira execute o

trabalho. Por isso, as peças grandes são quase sempre obras coletivas, em que o trabalho de cada uma, depois de pronto, é unido ao das outras para formar o todo.

Durante a execução de peças grandes, é comum que o trabalho seja temporariamente interrompido quando surgem encomendas de rendas pequenas, de execução mais rápida. A feitura de peças grandes, a depender dos prazos de entrega, funciona para a rendeira como uma espécie de reserva de trabalho, que, suspenso provisoriamente para atender a demanda por uma peça pequena, o que garante entrada imediata de ganho, é retomada assim que a encomenda é atendida. A relação entre peças grandes e pequenas é, portanto, muito importante na economia interna das rendeiras, pois é a execução das rendas pequenas

que, garantindo ganhos mais imediatos, permite a feitura de peças maiores, que exigem tempo maior de confecção e implicam demora no retorno financeiro.

Não são todas as rendeiras que participam da execução de peças grandes. No entanto, a menos que se tenha capital e fôlego para executar o trabalho por conta própria, a participação numa peça grande pressupõe o reconhecimento externo do trabalho ou o reconhecimento interno pela rendeira contratante que repassa, a uma ou a várias outras, parte da encomenda que recebeu para executar. A participação numa peça grande é o atestado de reconhecimento pelos pares. É a consagração da rendeira em seu meio social, sinal de que atingiu o topo da carreira. Se a peça executada tiver sido encomendada por personalidade de destaque, esse



TOALHA EM RENDA.  
FOTO: DETALHE DE FOTO DE  
AUTORIA DE MARCEL NAUER.

dado será incorporado à história de vida da rendeira, referenciando seu prestígio. Encomendas de primeiras-damas são invocadas como sinal de excelência do trabalho, constituindo-se motivo de orgulho para a rendeira.

Houve tempos em que os órgãos públicos eram os principais consumidores de peças grandes, particularmente de toalhas de banquete com que se presenteavam

autoridades. Na memória das rendeiras, vão se perpetuando as lembranças da toalha com que um governador presenteou um presidente da República em visita ao estado, ou aquela que um prefeito de município vizinho ofertou a um político de São Paulo. Segundo as rendeiras, as encomendas de órgãos públicos diminuíram nos últimos tempos, mas, se os palácios já não se interessam tanto por essa renda

nobre, ela está sendo redescoberta pela igreja, voltando aos templos católicos sob a forma de toalhas de altares e estolas de sacerdotes. Atualmente, complementam as rendeiras, não só os católicos enfeitam seus templos com a renda irlandesa; também os protestantes a descobriram e algumas toalhas já foram executadas com a finalidade de adornar seus espaços religiosos. Dessa forma, um novo mercado se anuncia para as peças suntuárias, retornando a renda irlandesa a ocupar antigos espaços cerimoniais.

Do ponto de vista técnico, uma série de exigências se coloca na execução de uma peça grande, que, sendo feitas por várias rendeiras, requer providências no sentido de assegurar a homogeneidade à renda. A primeira delas é que as rendeiras que irão realizar o trabalho tenham um padrão aproximado no que se refere ao tamanho e aperto dos





pontos a executar, de modo que na peça não se misturem pontos graúdos com pontos miúdos. Se tal ocorre, além dos efeitos negativos do ponto de vista estético, uma vez que a harmonia da peça é quebrada, criam-se dificuldades do ponto de vista prático, pois, na junção, as várias partes não encaixam com perfeição. Isto ocorre porque a renda encolhe um pouco ao ser executada, o que tem relação com o modo de feitura dos pontos. Assim, se as partes confeccionadas por diferentes rendeiras tiverem um nível de redução muito diferenciado, isto dificultará os encaixes e emendas para a composição do todo. Por essa razão, as rendeiras contratantes costumam dividir peças grandes com pessoas de seu grupo, por conhecerem melhor o resultado do trabalho, tendo assim assegurado o sucesso da empreitada.





ÀO LADO, À ESQUERDA

PASSADEIRA DE MESA EM RENDA.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

AO LADO, À DIREITA

TOALHA DE MESA.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

O número de partes em que uma peça pode ser dividida entre várias rendeiras vai depender do risco, do tamanho da peça e do tempo disponível para sua execução. Uma colcha ou uma toalha de banquete retangular pode ser dividida em quatro partes; uma toalha redonda, em cinco, seis ou dez partes. O número e o tamanho das partes não são fixos. O importante é encaixar perfeitamente na hora da emenda, unindo as partes umas às outras. Num caso concreto de execução de uma toalha de jantar de 1,90m de diâmetro, a barra, que algumas chamam de roda ou saia, foi dividida em nove partes, sendo cinco maiores e quatro menores, além do centro. O mais usual é a divisão em quatro partes, já que, segundo afirmam rendeiras mais experientes, quanto mais se divide a peça, mais difícil fica assegurar a homogeneidade do

trabalho e garantir a qualidade da renda. Outro inconveniente é que a divisão de tarefas entre muitas rendeiras termina seccionando muito os riscos, o que dificulta o controle sobre a exclusividade destes, questão de grande relevância para as rendeiras, conforme explicitado anteriormente.

Na execução das peças de dimensões maiores, há momentos de trabalho individual e coletivo. Ao terminar sua parte, cada rendeira a entrega, ainda presa ao papel, à coordenadora da atividade. Uma vez reunidas todas as partes, dá-se o momento de juntá-las para compor o todo projetado no risco. Isso exige experiência e algumas rendeiras participam mais efetivamente da tarefa que outras. Composta a peça, ela é retirada do papel. A renda se revela então em sua exuberância de formas e pontos, que são ressaltados quando postos

contra a luz. Mas, como um recém-nascido, a renda traz em si os sinais da sua longa gestação. Aflora uma infinidade de fiapos de linha e de restos dos alinhavos que prendiam o lacê ao risco e ao papel grosso, enfeando a peça. Numa operação coletiva, as rendeiras vão retirando-os, um a um, com a ponta dos dedos ou de uma tesoura. Os fiapos mais escondidos são alcançados com a ponta de uma agulha e puxados cuidadosamente, para não estragar o lacê. Essa é uma atividade que, por ser minuciosa, exige atenção, mas é também entremeada de brincadeiras e de comentários no grupo sobre a qualidade da renda, que, afinal, aparece em toda sua beleza, alimentando o orgulho das rendeiras. ■

PEÇA EM RENDA IRLANDESA.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

## A RENDA E O PADRÃO DE QUALIDADE

**A** boa ou a má qualidade da renda resulta de muitos detalhes que perpassam as diferentes fases de sua elaboração, desde o debuxo até os arremates finais. São fatores que interferem na qualidade o modo de distribuir o lacê pelo papel que lhe serve de suporte, a maneira de fazer as junções para evitar cruzamentos indevidos, o que implica muitas vezes cortes e frequentes emendas,

exigindo atenção aos arremates. A boa renda se define também pela regularidade no tamanho dos pontos, o que assegura homogeneidade à peça, e ainda por uma quantidade infundável de pequenos detalhes técnicos, como o modo de combinar os pontos e a maneira de executá-los.

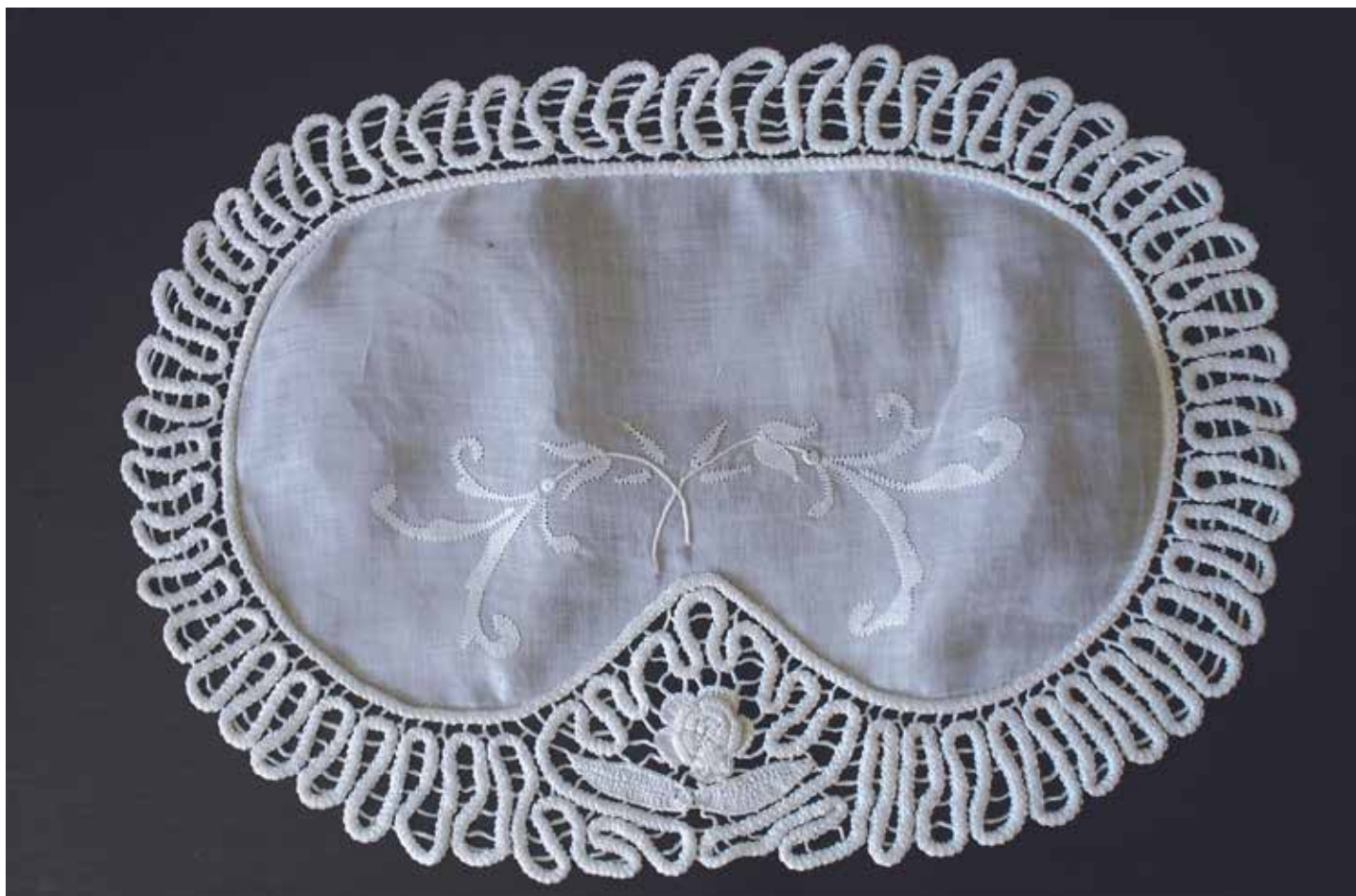
A qualidade do acabamento de uma peça se torna visível, sobretudo, quando ela é examinada pelo avesso, porque emendas, arremates e nós ficam então muito aparentes ou quase imperceptíveis. Isso faz a diferença para quem se detém a examinar com atenção uma peça de renda irlandesa.

Nas rendas de cor branca, manter a brancura é fundamental. Durante a execução da peça, a limpeza das mãos se completa com o hábito que têm as rendeiras de trabalhar com a peça envolta em tecido, para evitar manchas

ou poeira, sobretudo quando se trata de exemplares grandes, de execução mais demorada.

Esses pequenos cuidados se somam para assegurar a excelência do acabamento de uma peça de boa qualidade, que depende fundamentalmente do modo como é executada pela rendeira, mas que também depende do risco que lhe serve de base. Enfim, fazer renda é uma arte na qual a maestria de umas rendeiras é mais visível que a de outras, mas onde o empenho em fazer o trabalho bem feito é também de importância fundamental.

Ao se referirem à qualidade do trabalho, as rendeiras costumam usar as expressões “renda bem feita” e “renda mal feita”. O ato de classificar a renda tomando como critério a qualidade, embora apoiado em alguns dados objetivos fundamentados na técnica de execução e nos resultados visíveis



no produto, envolve, muitas vezes, questões de política interna aos grupos das rendeiras, transformando-se em modos de desqualificação de indivíduos ou grupos rivais. A expressão “renda jereré” é utilizada pejorativamente para indicar o trabalho de rendeiras que, na tentativa de baratear o produto, tornam os riscos muito espaçados e os pontos da renda muito abertos.

A alusão, que aproxima a renda do trançado do implemento de pesca, o jereré, visa qualificar negativamente o trabalho mal executado. O instrumento, muito difundido e utilizado na pesca de peixes pequenos, é constituído de uma rede de malhas abertas que carece de regularidade, presa a um aro de cipó. Via de regra, esse tipo de comentário é feito de forma sub-reptícia,

procurando atingir a qualificação profissional da concorrente, mas funciona, indiretamente, como uma maneira de zelar pela qualidade do ofício, atuando, portanto, como um mecanismo de autocontrole do grupo.

Outra estratégia para manter a qualidade da produção são as avaliações das mestras, para referendar o trabalho das jovens aprendizes ou mesmo de



rendeiras mais experientes. As sessões coletivas de finalização de peças grandes, nas quais várias rendeiras se reúnem para fazer a emenda das partes que executaram individualmente e os acabamentos finais, funcionam como momentos de avaliação do trabalho realizado por cada uma delas. Ao serem colocados lado a lado os trabalhos de diversas rendeiras, naturalmente, as comparações e os comentários se impõem, versando sobre a brancura da renda, o maior ou menor apuro na execução dos pontos, o maior ou menor gasto de linha devido ao aperto dos pontos e mais uma série de detalhes técnicos que escapam ao leigo. É também o momento em que a rendeira que coordena a atividade e distribuiu as tarefas com as demais faz eventuais reparos ao trabalho executado pelas

companheiras. Quando associa à sua condição de contratante a de mestra reconhecida, seus comentários ganham força maior na tentativa de manter o padrão de qualidade da renda, que terá no mercado seu desafio final.

O discurso sobre a renda irlandesa de Divina Pastora está longe de desfrutar de hegemonia no que concerne à excelência. A qualidade da renda atualmente produzida é questionada por senhoras de classe média alta de Aracaju, consideradas detentoras de gosto “mais requintado”. Na avaliação de uma delas, que por mais de trinta anos confeccionou enxovais de noivas e negociou com as rendeiras do município produtor, e que hoje vende rendas em sua própria residência, sobretudo para consumidores de alto poder aquisitivo do Rio de Janeiro e de São Paulo, a renda



de Divina Pastora se degenerou. Segundo essa compradora, as boas rendeiras com as quais trabalhou por muitos anos morreram ou migraram para Aracaju, existindo outros lugares onde é possível encontrar renda de melhor qualidade. À imagem ruim sobre a excelência da renda, a informante associa uma visão negativa sobre o trabalho das artesãs, no que se refere ao cumprimento de

À DIREITA

PEÇA EM RENDA IRLANDESA.  
FOTO: DETALHE DE FOTO DE  
AUTORIA DE MARCEL NAUER.

À ESQUERDA

PEÇA EM RENDA IRLANDESA.  
FOTO: MARTA MARIA SILVA CHAGAS.



prazos e ao uso da matéria-prima de qualidade inferior. Por mais que essa imagem reflita uma idealização do passado, ou resulte de uma experiência pessoal carregada de ressentimentos, não deixa de ser significativa ao chamar atenção para uma questão importante. Embora se encontre em Divina Pastora a maior concentração de rendeiras da região, a cidade não é hoje o único centro produtor de renda irlandesa. A técnica foi muito difundida nos últimos tempos e as rendeiras se multiplicaram em vários lugares, inclusive com o concurso das próprias rendeiras de Divina Pastora. ■

## A DIFUSÃO DA TÉCNICA: OS CURSOS

Desde a década de 1960, quando instituições privadas e órgãos governamentais passaram a ter em Sergipe uma maior ingerência nas questões do artesanato, cursos sobre diferentes modalidades de artes femininas começaram a ser ministrados, objetivando, na visão de seus administradores, a formação ou a qualificação de mão de obra.

Cursos de renda irlandesa têm sido oferecidos, sob o

patrocínio de órgãos diversos, em diferentes localidades de Sergipe. Estância, Laranjeiras, Barra dos Coqueiros e Aracaju são alguns dos municípios citados pelas rendeiras como tendo sediado, nos últimos anos, cursos de transmissão das técnicas dessa e de outras modalidades de renda. Em Aracaju e na própria Divina Pastora, são frequentes os treinamentos visando a iniciação

de novatas nas artes da renda, como também o aperfeiçoamento de rendeiras por meio da oferta de cursos formalmente organizados. Institutos variados, nos últimos anos, têm sido promotores de cursos que vão iniciando e aperfeiçoando novas artesãs, formando e qualificando novas rendeiras e, desse modo, ampliando as possibilidades de difusão da arte de fazer renda.

ABAIXO

REUNIÃO DE RENDEIRAS.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

DIREITA

DONA ALZIRA, A MESTRA.

DEMONSTRANDO PARA OUTRAS RENDEIRAS.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.







Cursos de curtíssima duração também têm sido oferecidos em feiras de artesanato, atendendo a consumidores ou artesãos mais interessados em aprender, ao menos, os pontos básicos da renda e levar o conhecimento para suas cidades de origem.

Desse modo, a técnica de fazer renda, antes restrita a um modo de vida partilhado por mulheres de uma dada localidade, envolvendo

uma cadeia tradicional de grupos de parentesco, vizinhança e relações mais duradouras entre aprendizes e mestras, se difunde atualmente a partir de suportes institucionais que ampliam sua territorialidade.

Em Sergipe, hoje, a produção da renda irlandesa está presente em vários municípios. Alguns deles apresentam produção significativa, como é o caso de Aracaju. Não se dispõe do mapeamento atualizado

das ocorrências da renda irlandesa por todo o território sergipano. Mas, é nesse universo ampliado das rendeiras de Sergipe que se situa a renda irlandesa de Divina Pastora, centro focal da produção da renda não só por reunir o maior contingente de artesãs como por sua importância na história da construção de um bem cultural tão significativo na definição da identidade do lugar. ■

## MODOS DE TRABALHAR A RENDA: TIPOLOGIA

A diferenciação na situação profissional das rendeiras se acrescentam as formas de exercer a atividade, gerando diversas categorias de rendeiras, a depender do modo como se inserem no processo de produção e na articulação que estabelecem com o mercado. Os modos de trabalhar a renda irlandesa podem ser distribuídos em quatro categorias básicas. Embora esses tipos não sejam exclusivos, ajudam a vislumbrar a diferenciação interna da categoria e certa hierarquização do campo, estabelecendo posições que se expressam por relações de poder e de ganho, também diferenciados.

- *Rendeiras que trabalham por conta própria:* compreende o grupo que dispõe de capital para comprar matéria-prima. Desfruta de maior liberdade na escolha da peça que deseja executar. Como o produto

ABAIXO

RENDEIRA TRABALHANDO NA  
PORTA DE CASA.  
FOTO: FRANCISCO MOREIRA DA  
COSTA

À DIREITA

RENDEIRAS.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.





é de sua propriedade, a rendeira desse grupo tem maior poder de decisão sobre o preço, sobre o melhor momento de venda do produto ou se deseja estocá-lo, à espera de melhor ocasião de venda.

- *Rendeiras que trabalham por encomenda:* podem ser aquelas que, tendo certa visibilidade e cujo trabalho é reconhecido pela excelência da execução, recebem a encomenda diretamente. Estas dispõem de maior controle na definição do preço e nas condições de execução do trabalho, como acertos sobre matéria-prima, prazo de entrega, pagamentos. Essa categoria de rendeira pode fazer a renda individualmente ou repassar integral ou parcialmente o trabalho a outras rendeiras. Ao compartilhar o trabalho com outras artesãs, ela se transforma em contratante, surgindo aí uma terceira modalidade.

- *Rendeiras que trabalham com encomendas parceladas:* compreende aquelas que atuam mediante um contrato informal de venda de mão de obra, ajustado segundo regras previamente estabelecidas na comunidade. Geralmente, o cálculo do pagamento da mão de obra toma como referência a quantidade de matéria-prima básica a ser utilizada na produção da peça, uma unidade de medida de trabalho que é convencionada entre pessoas que partilham de um saber comum.

- *Rendeiras contratantes:* formado por aquelas que passam encomendas para outras rendeiras, fornecendo-lhes o material e pagando-lhes pelo trabalho executado. As peças assim produzidas podem ser encomendas previamente acertadas, peças destinadas à venda imediata, ou ainda peças destinadas à formação

de um estoque, porque é comum esse tipo de rendeira atuar como intermediária. Muitas vezes, a rendeira desse grupo se confunde com aquela que trabalha por conta própria, dispõe de capital e, como conhece o mercado, sabe quando e onde é mais provável comercializar melhor a renda.

Essas formas de trabalhar a renda, em geral, estão associadas ao maior ou menor poder aquisitivo da artesã. Enquanto as rendeiras que trabalham por conta própria ou como contratantes têm capital suficiente para comprar matéria-prima, pagar mão de obra e estocar peças à espera de bons preços, as que trabalham por encomenda vendem sua força de trabalho. Nesta categoria encontram-se as rendeiras mais pobres. É importante reafirmar que a distribuição das rendeiras pelas categorias acima





À ESQUERDA

RENDEIRA ANALISANDO DEBUXO.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

À DIREITA

RENDEIRAS MOSTRANDO TOALHA  
TECIDA COLETIVAMENTE.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

nem sempre se faz de modo exclusivo, sendo comum uma combinação entre diferentes formas de trabalhar coexistindo numa mesma rendeira.

A rendeira que trabalha por conta própria, num dado momento, pode receber encomenda ou aceitar parte de uma encomenda de outra rendeira. A inserção delas nessas categorias, de modo geral,

é circunstancial, e depende muito da demanda por renda. As categorias das contratantes e daquelas que trabalham por conta própria são mais fechadas, já que exigem desembolso na compra da matéria-prima e estabelecimento de um círculo de relações na hora da venda.

Um dado que se destaca é que, em 2000, mais da metade das rendeiras, ou seja, 63,5%,

trabalhava por encomenda, sob a forma direta ou parcelada. Isto significa que a maioria das rendeiras vivia na dependência absoluta e imediata das demandas externas. Se não há encomenda, não há trabalho, pois quem faz a encomenda é quem traz a matéria-prima, ou faz o adiantamento do dinheiro para sua aquisição, propiciando assim o início de um ciclo de trabalho.

Fazer renda por encomenda, tanto no passado quanto no presente, se constitui numa das modalidades de produção mais desejadas. São tão importantes na lógica das artesãs que uma rendeira que está trabalhando por conta própria na produção de uma peça de imediato a interrompe se aparece uma encomenda, dizendo: "a outra peça pode esperar". A produção por conta própria atua como uma espécie de reserva

de trabalho ou, como dizem as rendeiras, “para não ficar parada”. Dessa forma, a rendeira combina os modos de trabalhar, num cálculo que envolve muitas coisas, como o duvidoso retorno imediato do capital investido na compra da matéria-prima da peça que faz por conta própria e a possibilidade de ganho imediato de dinheiro ao término da encomenda. Poucas rendeiras se aventuram a trabalhar por conta própria em peças grandes como colchas e toalhas de banquete, que exigem alto investimento na matéria-prima, muito trabalho e longo tempo de espera para vender, como visto. Mesmo essas, em sua maioria, fazem peças pequenas, como panos de bandeja, ou meias, como caminhos de mesa ou passadeiras.

Vê-se, portanto, que numa mesma categoria há variações quando se leva em conta o tipo



RENDEIRA EM FRENTE A SUA MÁQUINA DE COSTURA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

de peça que cada rendeira é capaz de confeccionar. Se ela tem possibilidade de produzir, estocar, comprar de outras, pode se transformar em intermediária, categoria que em Divina Pastora não aparece isolada, mas geralmente está associada às rendeiras contratantes, que também sabem fazer a renda e, eventualmente, também a fazem, legitimando-se como rendeiras. Algumas delas vão se especializando na comercialização, mas sem descuidar da produção, na qual interferem intensamente através de encomendas, riscos, determinação do preço da mão de obra e do valor de venda das peças. Nessa intrincada trama de formas de trabalhar, circulam as rendeiras, compondo grupos, estabelecendo alianças, constituindo o mercado.

Essa caracterização geral pode ser um pouco mais



elaborada a partir das relações que as rendeiras estabelecem entre si e com itens básicos na produção da renda, expressando assim relações de poder e de ganhos diferenciados, que geram certa hierarquização no campo das rendeiras.

As que trabalham por conta própria, por exemplo, têm maior poder de decisão do que as que trabalham com

encomendas parceladas, que apenas vendem sua força de trabalho. Do mesmo modo, as contratantes e as intermediárias auferem maiores lucros que as rendeiras que trabalham com encomendas parceladas. O quadro que se apresenta a seguir é uma tentativa de sistematizar essas relações e aprofundar um pouco mais o perfil das artesãs da renda de Divina Pastora.



## TIPOS DE RENDEIRAS - CARACTERÍSTICAS

Tipo	Trabalho por conta própria	Por encomenda direta	Encomenda parcelada	Contratante
Risco (Debuxo)	Tem domínio sobre a escolha. Nem sempre domina a arte de riscar. Copia ou paga pelo risco.	Pode receber o risco já pronto ou pode decidir sobre o risco	Não decide sobre o risco e o recebe pronto para executar. Nas costuras grandes recebe só a sua parte desconhecendo o risco como um todo.	Decide o risco e quando repassa a peça grande já o entrega dividido para a executante.
Matéria-prima	Compra e tem controle sobre o gasto	Determina para o cliente a quantidade a ser fornecida com a liberdade de quem lida com leigos no assunto.*	Recebe o material cujos gastos são controlados pela rendeira que repassa a encomenda.	Fornecer material para a rendeira executante e tem controle sobre os gastos.
Pontos	Decide os pontos a empregar segundo critérios de saber, tempo, gasto de material, etc.	Decide os pontos a empregar, segundo critérios de saber, tempo, gastos de material e a exigência do dono.	Em peças pequenas tem liberdade de escolha. Nas grandes já vem determinado no risco, devendo ser executado fielmente para não prejudicar o todo.	Decide os pontos a empregar segundo critérios de saber, tempo, gasto de material, gosto do cliente. Eventualmente deixa a critério da rendeira.
Peças	Decide sobre a peça a executar e pode executá-la integralmente ou dividir com pessoas da família.	A peça encomendada pode ser executada por ela ou repassada em partes para outras rendeiras.	Recebe pedaços de peça ou a incumbência de fazer pequenas peças inteiras.	Decide sobre a peça a ser executada levando em conta a procura no mercado e as encomendas que recebe.
Preço	Estipula o preço e, a depender das posses, aguarda momentos oportunos para conseguir preço mais alto.	Decide o preço da peça ao receber a encomenda, embutido gastos com matéria-prima, mão de obra e lucro.	É acertado com a rendeira contratante havendo regras estabelecidas.	Decide sobre os preços levando em conta os gastos embutidos na produção da renda e os lucros pela comercialização.**
Ritmo do trabalho	Tem controle sobre o ritmo de trabalho que é sempre coordenado com outras atividades	É regida por prazos colocados pelo dono da costura e pela rendeira.	Prazos fixos determinados pela rendeira que repassa a costura.	Dona do prazo quando contrata trabalho próprio, escrava dos prazos quando trabalha com encomendas.

\*Fonte de ganhos indiretos não desprezíveis, considerando o preço alto de dois itens básicos da renda: o lacê e a linha Mercer Crochet. Quando calculado acima do necessário, o material é retido pela rendeira.

\*\* Durante a comercialização, a peça de renda pode ter seu preço dobrado em relação ao da rendeira.

As diferenças entre as rendeiras vislumbradas no quadro acima referem-se também às possibilidades de ganhos. As contratantes e as intermediárias são as que auferem maior lucro com a renda. Para as rendeiras que entram em contato direto com os consumidores, a margem de ampliação de ganhos é bastante flexível, pois elas estabelecem os preços e, além do mais, seus ganhos podem ser ampliados indiretamente com a incorporação de matéria-prima pedida em excesso. Isso ocorre no caso de encomendas em que o acerto envolve o fornecimento direto do material pela “dona da costura”. Esta é uma prática usual, uma vez que, de modo geral, a rendeira não tem capital para comprar a matéria-prima e, por outro lado, permite à pessoa que está encomendando a renda fazer desembolsos parcelados, fornecendo material aos poucos.

Aqui reside uma das queixas mais constantes entre pessoas que fazem encomendas em Divina Pastora, sobretudo de peças grandes: o desvio de matéria-prima pela rendeira, que a utiliza na execução de pequenas peças vendidas em benefício próprio. Essa imagem afeta as rendeiras de modo geral, mas, na prática, só quem pode fazer esse jogo e dele se beneficia são aquelas que recebem pedidos diretamente dos consumidores. As rendeiras que atendem a encomendas repassadas por outras rendeiras, geralmente as mais pobres, sabem que sobre a matéria-prima que lhe foi entregue há controle mais efetivo, baseado no conhecimento da contratante sobre o conjunto das atividades do processo produtivo de cada peça.

Embora as rendeiras combinem os modos de executar as tarefas, de maneira que aquela que trabalha

por conta própria também possa fazê-lo por encomenda, conforme explicitado anteriormente, um dado que chama atenção é que mais da metade das rendeiras (60,1%), em 2000, trabalhava apenas com encomenda parcelada, ou seja, recebendo trabalhos que eram repassados por outras artesãs. Nesse contexto, ressalte-se a importância das rendeiras que são capazes de atrair encomendas externas ou gerá-las internamente e transferir trabalho para outras. Delas depende a maioria das rendeiras para dar origem a um novo ciclo de trabalho, na medida em que, para estas, quando não há encomenda não há trabalho. Isso faz com que muitas rendeiras estejam temporariamente inativas e outras desistam da atividade, depois de ficarem durante anos sem ser procuradas pelas contratantes de renda. ■

## AS RENDEIRAS E AS REDES DE PRODUÇÃO DA RENDA

É quase impossível precisar o número exato de rendeiras em Divina Pastora. Elas se multiplicam através da aprendizagem informal e, sobretudo na atualidade, em decorrência de cursos que são ministrados na cidade por rendeiras experientes, contratadas por entidades diversas para transmissão do saber. Desse modo, algumas estão se iniciando na arte de fazer renda, enquanto outras abandonam o ofício por motivos diversos: velhice, demandas familiares, como cuidar de filhos e netos, mudança para a capital, onde quase sempre dão continuidade à arte de render. Disso resulta que o número de rendeiras na cidade é sempre flutuante. Em 2000, foram cadastradas mais de uma centena de mulheres que faziam renda na sede municipal de Divina Pastora, além daquelas que não aceitaram participar do cadastro e de muitas

RENDEIRAS EM REUNIÃO.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.



outras, de cuja existência se sabia vivendo espalhadas em povoados e fazendas. Registrou-se ainda um significativo número de mulheres que dominavam a técnica, mas não a executavam porque eram atraídas por outras atividades mais rentáveis ou estavam desencantadas com as sucessivas crises que marcam a história da renda na cidade.

A faixa etária das rendeiras no ano de 2000 oscilava entre 16 e

75 anos, mas, a maior incidência de artesãs recaía na faixa de idade entre 25 e 44 anos, representando esse grupo 57% das rendeiras locais. Apenas 7% tinham acima de 60 anos, o que rompe com a visão de que as rendeiras são mulheres idosas voltadas para fazeres tradicionais. Em Divina Pastora, ao contrário, o perfil das rendeiras inclui um alto percentual de mulheres jovens. Esse quadro não parece ter se alterado atualmente, registrando-se, porém, um aumento do número de rendeiras com mais de 60 anos. Apesar do amplo espectro de idade das artesãs, um dado que chama atenção é que a maioria delas (51%) se iniciou na arte da renda quando tinha aproximadamente dez anos de idade e somente 27% o fizeram depois dos 20 anos. ■



## RENDEIRAS: INICIAÇÃO, MOTIVAÇÕES E CARREIRA

**A**prender a fazer renda irlandesa é, para as mulheres de Divina Pastora, uma alternativa que se coloca desde cedo em suas vidas. É quase um dado que se inscreve naturalmente em suas biografias. Elas nascem e crescem vendo parentas e vizinhas às voltas com a renda e, também, são incentivadas a aprender. E o fazem quase sempre ainda com pouca idade. Muitas delas, sobretudo as mais velhas, passaram pelo processo de aprendizado antes dos dez anos, pois essa é uma habilidade que, preferencialmente, se adquire quando criança ou adolescente. Algumas, hoje mais idosas, iniciaram-se na renda antes de aprender a ler. Para outras, as duas aprendizagens, alfabetizar-se e fazer renda, ocorreram ao mesmo tempo. Para muitas, aprender a fazer renda cedo era um modo de escapar dos pesados trabalhos da

roça, já que tinham suas famílias ligadas ao campo, aos engenhos e às fazendas de plantar cana, próximas da pequena vila. Era do trabalho nos canaviais que suas famílias retiravam o necessário à subsistência, complementando com produtos da roça cultivada em terras de engenhos cedidas pelos patrões, ou em pequenos lotes de propriedade familiar. Integrar-se aos trabalhos agrícolas era, portanto, o horizonte das crianças de ambos os sexos; às meninas reservava-se, porém, a oportunidade de fugir do trabalho agrícola dedicando-se à renda, como lembra uma rendeira:

“Eu ia pra escola de manhã e quando era de tarde mãe botava tudo na frente e levava pra roça. Os meus irmãos já tinha ido de manhã junto com pai trabalhar nos canaviais. Eu nunca fui pra

palha da cana, mas trabalhei muito na enxada. Aí resolvi aprender a fazer renda, que era uma coisa que as mulheres aqui faziam muito. Aprendi e não fui mais pra roça. Aqui não tinha outra coisa pra se fazer. Era esse o trabalho pra mulher”.

Esse trânsito da roça para a renda é um traço que se faz presente na biografia de muitas rendeiras, sendo mais frequente entre as mais idosas. Muitas meninas que substituíram o trabalho braçal nas roças e canaviais pela agulha puderam também, com os ganhos da renda, custear seus estudos, tornando-se professoras, categoria profissional proporcionalmente significativa no conjunto das rendeiras da cidade.

As motivações das pessoas que hoje se iniciam na arte da renda não são muito diferentes dos desejos que moveram as rendeiras



RENDEIRAS COM SEUS TRABALHOS.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

que estão na atividade há mais tempo e nela se iniciaram em décadas passadas. A falta de outras opções de trabalho na cidade as leva para o ofício da renda, atividade que muitas delas também acham bonita e praticam porque gostam. Gostar do que fazem é um traço das mulheres que trabalham com a renda irlandesa em Divina Pastora. Trabalham e encantam-se com a beleza das rendas que tecem e terminam fazendo do trabalho um ofício prazeroso que lhes permite fugir da indesejada situação de “não ter o que fazer”. Algumas expressam de modo muito característico esse gostar do trabalho que realizam:

“É melhor fazer renda, mesmo ganhando pouco, do que não fazer nada. Fazendo renda pelo menos me entreto [entretenho], me distraio, e o tempo vai passando. Eu gosto de fazer renda, acho

ABAIXO

RENDEIRA TECENDO NA CALÇADA.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

DIREITA

JOVEM RENDEIRA.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

divertido e bonito. Depois, é um trabalho que não empata a gente de conversar, de ver televisão. A gente vai fazendo e vai se distraíndo, além de estar ganhando um dinheirinho, que não dá pra muita coisa, mas é sempre melhor do que nada. Tem coisa mais triste do que ficar parado, sem ter o que fazer?”.

A dimensão lúdica, prazerosa do fazer renda, razão apontada por muitas rendeiras entre os motivos invocados para justificar a aprendizagem e a dedicação à arte, torna-se mais compreensível quando se sabe que a cidade não oferece muitas alternativas de divertimento. Nos fins de semana, a missa e os cultos vinculados a expressões religiosas diversas, cujo conteúdo social não deve ser menosprezado, se constituem praticamente no único momento de convívio social coletivo mais intenso para todos. O componente







lúdico do fazer renda amplia-se na medida em que o trabalho não demanda um espaço específico para sua execução, podendo ser feito em qualquer local. É comum se encontrar rendeiras em animadas conversas com as companheiras, trabalhando, isoladamente ou em grupos, à sombra das árvores na praça, enquanto observam o vai e vem das pessoas que transitam pela cidade. Essa forma de sociabilidade no trabalho, associada à convivência com grupos de amizade, dilui o esforço do rendar e torna o trabalho mais agradável.

O lucro com a renda não pode ser menosprezado como incentivador das jovens na aprendizagem e no exercício do ofício. Assim, os ganhos propiciados pela euforia da renda nos anos 70 e 80 do século XX predisuseram muitas jovens de Divina Pastora à prática da

renda, permitindo-lhes custear os estudos em cidades vizinhas e se tornarem professoras. Aliaram o magistério à arte de rendar e, desse modo, ao mesmo tempo em que melhoravam seu *status* na comunidade, passavam a ter uma visão positiva do ofício, cuja origem remetia às senhoras da aristocracia local. Ainda hoje é expressivo o número de professoras que também fazem renda, algumas ocupando lugar de destaque nas cadeias de produção e circulação do produto.

O estudo formal, o domínio da escrita e dos códigos do saber letrado possibilitam a abertura de novos horizontes. Como funcionárias públicas, e particularmente como professoras, as rendeiras transitam por espaços diversos e têm acesso à literatura em que o trabalho feito à mão é representado positivamente, o que as torna mais sensíveis aos

discursos de valorização tanto do artesanato em geral como da renda em particular. Ao fazê-lo, estabelecem relações sociais que lhes permitem aproveitar melhor as brechas que se abrem pela implementação das políticas públicas de fomento e apoio ao artesanato e pela descoberta de nichos de venda da renda. As instituições de ensino superior, onde algumas, autofinanciadas pelo dinheiro da renda, frequentam cursos de graduação ou de especialização, são espaços em que as artesãs têm encontrado um mercado promissor para sua produção. Diz Givanilde, uma rendeira que vê no estudo formal um mecanismo de ascensão social:

“Aprendi a renda e daí foi que consegui dar continuidade aos meus estudos. Anos depois que tirei o segundo grau, eu consegui

minha graduação através da renda. Porque eu já trabalhava, mas era emprego público, não ganhava o suficiente para pagar faculdade. Então tive que costurar muito para pagar faculdade. Sou graduada, pós-graduada e já pretendo começar a fazer mestrado. Já tou pensando nisso. Tenho muito orgulho de ser rendeira, porque o meu primeiro emprego foi como rendeira. As oportunidades que eu tive foi através da renda”.

Ao falar sobre suas carreiras, avaliando o que conseguiram alcançar na vida, as artesãs enaltecem a importância da renda. Entre elas, um dos destaques é Zu, rendeira premiada internacionalmente. Com este curto apelido, se tornou conhecida Maria Alaíde da Conceição Carvalho, nascida em Rosário do Catete e criada em Divina Pastora. Com a mãe, Maria Hosana, que

era rendeira, aprendeu a tecer a renda irlandesa, arte que foi transmitida a todas as filhas que hoje, porém, vislumbram outras formas de ganhar a vida.

Além de renda irlandesa, Zu também faz “ponto de cruz” e “desfiado”, técnicas que aprendeu na infância. Com essas múltiplas habilidades, percebeu que é possível atingir clientes de poder aquisitivo diferenciado, tendo sido bem sucedida no comércio das feiras que frequenta desde a década de 1990.

Depois de participar de muitas feiras nacionais, a rendeira passou a frequentar o circuito internacional, indo a diversos países da América Latina, como Argentina, Chile, Venezuela, México, Porto Rico, Bolívia e também Estados Unidos e Espanha. Coleciona prêmios por seu trabalho, tendo sido agraciada com dezoito premiações internacionais.



Embora trabalhe com vários tipos de rendas e bordados, ela atribui à renda irlandesa o sucesso e o reconhecimento internacional que alcançou:

“Eu agradeço a Deus de ter viajado para os Estados Unidos e ali representado a renda irlandesa. Foi ela que me deu vários prêmios, os primeiros prêmios. Sempre competi com 40 países, 45 países...

À ESQUERDA

RENDEIRA ELIZABETE RAIMUNDA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS

ABAIXO

RENDEIRA JIVANILDES.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

ABAIXO

RENDEIRA ALZIRA  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS



Graças a Deus a renda irlandesa tem trazido o primeiro prêmio para o Brasil. (...). Eu comecei a viajar, me deram o anzol e, com esse anzol, já tenho doze anos que viajo ao exterior, e 25 anos no Brasil quase todo”.

Residindo atualmente na Argentina, Zu considera seus muitos prêmios como uma vitória do Brasil, ampliando seus feitos para muito além de Divina Pastora.

No entanto, reconhece que foi na pequena cidade que se fez rendeira e ali mantém vínculos de família.

Outra rendeira, Geninha, nunca saiu de Divina Pastora. É da geração mais velha das rendeiras, mas sua vida também foi marcada pelo ofício da renda, a que atribui o conforto e a segurança da boa casa em que mora:

“A minha vida era botar lenha, era pescando pra criar os filhos, trabalhando na roça. Então me apareceu uma mulher de um João Deus e me ensinou a costurar. Aí costurei uns dez anos pra ela. Costurei pra outras pessoas, pra Dona Zu. Agora vou fazer pra mim. Comprei o material. Não faço parte da associação. Faço parte da minha vida. Aí costuro. Tenho casa boa porque costuro muito”.

Elisabete, também professora formada com o dinheiro da

renda, igualmente reconhece a importância do ofício para as mulheres da cidade e para sua própria ascensão social. Por muitos anos à frente da entidade que congrega as rendeiras, distribui costuras, acerta encomendas e viaja divulgando o trabalho e gerando novas encomendas e trabalhos para o grupo de artesãs.

Na diversidade de situações vividas pelas muitas dezenas de





AO LADO  
RECORTE DE JORNAL.  
IMAGEM ESCAN IPHAN/SE

PÁGINA À DIREITA  
RENDEIRAS TECENDO.  
FOTO: GRACYANNE FREIRE DE  
ARAÚJO.

rendeiras que hoje residem na cidade, o ponto de partida foi o aprendizado da renda. Alzira foi mestra de muitas delas. Tem o saber e o peso da tradição de ser herdeira direta daquela tríade de mulheres que, segundo uma das versões mais conhecidas sobre a origem da renda na cidade, teria difundido o ofício no local. Com a morte das três irmãs, Alzira, sobrinha delas, foi alçada à condição de rendeira guardiã da qualidade da renda, empenhando-se na formação de novas gerações de artesãs. Em torno dela criou-se a aura de uma grande mestra. Avesa à burocracia e a falar em público, sua liderança se impõe pelo saber. Seu labor diário no repasse do conhecimento sobre a arte terminou por modelar sua trajetória pessoal, fazendo da renda o centro de sua vida. ■



**DONA ZU** conquistou 20 prêmios internacionais participando de feiras de artesanato

#### ARTESANATO

## Sergipe na Argentina

Sergipe não é apenas o país do forró, mas principalmente o país da renda irlandesa e prova disso são os 20 prêmios internacionais que Maria Alaíde da Conceição, 50 anos, mais conhecida como Dona Zu, conquistou participando de feiras de artesanato, principalmente na Argentina. O mais recente prêmio foi conquistado também na Argentina, no final do mês passado. "O mais importante foi o que ganhei na Venezuela em 2001, porque dentre os 45 países inscritos dois foram selecionados e um deles foi o Brasil, representado por mim, e acabei conquistando o primeiro lugar. Não adianta, toda renda irlandesa que o Brasil possui sai de Sergipe, mais precisamente de Divina Pastora, única cidade que desenvolve esse artesanato, contou Dona Zu. Nascida em Rosário do Catete, o primeiro contato de Maria Alaíde com o bordado aconteceu aos oito anos, quando

aprendeu o ponto de cruz. Quatro anos depois iniciou os aprendizados de renda irlandesa, trabalho que lhe rendeu dinheiro e abriu as portas para um mundo desconhecido: o das viagens, das feiras e do sucesso.

A primeira viagem aconteceu em 1980, quando Dona Zu foi convidada para expor na feira de Curitiba. Hoje, além da renda irlandesa, Zu leva para os países onde viaja peças em ponto de cruz e rendê, algumas delas de outros artesãos que não conseguem patrocínio para realizar a viagem, dificuldade que Maria Alaíde também está enfrentando atualmente. Ela disse que até o mês de abril as passagens eram custeadas pelo Sebrae, mas que depois desse mês esse tipo de despesa ficou sem patrocínio, o que escasseou a quantidade de participação em feiras internacionais e até mesmo nacionais.

"Recentemente deixei de

participar de uma feira na Bolívia porque não tive condição de bancar as passagens e não encontrei quem quisesse me ajudar. Provavelmente não participarei de outras quatro até o final do ano, dentre elas a da Colômbia e a de El Salvador. A que mais vai me causar tristeza por estar de fora é a do Equador, prevista para novembro, porque fui convidada pela Unesco para dar um curso", lamentou a artesã. Dona Zu está na Argentina para participar de uma nova exposição, que acontece de 10 a 20 deste mês, embora não tenha arranjado patrocínio. "Peço aos governantes que não deixem essa linda tradição morrer. Eles têm que se conscientizar que a renda irlandesa é um patrimônio sergipano e que não existe em nenhum outro lugar deste país, portanto necessitamos de apoio e principalmente divulgação do nosso trabalho", solicitou a artesã.

## UM POUCO MAIS SOBRE REDES DE INICIAÇÃO E TRANSMISSÃO DE SABER

Os depoimentos das atuais rendeiras permitem sistematizar as redes de sua iniciação na arte e os personagens nelas envolvidos: familiares (mãe, avós, tias, irmãs, primas e cunhadas); grupos de vizinhanças e de amizade; iniciação autodidata (“fui vendo e fazendo”); e iniciação institucional, por meio de cursos regulares promovidos por entidades públicas ou particulares de apoio ao artesanato.

Parentesco e vizinhança, tanto no passado como nos tempos recentes, em Divina Pastora, são os suportes mais fortes na relação ensinar/aprender. Tomando-se como referência a atual iniciação das rendeiras, observa-se uma variação no relacionamento entre as gerações. Dentre os parentes, foram as irmãs e primas que, com maior frequência, ensinaram umas às outras. Ou seja, a relação ensino/aprendizagem desenvolve-





se também no interior de uma mesma geração. As mães, que historicamente eram as principais iniciadoras das filhas, hoje ocupam um discreto terceiro lugar, seguidas pelas tias. Outro dado inverte a lógica esperada: algumas mulheres aprenderam a render com suas filhas. Isso relativiza a ideia cristalizada de que os saberes tradicionais fluem necessariamente das gerações

mais velhas para as mais jovens, seguindo uma linha de iniciação que passa pela avó, mãe, filha e neta. Quebrando essa sequência na transmissão do saber, o que se observa entre as atuais rendeiras de Divina Pastora, em relação ao aprendizado da renda, chega a lembrar, sob alguns aspectos, as culturas cofigurativas de que fala Margaret Mead<sup>53</sup> e, na cidade, jovens aprendem, também com

outros jovens, uma arte tradicional cujo saber é muito difundido.

Porém, não se pense que as gerações mais velhas perderam de todo sua importância. As mestras mais prestigiadas são, em geral, mulheres mais idosas, experientes, reconhecidas como rendeiras detentoras dos segredos especiais da técnica e da arte de render. A renda tem diferentes níveis de dificuldade. Há os pontos básicos,



RENDEIRAS TRABALHANDO  
COLETIVAMENTE.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

cujo domínio é condição *sine qua non* para se executar uma peça de renda. Fazem parte do aprendizado inicial. Mas há uma variedade muito grande de pontos em que o nível de dificuldade na execução se amplia, razão porque integram o repertório de apenas algumas rendeiras, aquelas que fazem peças mais elaboradas, as quais incorporam uma maior diversidade de recursos estéticos e ornamentais nas rendas que confeccionam. São as mestras publicamente reconhecidas e respeitosamente nomeadas, que formam cadeias de transmissão de um saber mais avançado, o qual é repassado em momentos da execução de um trabalho específico, ou em situações mais formais, como nos cursos.

O processo de ensino/ aprendizagem é uma fração inseparável da própria vida social, que se alonga e se recria

em diferentes contextos. Assim, a execução de uma peça grande, como uma toalha de banquete feita integralmente de renda, por exemplo, pode se transformar em ocasião de aprendizagem. Esta seria uma situação impensável no passado, quando uma única rendeira permanecia durante meses seguidos, ou até um ano, tecendo uma toalha, ou uma colcha de casal, feitas em geral por encomenda para compor enxovais de noivas. O tempo de duração do noivado permitia que a rendeira sozinha tecesse a peça inteira, obedecendo ao seu ritmo normal de trabalho, que associava o rendar às atividades domésticas.

Com o aumento das demandas da renda e sua inclusão em circuitos comerciais de prazos curtos de produção, as rendeiras adotaram a estratégia de partilhar a execução de peças grandes

com outras artesãs, conforme já relatado. Inventaram o modo de compartilhar a encomenda cortando o papel onde está fixado o debuxo sobre o qual é tecida a renda, entregando cada pedaço a uma rendeira diferente, as quais, atuando em conjunto, fazem toda a peça. O perfeito encaixe desse grande quebra-cabeça em que se transformou a peça recortada segundo os meandros do debuxo é um desafio. De modo que a mestra que coordena o trabalho, durante sua execução vai exercendo uma supervisão, instruindo as rendeiras sobre a tensão a ser posta nos pontos, sobre o local onde deve figurar a variedade de pontos, ensinando-os a quem não os domina. Assim, a rendeira transfere os conhecimentos, processo que não se reduz a uma relação passiva de imitação por parte do aprendiz,



mas inclui também uma ativa e codificada ação dialogal entre quem ensina e quem aprende. A mestra aponta os erros, sugere as correções, exige maior apuro na execução da tarefa, ou mesmo reforça com palavras de elogio o bom desempenho da rendeira. Desse modo, pode-se apreender a dimensão oculta do trabalho de ensinar, tal como aparece numa situação de trabalho em que

uma rendeira mais experiente vive trajetórias de qualificação profissional junto com outras rendeiras, estas transformadas temporariamente em aprendizes.

Tradicionalmente, ensinar e aprender, atos cujas bases são a transmissão oral, a imitação e o incentivo, dissolvem-se nas atividades cotidianas do grupo, nas relações que ocorrem no âmbito da família, do parentesco ou da

vizinhança, acoplados às práticas rotineiras das atividades femininas.

Também o ensino da renda mediante a oferta de cursos é uma realidade com a qual as rendeiras convivem já há bastante tempo. Patrocinados por entidades diversas, públicas ou privadas, os cursos são ministrados por rendeiras mais experientes, remuneradas para essa finalidade. Tornaram-se mais frequentes a



## O VARIADO UNIVERSO DAS RENDEIRAS

PÁGINA AO LADO

DONA ALZIRA – A MESTRA –  
DEMONSTRANDO PARA OUTRAS  
RENDEIRAS.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN  
SE/SERGIPE.

AO LADO  
RENDEIRAS.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS

partir da década de 1980, quando agências governamentais passaram a dispensar atenção especial à renda irlandesa. Às vezes oferecidos em espaços destinados à educação formal, como escolas e, hoje, na sede da Associação das Rendeiras, seguem a mesma metodologia que rege a transmissão informal do saber. A diferença é que são realizados em locais, dias e horários prefixados. Não há textos escritos, apenas as demonstrações do fazer e as explicações orais. As alunas, em geral adolescentes, são integrantes dos grupos de parentela e de vizinhança de rendeiras que incentivam as jovens a frequentar os cursos, o que demonstra que, mesmo quando se tenta institucionalizar a iniciação, as redes tradicionais de transmissão do saber revelam sua força e atualidade. ■

As rendeiras de Divina Pastora estão organizadas em grupos internamente bastante diversos. As diferenças se expressam na renda familiar das unidades domésticas, nos tipos de moradias que habitam, nas profissões paralelas que exercem e na posição que cada rendeira ocupa na organização do trabalho com a renda irlandesa. Elas se distribuem por todo o centro urbano, mas aquelas que residem em torno das praças localizadas na parte alta da cidade e nas imediações da Igreja Matriz têm maior visibilidade, em especial para os turistas que chegam a Divina Pastora e, em geral, tomam a igreja como ponto de referência para estacionar os carros e pedir informações. O local de moradia guarda certa relação com a situação socioeconômica da rendeira. Nas áreas mais afastadas do centro e nos conjuntos habitacionais localizados na periferia da cidade,

moram, em geral, rendeiras de menor poder aquisitivo, enquanto no centro se situam as famílias mais antigas e as rendeiras mais conhecidas e mais prestigiadas.

Essa diferenciação interna acompanha, até certo ponto, a topografia da cidade, que, erigida numa colina, abriga na parte alta e mais antiga as praças mais importantes e a edificação centenária monumental da igreja, enquanto na parte baixa se adensa a população mais pobre. “O povo lá de cima” e “a gente cá de baixo” são expressões empregadas pelas rendeiras moradoras dos conjuntos habitacionais de baixo, quando querem expressar diferenças e, particularmente, suas divergências em relação às rendeiras das praças. As rendeiras moradoras da parte alta da cidade acrescentam à condição de rendeiras de renome a maior acessibilidade dos



Pagamento da Encomenda  
Relação de Pagamento

01	Adriana	40 fitas	60,00	11 estolas	233 panos de	700,00
02	Gleidiane	40 fitas	40,00	04 barras	toalha de	9,95
03	Mardene	40 fitas	40,00		lavabo	
04	Flávia Menezes	2 estolas	40,00			
05	NE Elida	2 toalhas pequenas		1 grande		
06	Ana Célia (madrinha)	1 pano befe	30,00	2 barras pequ		
07	Luciana	2 to barras pequena	40,00			
08	Ana Izabel Rita Santos	5 toalha pequena	30,00	5 panos	1 toalha	45,00
09	Luísa Oliveira	5 color preto	50,00	5 toalhas		
10	Verônica	14 florzinhas	7,00			
11	Adelma	3 estolas	60,00	mais 2 color preto		30,00
12	Marcelina	5 estolas	100,00			
13	Izabel Siqueira	4 estolas	80,00			
14	Patina de Reis	4 toalha pequena	36,00	1 pano		60,00
15	Leonora	3 toalha pequena	barra	1,00	1 pano	
16	Gleide mulher de Valinlia	1 barra preto	7,00			
17	Neuza	1 pano branco	20,00	1 5 panos	10,00	15,00
18	Zenaida Valinlia	40 cada	4 = 050			
19	Benaura	5 panos 10x10	15,00			
20	Pita	5 toalhas de lavabo	70,00	5 panos 10x10		15,00 30
21	(kin) Edelma	2 color	20,00	brinlia	6 toalha	
22	Silvânia	1 pano befe				
23	Luiza Bemés	4 estolas				
24	Adelma	1 pastadura	5 color preto			
25	Araclia	2 pano de bandeja	50,00			

compradores às suas moradias, facilitada pela localização espacial.

Embora todas elas saibam assinar seus nomes, o índice de rendeiras que não são capazes de ler e escrever, portanto, de analfabetas funcionais, representava 7,9%, em 2000, índice mais expressivo entre as mais idosas. O nível de escolaridade aumenta na medida em que diminui a idade das rendeiras. O estudo formal é hoje muito valorizado. Tendo concluído o nível de ensino disponível na cidade, hoje restrito ao fundamental, os jovens deslocam-se para estudar, sobretudo, em Aracaju, onde ingressam nas escolas públicas noturnas de nível médio. Uma tendência que se acentua nos últimos anos é o ingresso de rendeiras, sobretudo professoras, nas escolas particulares de nível superior, para fazer cursos de graduação e de

especialização, na capital do estado.

Considerando que o trabalho com a renda não é exclusivo, mas, em geral, se soma a outras atividades que a mulher desempenha no dia a dia, é importante o registro dessas outras ocupações. Quem tem uma atividade remunerada, um emprego fixo, define-se por esta atividade, por considerá-la mais segura, enquanto fazer renda é percebido como atividade incerta,

pois, para a grande maioria, depende das encomendas. Quem não tem emprego remunerado, muito frequentemente, define-se como dona de casa. Em 2000, poucas mulheres se declararam rendeiras, o que sugere que exercer o ofício não é a forma habitual de identificar-se profissionalmente. Algumas chegam a dizer: "sou rendeira de ocasião", ou "sou rendeira quando

LIVRO DE PAGAMENTOS  
DE ENCOMENDAS.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO  
DO IPHAN SE/SERGIPE.

aparece trabalho”, o que aponta para a intermitência da ocupação e sugere que a continuidade do trabalho é fundamental para firmar a identidade da pessoa. Dentre as rendeiras que têm atividades com remuneração fixa, avulta o número de professoras.

Os dados demonstram que, em 2000, 42% das rendeiras não desenvolviam atividade remunerada, incluindo-se as estudantes e as donas de casa. Para estas, a renda é a única fonte de ganhos, mas seu exercício é partilhado com outras atividades, como estudar, cuidar dos filhos e/ou netos e da própria casa, compreendendo todos os serviços domésticos comuns às mulheres das camadas populares brasileiras. Avulta entre as rendeiras o número de funcionárias públicas municipais, estaduais e federais, o que significa que empregam

boa parte do seu tempo em outras atividades exercidas fora do lar. Isto significa que não se tem rendeiras em tempo integral, mas mulheres que fazem renda associando-a a uma série de outras ocupações, inclusive as tarefas domésticas.

Um dado significativo a observar é o número de rendeiras que, em 2000, eram empregadas pela prefeitura municipal. Entre professoras, merendeiras, secretárias, serventes, auxiliares de serviços gerais, varredoras de rua, eram cerca de 20 rendeiras, nem todas exercendo atividades na própria prefeitura, mas algumas delas cedidas a entidades diversas, destacando-se a Igreja Católica. Na Matriz local, revezavam-se três zeladoras, funcionárias municipais, além de outras, postas à disposição de obras assistenciais. Embora os salários não sejam altos, a prefeitura é o grande empregador

da cidade. No dizer de uma rendeira: “aqui, em Divina Pastora, quem não vive da prefeitura vive da renda”, querendo demonstrar com isso que, em face da falta de oportunidades de trabalho na cidade, a renda e a prefeitura são os grandes incorporadores de mão de obra feminina no município.

Na perspectiva das rendeiras, acostumadas aos ciclos de ascensão e queda na procura da renda, o ideal é ter um emprego que assegure um ganho certo, ainda que pequeno, e ter a renda como atividade complementar, à qual se dedicam com afinco, por vezes até nas horas de descanso, quando varam a noite costurando para entregar encomendas. Viver só de renda é muito difícil, dizem elas, porque é um ganho incerto. “Quando tem trabalho você ganha, quando não tem fica sem nada. E a gente tem de comer todo dia” ■.

## FORMAS DE ORGANIZAÇÃO PARA O TRABALHO: AS REDES INFORMAIS DE PRODUÇÃO DA RENDA

RENDEIRAS  
TRABALHANDO.  
FOTO: FABRÍCIA DE  
OLIVEIRA SANTOS

As formas como as rendeiras se articulam para a produção da renda geram redes em cujos pontos nodais estão aquelas que se destacam pela capacidade que têm de captar encomendas e distribuí-las com outras. Em geral, essa posição é ocupada, como já visto, pela *rendeira contratante*, artesã que tem renome e cuja visibilidade externa lhe assegura certo volume de encomendas que ela não consegue executar sozinha ou, se fosse fazê-lo, a tarefa demoraria muito para ser concluída. Dessa forma, a contratante subdivide o trabalho com outras rendeiras, criando em torno de si uma rede constituída de mulheres que vendem sua força de trabalho. Em outros casos, no centro do grupo de rendeiras estão pessoas que, além de receber encomendas, têm capital suficiente para produzir renda por conta própria e armazenar

estoques destinados ao mercado. Aqui se apresenta com mais nitidez, como anteriormente relatado, a figura da intermediária, que além de financiar a produção da renda também compra as peças produzidas por outras e, eventualmente, tece, pois tem domínio sobre a técnica. Ou seja, foi fazendo renda que também se tornou intermediária.

Uma característica dessas redes que articulam as rendeiras e as organizam em grupos é que elas não são fixas. Líderes importantes no passado perderam influência. Alquebradas pela idade e vencidas pela competição das mais jovens, que estão mais afeitas às novas exigências do mercado e articuladas com os órgãos públicos incentivadores da renda, as rendeiras mais idosas já não têm a capacidade aglutinadora de antes e deixaram de ocupar posição central, passando a gravitar

em torno de outras rendeiras mais jovens. Do mesmo modo, anunciam-se outras artesãs com bom potencial para se transformar em articuladoras de novas redes, na medida em que se amplia a procura pela renda. A presença de agentes externos atuando junto às rendeiras da cidade, na tentativa de formalizar modos de organização que as tornem mais competitivas no mercado, ou com quaisquer outros objetivos, tem contribuído para o reforço de algumas redes e projeção de algumas rendeiras.

A configuração de uma rede em determinado grupo de rendeiras depende, portanto, de vários fatores e, embora possa ter uma certa continuidade no tempo, admite, a todo instante, novas combinações e trânsitos de artesãs, que ora participam de uma rede, ora de outra. Esse é um campo em que alianças e rompimentos





fazem-se com frequência, embora se detecte também laços de amizade e lealdade sedimentados ao longo de anos. Apesar das redes mudarem de configuração, é possível identificar algumas delas com certa duração no tempo, enquanto outras se firmaram mais recentemente.

Os dados sugerem que, no passado, quando as encomendas eram mais frequentes, as redes

mostravam-se mais fechadas e seguiam mais de perto os delineamentos das relações que se estabeleciam através do processo de iniciação, tendo sua configuração mais marcada pela díade mestra-aprendiz. Nesse esquema, o saber, a idade, a antiguidade e a experiência na arte da renda eram atributos da chefe de rede, cujos ganhos mais altos eram de certa forma

justificados por sua condição de autoridade. Na atualidade, as redes já não se circunscrevem dessa maneira, embora ainda seja significativo o papel da iniciação na ampliação e fortalecimento dos grupos. Hoje, não são as antigas mestras que ganham mais e aglutinam as rendeiras em torno de si, mas a liderança é exercida por aquelas que são capazes de repassar trabalho,

capacidade que se relaciona diretamente com a habilidade de atrair encomendas ou de financiar com recursos próprios a produção da renda. Mais do que a tradição da rendeira mestra, os fatores que contam para dar a uma artesã a condição de líder de um grupo são o conhecimento e a agressividade para enfrentar o mercado, bons relacionamentos, acesso aos órgãos de apoio ao artesanato, indicadores que, de alguma forma, vêm associados ao estudo formal e à inserção no funcionalismo público. Neste particular, as professoras têm demonstrado mais capacidade de se colocar como cabeças de rede na produção da renda.

Embora as relações entre as rendeiras sejam em geral cordiais, perpassadas por vínculos de parentesco, amizade, vizinhança, compadrio ou mesmo de



clientelismo, muitas rendeiras, sobretudo aquelas que trabalham com encomendas parceladas e estiveram envolvidas com a associação, não deixam de expressar sua inconformidade com o pouco ganho pelo trabalho, referindo-se a contratantes e intermediárias como sendo aquelas integrantes da cadeia produtiva que mais se beneficiam dos lucros da renda. A elas atribuem ganhos elevados,

embora não façam críticas abertas, pois sabem que dependem das mesmas para não “ficar paradas”, tendo em vista a distribuição do trabalho. São elas que têm trabalho para distribuir.

As relações pessoais, centradas em torno das rendeiras “que dão costura”, isto é, aquelas que atuam como contratantes e intermediárias, estruturam as redes de produção mais amplas,



PÁGINA AO LADO

RENDEIRAS. FOTO QUE  
COMPÕE O DOSSIÊ DE  
REGISTRO.

FOTO: ACERVO TÉCNICO  
DO IPHAN SE/SERGIPE.

À ESQUERDA

RENDEIRAS TRABALHANDO.

FOTO: ACERVO TÉCNICO  
DO IPHAN SE/SERGIPE.

ABAIXO

RENDEIRAS TRABALHANDO.

FOTO: ACERVO TÉCNICO  
DO IPHAN SE/SERGIPE.



nas quais se engajam as artesãs que vendem sua força de trabalho.

O parentesco, como anunciado, é outro elemento importante na organização da produção da renda. Mães rendeiras costumam encaminhar suas filhas para aprender a arte com as mestras, em geral suas parentas ou vizinhas. O número de rendeiras filhas de rendeiras é muito significativo. Mas, as linhas de parentesco

que ligam as artesãs não ligam apenas mães e filhas: cruzam-se em muitas direções, envolvendo também irmãs, primas, tias, avós, cunhadas e noras.

A família tem um papel muito importante, não só no sentido de despertar o interesse das crianças para o trabalho e de incentivá-las à aprendizagem, mas por estar presente, de formas inequívocas, no próprio processo de produção

e de comercialização. No entanto, a participação dos homens nas atividades relacionadas com a renda é mínima. Reduz-se, ocasionalmente, à fase final do trabalho, quando a renda já foi tecida e vai se processar a retirada do papel e dos alinhavos. Só então os filhos ou maridos inserem-se no processo, nunca de modo categórico, já que tecer renda é uma atividade exclusivamente feminina. Mães, filhas, avós, netas, irmãs, tias, primas, noras e cunhadas são referidas, a todo momento, como parceiras de trabalho, embora a produção da renda não seja circunscrita apenas pelo parentesco, admitindo outros critérios na formação das redes e dos modos de organização do trabalho. ■



SEDE DA ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA RENDA IRLANDESA DE DIVINA PASTORA (ASDEREN).  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

## A ASSOCIAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DA RENDA IRLANDESA

A história das rendeiras de Divina Pastora inclui experiência com uma cooperativa fundada possivelmente na década de 1980, depois desativada, levando de roldão as esperanças das rendeiras, e também uma loja localizada no Centro de Turismo, à época, o local mais importante de comercialização de artesanato em Sergipe. O fechamento da cooperativa, num processo tumultuado e não

devidamente esclarecido, deixou as rendeiras às voltas com o suprimento da matéria-prima, sobretudo do lacê, artigo caro que poucas tinham possibilidade de comprar. No vazio deixado pela entidade coletiva, as redes informais de produção de renda eram o escoamento natural para a mão de obra das muitas rendeiras que não tinham condições de trabalhar por conta própria.

No final da década de 1990, houve nova tentativa de constituírem uma organização, sob a forma de associação, mas a experiência foi malograda e traumática. Em 2000, identificava-se entre as rendeiras o discurso, mais ou menos generalizado, sobre as vantagens de entidades associativas, que eram percebidas como a solução para a compra de matéria-prima e escoamento da produção. Mas, em face das experiências negativas anteriores, as rendeiras não se

animavam a lutar pela fundação de uma entidade e muitas delas se mostravam reticentes quanto ao seu sucesso. Esse descrédito era mais acentuado entre aquelas que contratavam mão de obra de outras artesãs, que viam em entidades do gênero uma possível diminuição de seus ganhos.

Em 5 de dezembro de 2000, foi fundada a Associação para o Desenvolvimento da Renda de Divina Pastora – Asderen, como uma das conquistas incentivadas pelo Conselho da Comunidade Solidária, instituto do governo federal, que, por intermédio do Projeto Artesanato Solidário, atuou na cidade sob coordenação do antropólogo Antonio Augusto Arantes.

Objetivando revitalizar o artesanato tradicional como estratégia alternativa de geração de renda, os pontos básicos de atuação desse projeto, que variavam em conformidade com as necessidades



específicas de cada comunidade onde se implantavam, foram assim resumidos por Gracyanne Freire Araújo, em sua monografia sobre a atuação do Artesanato Solidário em Divina Pastora:

- Trabalhar com grupos que fazem artesanato de cunho tradicional, ou seja, ligados aos modos de vida do lugar.
- Orientar a formação de associações de artesãos, ou o

fortalecimento das que já existem.

- Aprimorar a produção artesanal.
- Divulgar a produção artesanal, valorizando seu aspecto cultural.
- Facilitar a criação de espaços para a realização do trabalho.
- Abrir caminhos para a comercialização<sup>54</sup>

Em Divina Pastora, várias ações foram realizadas pelo Artesanato Solidário, incluindo-se um

diagnóstico da situação vivida pelas rendeiras<sup>55</sup>, oficinas e estudos visando a aferição de gastos de matéria-prima e atribuição de preços às peças<sup>56</sup> e uma série de proposições práticas avaliadas positivamente pelas rendeiras<sup>57</sup>. Do ponto de vista das rendeiras, o apoio do Conselho da Comunidade Solidária em relação à produção e à comercialização da renda irlandesa no município foram bastante

HOMEM FALANDO DURANTE REUNIÃO.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

satisfatórios. Alguns aspectos como o aumento da produção artesanal, a padronização e o aperfeiçoamento das peças de renda, a fundação da associação e a divulgação da renda em todo o país foram fundamentais para que as artesãs se esforçassem visando o melhoramento da confecção dos artigos, bem como sua valorização no próprio município. Segundo Araújo, de modo geral, as rendeiras avaliaram de forma muito mais positiva do que negativa as assessorias concedidas pelo Conselho.

A revitalização da renda irlandesa empreendida no início dos anos 2000 culminou com a instalação da Asderen, cuja ata de fundação foi assinada por 51 rendeiras. Dotada de arcabouço jurídico e sediada em prédio cedido pela prefeitura municipal<sup>58</sup>, a associação, em momento posterior, perdeu o espaço, vindo mais tarde



a se instalar em sede própria, localizada na praça Getúlio Vargas, 125. A construção foi realizada através do Pronese, concluída em junho de 2005, mas inaugurada somente em junho de 2006.

A Asderen assumiu, em parte, o papel das rendeiras contratantes e repassadoras de costuras para as artesãs que vendiam sua força de trabalho. Recebe as encomendas, as distribui entre as associadas,

fornece a matéria-prima e recolhe o produto a ser encaminhado a quem o encomendou. Quando não há encomendas, as rendeiras trabalham formando estoques de peças para venda, participam de feiras, abastecem os pontos de venda de artesanato localizados na capital e atendem compradores que chegam à cidade.

É interessante observar que o funcionamento da associação



ABAIXO À ESQUERDA

RENDEIRAS EM REUNIÃO.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

ABAIXO À DIREITA (CIMA)

RENDEIRAS EM REUNIÃO.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.

ABAIXO À DIREITA (BAIXO)

RENDEIRAS EM REUNIÃO.

FOTO: ACERVO TÉCNICO DO IPHAN SE/SERGIPE.



não eliminou as redes informais de produção de renda, lideradas por artesãs mais bem situadas para conseguir encomendas. Elas continuam existindo, de forma paralela e, às vezes, imbricada com a associação. Muitas associadas trabalham no duplo esquema de receber encomendas mediadas pela associação e, ao mesmo tempo, realizar trabalhos particulares, que executam sós ou distribuem com outras rendeiras das redes informais de produção. Fazer parte da associação não gera exclusividade no modo de organização do trabalho. A vinculação à associação não impede a artesã de produzir por conta própria ou compartilhar a redes de produção já estabelecidas. As regras que regiam com certa fluidez o trânsito das rendeiras entre as antigas formas de organizar a produção, até certo ponto, foram aplicadas também à associação. ■

A close-up photograph showing a pair of hands working on a piece of brown leather. The hands are using a needle and white thread to create a decorative, repeating geometric pattern on the leather's surface. The leather is held taut by the left hand, while the right hand guides the needle. The background is a blurred teal fabric. The text "O BEM CULTURAL COMO OBJETO DE REGISTRO" is overlaid in white, bold, uppercase letters across the middle of the image.

**O BEM CULTURAL COMO OBJETO DE REGISTRO**

PÁGINA AO LADO  
RENDEIRA TECENDO.  
FOTO: FRANCISCO  
MOREIRA DA COSTA.

ABAIXO  
INÍCIO DA FEITURA DA  
RENDA E LINHAS.  
FOTO: FRANCISCO  
MOREIRA DA COSTA.

Segundo Arantes<sup>59</sup>, patrimônio é, na origem, recurso: bem cujo uso constrói novos sentidos e utilidades. Um bem, ao ser registrado, passa a ter interesse público, no sentido de que a salvaguarda desse recurso para as gerações presentes e futuras é uma questão a ser considerada por todos: a comunidade e os poderes públicos.

Para as rendeiras de Divina Pastora, a renda irlandesa é recurso nos seus diversos sentidos. Recurso econômico, pois várias delas conseguiram construir suas casas ou adquirir equipamentos domésticos com a venda de peças de renda. Além disso, graças à renda, muitas puderam ascender socialmente e ingressar no processo de educação formal, custeadas também pelos ganhos com o comércio da renda; recurso cultural e identitário, pois a renda



constitui-se num significante dos sentidos que orientam práticas coletivas importantes no município de Divina Pastora.

Desse modo, o pedido de registro de um ofício como o das rendeiras de Divina Pastora também é justificado pela percepção da necessidade de ações de reconhecimento e valorização dos detentores desse saber e de apoio às condições sociais

e materiais de continuidade desse conhecimento.

A fixação das artesãs no lacê-cordão, matéria-prima responsável pela originalidade da renda irlandesa, tornou elemento de sua identificação. Dessa forma, há necessidade de se assegurar o acesso ao lacê, cuja história entrelaçada à história da renda irlandesa de Divina Pastora é marcada por muitos incidentes, decorrentes de descontinuidades na área de produção, com profundas repercussões sobre as rendeiras e seu ofício. Da continuidade e da qualidade desse item básico para a confecção da renda irlandesa no município também depende a continuidade desse patrimônio, construído com heranças europeias retrabalhadas pelas mulheres sergipanas.

Bem de natureza processual e dinâmica, que apresenta ao mesmo



ABAIXO

RENDEIRA TECENDO.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO  
DO IPHAN SE/SERGIPE.

AO LADO

RENDEIRA JIVANILDES  
FALANDO EM REUNIÃO  
REALIZADA NO  
AUDITÓRIO DA SEED/  
DITE.  
FOTO: ACERVO TÉCNICO  
DO IPHAN SE/SERGIPE.

tempo importante continuidade histórica, a renda irlandesa pode ser objeto de promoção e proteção por meio da realização de inventários ilustrados das peças já produzidas e em produção, aos quais se agrega um arquivo de debuxos e demais materiais da renda, ou seja, da reconstituição da própria história da renda na cidade e em percursos mais alongados, com as múltiplas influências que nela se refletem.

A perda da qualidade da renda é uma das faces desse dinamismo interno, do mesmo modo que a busca de um padrão de qualidade. Esse é um desafio que se coloca, sobretudo com o aumento de encomendas. A dimensão cultural da renda tem sido trabalhada junto à mídia, principalmente nos seus aspectos de apelo de consumo, enquanto mercadoria.

Definitivamente, não é apenas pelo dinheiro que se faz



renda irlandesa; entretanto, sem a comercialização essa produção artesanal também se corre o risco de extinção por inanição econômica da prática e do produtor. Dessa forma, como aumentar a inserção da renda irlandesa no mercado e, ao mesmo tempo, assegurar a manutenção de certos nexos sociais e simbólicos que dão suporte a esse fazer artesanal? Aqui se

coloca mais um desafio para as políticas de salvaguarda desse bem.

Leite (2003) observa que “o auto-dilema do artesanato, cujo debate permanece aberto, é não se constituir meramente em produtos, mas em processos que se inserem reflexivamente no contexto de sua produção e se refletem nos modos de vida de quem os produz”<sup>60</sup>. Esse enunciado talvez possa ajudar a enfrentar os impasses da sustentabilidade social e econômica da prática artesanal em Divina Pastora e orientar formas de divulgação e promoção que contemplem as múltiplas dimensões do bem cultural. ■



## RECOMENDAÇÕES DE SALVAGUARDA





RENDA SENDO COSTURADA.

FOTO: FABRÍCIA DE  
OLIVEIRA SANTOS.

Um dos grandes desafios a serem enfrentados na salvaguarda da renda irlandesa em Divina Pastora refere-se ao protagonismo social a ser desempenhado pelas rendeiras na construção de redes de apoio e no avançar da política de patrimônio imaterial relativa ao bem. Vários autores têm demonstrado o desenvolvimento de uma nova economia urbana, que tem suas raízes plantadas em domínios sociais como o turismo, o esporte, a cultura, a arte e o entretenimento<sup>61</sup>. O patrimônio cultural é recorrentemente usado como “recurso” para o desenvolvimento econômico de regiões, cidades e comunidades. Contudo, as mais variadas formas de expressão cultural vêm ampliando suas maneiras de atuação e visibilidade na cidade, ao mesmo tempo em que também têm se deparado com determinantes sociais que exigem sua adequação,

obstaculizando o fazer cultural. Mas, nem sempre os detentores dos saberes populares são os maiores beneficiados com essa realidade. Assim, são necessárias ações sensíveis à vivência cotidiana das rendeiras, às suas necessidades, saúde e formas de sociabilidade.

Além disso, é preciso o fortalecimento das redes de cooperação entre as próprias rendeiras, sendo imprescindíveis ações que discutam temas do associativismo. Em Divina Pastora, atualmente, existem duas associações ligadas à renda: A Associação para o Desenvolvimento da Renda em Divina Pastora – Asderen, fundada no ano 2000 como consequência do trabalho do Programa Artesanato Solidário, e a Apric – Pluriatividade Pastoreense, fundada em 2007, que envolve outros segmentos, como os pequenos agricultores, além daqueles relacionados à confecção da

renda e ao artesanato em geral. Há também um grupo de rendeiras que investe na organização associativa em Laranjeiras, estendendo para aquele município essa rede de relações. Desse modo, abrem-se novos espaços e canais de negociação das rendeiras entre si, com a sociedade em geral e com o poder público.

A Asderen teve importante papel ao facilitar para as rendeiras o acesso à matéria-prima, principalmente, o lacê. Como o inventário para o registro demonstrou, a fixação das artesãs no lacê-cordão deu originalidade à renda irlandesa, tornando-se elemento de sua identificação. Dessa forma, há que se implementar ações que favoreçam o acesso ao lacê, cuja história entrelaçada à história da renda irlandesa de Divina Pastora é marcada por muitos incidentes decorrentes de descontinuidades na produção,

com repercussões sobre o ofício da renda irlandesa. Da continuidade e da qualidade desse item básico para a confecção da renda depende, também, a continuidade desse patrimônio, construído com heranças europeias retrabalhadas pelas mulheres sergipanas.

Por outro lado, os bens culturais imateriais são extremamente dinâmicos e nisto reside sua força social. O modo de fazer renda irlandesa renova-se, cotidianamente, com novos usos das peças confeccionadas, novos materiais, que são empregados como matéria-prima, novos pontos e riscos, nova forma de gestão dos grupos, comercialização dos produtos e transmissão de saberes, como observa Vianna:

“Não há modelo imutável a ser preservado nas políticas de patrimônio imaterial. O mais



relevante é preservar as condições dos acontecimentos aqui e agora – as interpretações específicas conforme a motivação contextual do agente”<sup>62</sup>.

A perda da qualidade da produção é uma das questões que se colocam na realidade de Divina Pastora e está referida ao dinamismo interno no fazer da renda irlandesa no município. Do mesmo modo, a busca pelo padrão de qualidade é o desafio que se coloca, sobretudo

com o aumento de encomendas decorrente da ampliação de mercado. Definitivamente, não é apenas pelo dinheiro que se faz renda irlandesa. Entretanto, sem o incremento da comercialização, a produção artesanal corre o risco de extinção, pelo não desenvolvimento econômico da prática e o consequente desinteresse do produtor. Dessa forma, como aumentar a inserção da renda

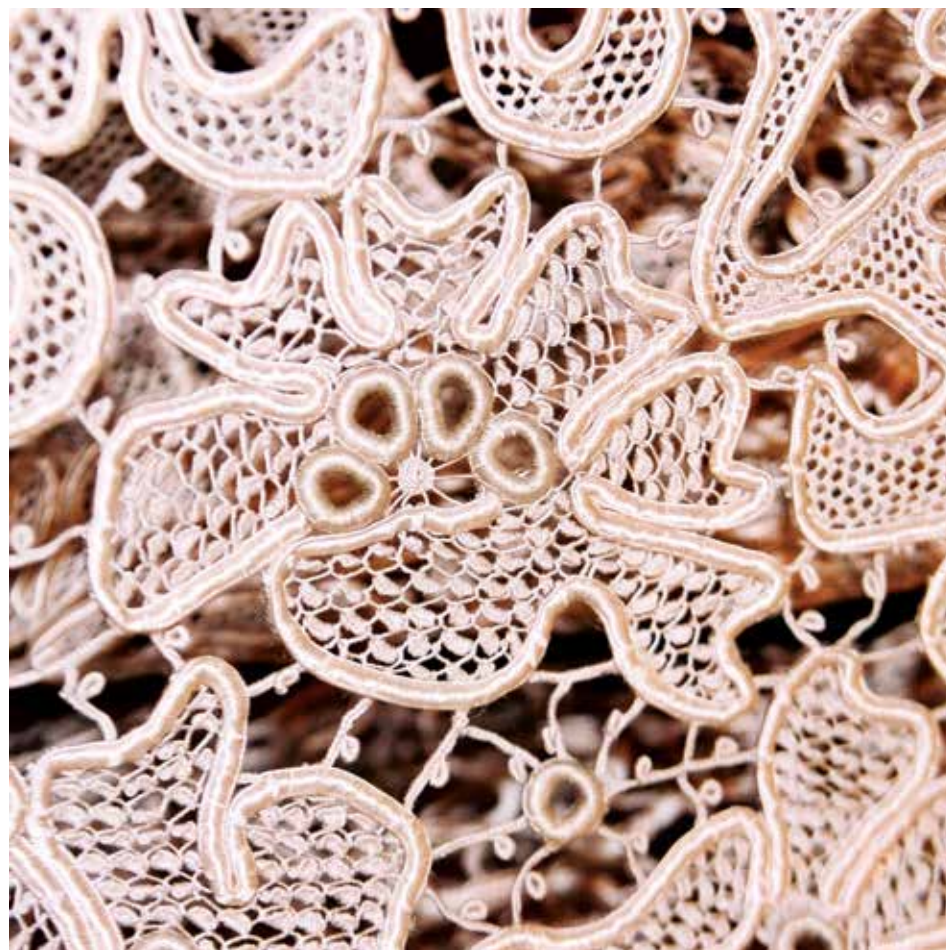
AO LADO  
RENDEIRA PREENCHENDO  
FORMULÁRIO.  
FOTO: FABRÍCIA DE  
OLIVEIRA SANTOS.

ABAIXO  
DETALHE DE PEÇA EM  
RENDA IRLANDESA.  
FOTO: MARCEL NAUER

irlandesa no mercado e, ao mesmo tempo, assegurar a manutenção dos nexos sociais e simbólicos que dão suporte ao fazer artesanal? Aqui se coloca mais um desafio para as políticas de salvaguarda do bem.

“O auto dilema do artesanato, cujo debate permanece aberto, é não se constituir meramente em produtos mas em processo que se insere reflexivamente no contexto de sua produção e se reflete nos modos de vida de quem o produz”<sup>63</sup>.

Esse pressuposto talvez possa ajudar a enfrentar os impasses da sustentabilidade social e econômica da prática artesanal do fazer renda irlandesa e orientar formas para promoção que contemplem as múltiplas dimensões desse bem cultural no município sergipano de Divina Pastora as múltiplas dimensões desse bem cultural no município sergipano de Divina Pastora. ■





## NOTAS

1. Micelli, 1984.
2. Soutelo, s/d.
3. Lima, 1997, p. 55.
4. Id., 1997, p. 60.
5. Projeto para restauração dos elementos artísticos da Igreja de Nossa Senhora Divina Pastora, Sergipe, 1992.
6. Disponível em: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br), acesso em 21 de novembro de 2006.
7. Disponível em: [www.iphan.gov.br](http://www.iphan.gov.br), acesso em 21 de novembro de 2006.
8. Lima, 1997, p. 139.
9. Livro de Assentamento de Tombo da Paróquia de Divina Pastora, Sergipe, de 12/05/1904 a 31/12/1953.
10. Lima, 1989.
11. Silva, Santos e Nunes, 2005.
12. Balbinot, 1998, p. 80, apud Silva, Santos e Nunes, 2005, p. 100.
13. Duarte, 1960, p. 87.
14. Entrevista realizada por pesquisadores do Iphan em 28/08/2006.
15. Livro de Assentamento de Tombo da Paróquia de Divina Pastora, Sergipe, de 12/05/1904 a 31/12/1953, fl. 19.
16. Maia, Nascimento e Camargo, 1979, p. 36.
17. Mendonça e Silva, 2002, p. 117.
18. Correio de Sergipe, 12 e 13/10/2006.
19. DaMatta, 1986, p. 116.
20. Gonçalves, 2002.
21. Dantas, 1980.
22. Sergipe, 1949.
23. França, 1999.
24. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, 1959, p. 295-296.
25. Cedran, 1979.
26. Maia, 1981, p. 29.
27. Dillmont, s/d, p. 659-660.
28. Burke, 1989.
29. Cedran, 1979.
30. Dantas, 1980; Sergipe, 1949.
31. Dantas, 1980, p.58.
32. Barreto, 1995.
33. Souza, 1996.
34. Relatório de Atividades do ano de 1973.
35. Relatório de Atividades do ano de 1980.

DE CIMA PARA BAIXO  
RENDEIRA ALDENICE.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

RENDEIRA ITELMA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.



DA ESQUERDA PARA A DIREITA

RENDEIRA PAULA RAMOS.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

RENDEIRA JAQUELINE LIMA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

RENDEIRA MARIA NIVALDA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.



36. O'Hara, 1992, p. 230,  
citada por Fleury, 2000, p.34.

37. Becker, 1955, p. 60.

38. Dillmont, s/d, p. 659.

39. Lévi-Strauss, 1979, p. 37-43.

40. Id., 1970, p. 39.

41. Ferreira, 1997.

42. Becker, 1955, p. 25.

43. Maia, 1981, p. 29.

44. Ibid., p. 31.

45. Dillmont, s/d.

46. Becker, 1955, p. 25.

47. Ibid., p. 27.

48. Arantes, 1999; Dantas, 2000.

49. Silva, 2004.

50. *Correio de Sergipe*, 24/05/2004.

51. Dillmont, s/d, p. 661.

52. Ibid., p. 663.

53. Mead, 1970.

54. Araújo, 2002, p. 29.

55. Dantas, 2000.

56. D'Antona, 2000.

57. Araújo, 2002.

58. Idem.

59. Arantes, 2001.

60. Leite, 2003, p. 41.

61. Ferreira, 2009;

Fortuna, 1997, 2002, 2005;  
Featherstone, 1995; Zukin, 1995.

62. Vianna, 2008.

63. Leite, 2003, p. 41.

## FONTES BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Aglaé D'Ávila Fontes de. *Renda Irlandesa. Divina Pastora. Instrução Técnica do Processo de Registro do Modo de Fazer Renda Irlandesa, tendo como referência o ofício das rendeiras de Divina Pastora/SE*. 2007.

ARANTES, Antônio Augusto. "Patrimônio imaterial e referências culturais". In: *Revista Tempo Brasileiro*, n. 147. Rio de Janeiro, out./dez., 2001, p. 129-139.

ARANTES, Antônio Augusto. *Projeto: As rendeiras de Divina Pastora: resgate de identidade e contribuição para a geração de renda*. Digitado. 1999.

ARAÚJO, Gracyanne Freire. *O trabalho das artesãs do município de Divina Pastora após o apoio do Conselho da Comunidade Solidária*. São Cristóvão: UFS, 2002. (Monografia de conclusão do Curso de Administração).

BARRETO, Hélia Maria de Paula. *Artese: um estudo das relações entre o Governo e o Artesanato*. São Cristóvão: UFS, 1983. (Monografia de conclusão de curso de especialização).

BADARÓ, Grácia Carvalho. "Artefatos bordados e rendados. Do Oriente ao Ocidente e a chegada ao Novo Mundo". In: *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 32. Rio de Janeiro, 2000, p. 279-292.

BECKER, Nair Maria. *Rendas: manual de tecnologia*. Rio de Janeiro: Comissão Brasileiro-Americana de Educação Industrial, 1955. 192p.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. "A importância dos processos museológicos para a preservação do patrimônio". In: *Revista do MAE* n. 3. São Paulo: Edusp, 1999, p. 333-337.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro/Ministério da Educação e Cultura, 1962.

CATALDI, R. (Org.). *Pontos de bordado e motivos para bordar*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, p. 15-16.





PÁGINA AO LADO

RENDEIRA ANA REGINA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS

ABAIXO

RENDEIRA ANA CÉLIA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

AO LADO

RENDEIRA MARIA AMÉLIA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

AO LADO, À DIREITA

RENDEIRA ROSELI SANTOS.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.



\_\_\_\_\_. *Renda de Divina Pastora*. Rio de Janeiro: Funarte/CNFCP, 2001.

\_\_\_\_\_. *Enxovais, dote e renda*. Inédito. 2006.

DANTAS, Orlando Vieira. *A vida patriarcal em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

D'ANTONA, Álvaro de Oliveira. *Rendeiras de Divina Pastora*. Relatório sobre a oficina, gastos de matéria-prima e pontos. 2000.

DILLMONT, Thérèse de. *Encyclopédie des ouvrages de dames*. Mulhouse (Alsace): s/d.

DREYFUS, Jenny. *Artes menores*. São Paulo: Anhambi, 1959.

DUARTE, Pe. Luciano. *Europa, ver e olhar*. Aracaju: Livraria Regina, 1960.

FEATHERSTONE, Mike. *Cultura de consumo e Pós-Modernismo*. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERNANDES, Rubem César. *Os cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

FERREIRA, A. M. R. In: MARTINS, J. C. *Turismo Cultural e Identidade*. São Paulo: Roca, 2003.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

FERREIRA, Claudino. *Intermediação cultural e cidade*. In: FORTUNA, Carlos; LEITE, Rogério Proença (org.). *Plural de cidade: novos léxicos urbanos*. Coimbra: Edições Almedina S. A., 2009.

FLEURY, Catherine Arruda Ellwanger. *Renda de bilros, renda da terra, renda do Ceará: a expressão artística de um povo*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de

CEDRAN, Lourdes (Coord.). *Divina Pastora: renda irlandesa e rendendê*. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, 1979.

DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

DANTAS, Beatriz Góis. *As rendeiras de Divina Pastora*. Relatório apresentado ao Artesanato Solidário. Aracaju: 2000.



Janeiro, 2000. (Dissertação de Mestrado em Artes Visuais).

FORTUNA, Carlos.

Destradicionalização e imagem da cidade: o caso de Évora. In: FORTUNA, C. (org.). *Cidade, Cultura e Globalização: ensaios de sociologia*. Oeiras: Celta Editora, 1997.

FRANÇA, Vera Lúcia Alves. *Aracaju, estado e metropolização*.

São Cristóvão: UFS/Fundação Oviêdo Teixeira, 1999.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. *Renda de Bilro*. Coleção do Museu Arthur Ramos/Universidade Federal do Ceará. Fortaleza: Proed, 1984.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A fome e o paladar: uma perspectiva antropológica*. Seminário Alimentação e Cultura. Série Encontros e Estudos, n. 4. Rio de Janeiro: Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, 2002, p. 7-16.

IBGE. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*, v. XIX. Rio de Janeiro, 1954, p. 295-298.

LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano; MORELLI, Gustavo (orgs). SACHS, Ignacy (prefácio). *Territórios em Movimentos: Cultura e Identidade como Estratégia de Inserção competitiva*. Brasília: Sebrae; Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

LEITE, Rogério Proença. "Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir". In: *Olhares itinerantes: reflexões sobre o artesanato e consumo da tradição*.

Cadernos Artesol 1. São Paulo: Central Artesol, 2003.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. São Paulo: Nacional, 1970.

LIMA, Carmem Barreto. *Projeto: Divina Pastora e sua Igreja*. Aracaju: DHF/UFS, 1989. (mimeo).

\_\_\_\_\_. "Títulos de Nossa Senhora. Nossa Senhora Divina Pastora". In: *Legião de Maria*, ano XV, n. 50, jan./abr., p. 17, 1996.

\_\_\_\_\_. *Divina Pastora – Uma alternativa de intervenção*. Salvador: UFBA, 1997. (Dissertação de Mestrado).

LIVROS de Tombo da Paróquia de Nossa Senhora Divina Pastora. 12/05/1904 a 31/12/1953 e 29/09/1954 a 08/10/05.

MAIA, Isa. *O artesanato da renda no Brasil*. João Pessoa: Editora Universitária Universidade Federal da Paraíba, 1980.

\_\_\_\_\_. *Artesanato brasileiro: rendas*. Rio de Janeiro: Funarte, 1981.

MAIA, Tom; NASCIMENTO, José Anderson e CAMARGO, Tereza Regina de. *Sergipe del Rei*.

PÁGINA AO LADO, À ESQUERDA  
RENDEIRA EDY CLEIDE.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

PÁGINA AO LADO, AO CENTRO  
RENDEIRA ZEZA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

PÁGINA AO LADO, À DIREITA  
RENDEIRA MARTHA ANDRÉIA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.



ACIMA  
RENDEIRA MARIA CLARA  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

AO LADO, AO CENTRO  
RENDEIRA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

AO LADO, À DIREITA  
RENDEIRA MARIA EDILENE.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA  
SANTOS.

São Paulo: Nacional; Rio de Janeiro: Embratur, 1979.

MAGALHÃES, M. M. de S. Calvet de. *Bordados e rendas de Portugal*. Plano de Educação Popular. Coleção Educativa, série 10.

MARTINS, Clerton. *Patrimônio cultural: da memória ao sentido do lugar*. São Paulo: Roca, 2006.

MEAD, Margaret. *O conflito de gerações*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1970.

MEIRELES, Cecília. *As artes plásticas no Brasil – artes populares*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1968. Coleção Brasileira de Ouro – Acervo do Instituto Nacional do Folclore.

MENDONÇA, Jouberto Uchoa de; SILVA, Maria Lúcia Marques Cruz. *Sergipe panorâmico*. Aracaju: Unit, 2002.

MENDONÇA, Maria Luiza Pinto de. *Algumas considerações sobre rendas e rendeiras do Nordeste*. Universidade do Ceará, 1959.

MICELLI, Sérgio (Org.). *Estado e cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.

NAZZARI, Muriel. *O Desaparecimento do dote: mulheres, famílias e mudança social em São Paulo, Brasil, 1600–1900*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OITICICA, Francisco de Paula Leite. "A arte da renda no Nordeste". In: *Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*, n. 15. Recife, 1967.

PALLISER, Bury. *Histoire de La Dentelle*. Paris: Librairie de Firmin-Didot et Cie., 1892.

PREFEITURA Municipal de Divina Pastora. *ATO n. 5 – 20 de dezembro de 1937*. Maroim: Gráfica Mercúrio, 1937.



DA ESQUERDA PARA A DIREITA, DE CIMA  
PARA BAIXO

RENDEIRA ANA CARLA.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

RENDEIRA TAMIRES.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

RENDEIRA MARIA EDILENE.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

RENDEIRA MARIA DA CONCEIÇÃO.

FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.



PROGRAMA Artesanato Solidário.  
São Paulo: Programa Artesol/  
Central Artesol, 2002.

RAMOS, Luiza e Arthur. *A renda  
de bilros e sua aculturação no Brasil*.  
Rio de Janeiro: Publicações  
da Sociedade Brasileira de  
Antropologia e Etnologia, 1948.

SANTOS, M. *O espaço e o cidadão*.  
São Paulo: Nobel, 1999.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão  
prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SILVA; SANTOS, Magno Francisco  
de Jesus; NUNES, Verônica Maria  
Meneses. "Na trilha dos Passos do  
Senhor: a devoção ao Senhor dos  
Passos de São Cristóvão". In: *Revista  
da Fapes de Pesquisa e Extensão*, v. 2, n. 2.  
Aracaju, jul-dez/2005, p. 97-110.

SERGIPE, Governo do Estado de.  
*Cadastro de Sergipe*. Aracaju, 1949.



SERGIPE. Secretaria de Indústria  
e Comércio. *Catálogo do artesanato  
sergipano*. Aracaju, 1983.

SILVA, Luzinete. "Fechamento  
da fábrica ameaça cobiçado  
artesanato sergipano". In: *Correio  
de Sergipe*. Aracaju, 24/05/2004.

SOARES, Doralécio. "Renda e  
rendeira da ilha de Santa Catarina".  
In: *Boletins da Comissão Catarinense de*

*Folclore*, n. 30, 31, 32, 35, 36, de  
1978, 1979, 1983. Florianópolis.

SOUTELO, Luiz Fernando Ribeiro.  
*Divina Pastora*. Aracaju: Mimeo, s/d.

SOUZA, Iveraldo Rodrigues  
de. *O trabalho das rendeiras em Divina  
Pastora*. São Cristóvão: UFS, 1996.  
(Monografia de conclusão do curso  
de graduação em Ciências Sociais).

VIANNA, Letícia. *Metodologia*

DA ESQUERDA PARA A DIREITA,  
DE CIMA PARA BAIXO  
RENDEIRA MARIA PASTORA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

RENDEIRA MARIA JOSÉ.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

RENDEIRA ÂNGELA MARIA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.

RENDEIRA MARIA SANTANA.  
FOTO: FABRÍCIA DE OLIVEIRA SANTOS.



*de Inventários e pesquisa aplicada ao patrimônio imaterial.* Belo Horizonte: EAD/DUO, 2008. (Patrimônio Imaterial), Aula 5.

VIVES, Vera. "A beleza do cotidiano". In: \_\_\_\_\_. *O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea.* Rio de Janeiro: Funarte/CNFCP, 1983.

VIGOTSKY, L. *Psicología del arte.* Barcelona: Seix Barral, 1972.

WOLF, Ernesto. *A renda através dos tempos.* São Paulo: Gráfica Furest, 1962.

ZUNKIN, Sharon. *The Culture of cities.* Malden, Oxford: Blackwell Publishers, 1995.

Disponível em: Irish Lace [http://www.chiff.com/home\\_life/holiday/](http://www.chiff.com/home_life/holiday/)



[st-patricks-day/irish-lace.htm](http://www.st-patricks-day/irish-lace.htm). Acesso em: 10 jan. 08. Acesso aceito

Disponível em: <http://www.white-works.com/Irishlace.htm>. Acesso em: 10 jan. 08. Acesso negado

Disponível em: <http://www.irishlace.org.htm>. Acesso em: 12 jan. 08. Acesso negado

Disponível em: <http://www.irishcarrickmacrosslace.com/>

[irish2.htm](http://www.irish2.htm). Acesso em: 12 jan. 08. direcionado para: [http://thelacegallery.com/product\\_categories/irish-gifts/](http://thelacegallery.com/product_categories/irish-gifts/)

Disponível em: <http://www.secretsof.com/content/2122.htm>. Acesso em: 12 jan. 08. Acesso negado



**ANEXO 1  
PARECER DO  
RELATOR**

1

PROCESSO No. 01450.001501/2007-52  
INTERESSADO: Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora, SE  
ASSUNTO: Pedido de registro do Ofício das rendeiras de Divina Pastora SE



**PARECER**

**RELATÓRIO**

A inicial do presente processo é uma solicitação, datada de 20.11.2006, em que a Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora, SE, com o endosso da Secretária de Educação e Cultura da Prefeitura desse município, o Vice-Presidente do Conselho Municipal de Cultura e o Presidente de sua Câmara de Vereadores postulam o registro do ofício das rendeiras de Divina Pastora como patrimônio cultural imaterial. A anuência da comunidade de praticantes efetivos ou potenciais desse ofício se expressou nas 180 assinaturas recolhidas de fls. 214 a 395.

O processo foi aberto formalmente em 29.01.2007 e teve tramitação adequada, atendendo a todas as exigências legais. Notadamente, saliento o consistente Parecer Técnico de Sílvia Maria Ferreira Guimarães, do DPI (fls. 497 a 509), que dá conta das questões de fato e mérito envolvidas e conclui por recomendar a inscrição do bem, agora identificado como "modo de fazer renda irlandesa, tendo como referência este ofício em Divina Pastora/SE", no Livro de Registro dos Saberes (seguindo orientação da Câmara do Patrimônio Imaterial, conforme consta das memórias de sua 8a. e 10a. reuniões, a fls. 417 e 438-439). Na mesma direção vai a análise jurídica do Parecer da Procuradoria Federal no IPHAN, subscrito pelo Procurador-Geral Substituto Antonio Fernando Alves Leal Neri (fls. 511 a 531). Publicado no DOU de 24.10.08 (fls.532 e 533) o Aviso requerido pelo Decreto no.3551/2000, art. 3o., par.5o., não foram levantadas ressalvas à proposta de registro, pelos interessados, no prazo legal.

A instrução do processo, também no tocante aos levantamentos documentais, estudos e análises é muito satisfatória. Cumpre mencionar contatos diretos e continuados dos técnicos do Iphan e especialistas convocados com as rendeiras de Divina Pastora, não só em pesquisas de campo como, igualmente, em reuniões de esclarecimento e orientação. Há, ainda um excelente e abrangente estudo de autoria da antropóloga Beatriz Góis Dantas (fls.11 a 157). Há também um relatório complementar coordenado por Aglaé D'Avila Fontes (fls. 451 a 494).



2

Por outro lado, anexada aos autos, há abundante e esclarecedora documentação, notadamente:

- fichas de identificação das rendeiras e seu ofício
- 3 catálogos de exposições dedicadas à renda irlandesa de Divina Pastora ou em que ela aparece representando o artesanato de Sergipe.
- DVD Renda Irlandesa - Divina Pastora
- DVD Rendeiras de Divina Pastora
- 2 CDs de fotografias
- CD de publicações
- Excertos pertinentes ao tema, da Encyclopédie des ouvrages des dames (Th.de Dillmont) e de Rendas - Manual de Tecnologia (Nair Maria Becker)
- Caderno de debuxos (Riscos de Alzira para o Projeto de Artesanato Solidário 2000)
- Álbum Artesanato de Sergipe, Rendas e Bordados, Governo do Estado
- 2 artigos de Beatriz Góis Dantas (sobre transmissão do ofício de rendeira / metodologia de pesquisa em Divina Pastora e Poço Redondo).
- monografia de graduação em Administração da Produção, de Gracyanne Freira de Araújo, O trabalho das artesãs do município de Divina Pastora após o apoio do Conselho da Comunidade Solidária, UFES, 2002



Está, pois a solicitação de registro em condições de ser submetida à apreciação e deliberação do Conselho Consultivo

É o relatório.

#### O OBJETO DO PEDIDO

Para bem definir o objeto do pedido de registro em causa, é necessário caracterizar a atividade eixo de atenção (produção de renda), sua modalidade (renda irlandesa), seu foco de gravitação e irradiação (o município de Divina Pastora), seu histórico, os modos de organização do trabalho (incluindo técnicas e formas de interação social, a mão de obra e o circuito de produção e circulação) e, finalmente, seus usos e funções.

#### Renda irlandesa

Ao contrário do bordado, que se superpõe a um tecido de base, ou do crochê, que constitui um tecido fechado, a renda se caracteriza como um tecido de malhas abertas, cuja trama forma desenhos, constituídos por fios e, às vezes, fitilhos ou ainda cordões. Embora seja possível encontrá-la como peça de vestuário, normalmente é usada como adereço de roupas, peças cerimoniais, objetos de uso doméstico e similares.

Duas técnicas básicas distinguem os principais tipos de renda. Um deles é a renda de bilro (pequena peça de madeira que permite trançar fios, tendo como suporte uma almofada); também se denomina renda de almofada. O segundo é a renda de agulha, instrumento com o qual as linhas constroem as formas; alternativamente, as linhas podem ser substituídas por fitilhos. A renda irlandesa é uma renda de agulha em que o fitilho foi substituído pelo lacê, um cordão produzido industrialmente, achatado, sedoso, brilhante e flexível, com o qual as linhas do debuxo são efetivadas.



A peça fundamental para a execução das figuras da renda é esse debuxo ou risco, isto é, o modelo, molde ou gabarito executado em papel manteiga, superposto a um papel grosso e repousando numa almofada. O debuxo fornece *a priori* o percurso sinuoso, deixando espaços vazios a serem posteriormente preenchidos pelos pontos. Mas aquilo que constitui traço capaz de identificar de imediato a renda irlandesa entre as demais rendas de agulha (como a renda renascença, que usa um fitilho) é o lacê.

O que é paradoxal é que, como situação corrente, o debuxo e sua execução sejam realizados por artesãos diferentes, rompendo a imagem romântica da unicidade e autonomia da ação artesanal, por oposição à produção manufatureira ou industrial, mais se aproximando da condição atual do desenho industrial. Nada mais normal numa atividade viva, submetida à dinâmica social e suas contingências, em que se manifestam rivalidades, liberalidades, empréstimos e cópias desses riscos, segredos e publicidade, compra e venda, estocagem, imitação e inspiração haurida em manuais, revistas ou cursos e assim por diante. Por certo, a escala de valor das artesãs e o reconhecimento de algumas delas como mestras tem na originalidade e beleza dos seus próprios debuxos um parâmetro importante, mas não fundamental. Acredito, porém, que é no saber-fazer e não na concepção abstrata que reside a matriz de valor para a própria comunidade das rendeiras. Por isso mesmo, acredito que nos pontos é que se possa ter uma aferição do "fazer bem" a renda.

Os pontos são o preenchimento dos espaços livres no interior dos volteios que as sinuosidades do lacê delinham. Aqui, também, há modelos tradicionais, que podem ser apresentados em verdadeiros mostruários, mas que também podem ser inventados, reciclados, combinados, tomados de empréstimo e assim por diante. É sobretudo nos pontos (e na sua nomenclatura: abacaxi, cocada, dente de jegue, boca de sapo, etc.) que podem ser encontrados alguns motivos ou atributos estilísticos que representem uma contribuição capaz de tornar brasileira essa renda de remota origem irlandesa. Mais que no debuxo, como já disse, suponho que os pontos servem para evidenciar a competência diferencial das artesãs, não só na concepção da figuração, mas sobretudo na qualidade da execução (harmonia e equilíbrio na distribuição dos pontos no espaço, seu ritmo, sua aparência filigranada, a limpeza etc.).

4

É no saber-fazer que se fundamenta a identidade do modo de fazer esta renda, ainda que em meio a transformações de vária ordem e escala. Darcy Ribeiro, ao falar da fixidez e da dinâmica da arte indígena, aponta que o conservadorismo dominante repousa no saber tribal que só pode reter o acervo total das experiências do passado pela repetição de cada item técnico, independente do processo acumulativo de pequenas alterações que, no entanto, preservam o perfil estilístico do grupo.



#### Foco de atenção e irradiação

Pesquisadores, agentes do poder público, as rendeiras e seus clientes, a população na cidade, no estado e no restante do país são unânimes em reconhecer que mencionar a renda irlandesa remete automaticamente a Divina Pastora, pequeno município de não mais que 3.655 habitantes em 2005 e 93 km<sup>2</sup> de área, situado na região central de Sergipe, no vale do rio Cotinguiba, a não mais que 39 km da capital do Estado, Aracaju.

O município, criado em 1938, desenvolveu-se a partir do povoado de Ladeira, cujas origens remontam ao final do século XVIII. A denominação de Divina Pastora se deve à devoção de origem ibérica, introduzida pelos portugueses em 1782. A Igreja Matriz de Nossa Senhora Divina Pastora constitui marco essencial da paisagem urbana. Construída no século XVIII, tombada pelo IPHAN em 1943, foi recentemente restaurada. Trata-se de um centro de peregrinação, que no terceiro domingo de outubro atrai quase 30 vezes a população estável, com romeiros vindos de todas as partes do Estado e de muitos outros estados. As rendeiras mantêm relações estreitas, seja com a devoção mariana (com pagamento de promessas muitas vezes associadas a seu ofício), seja com a peregrinação anual, participando do acolhimento dos visitantes e, por certo, aproveitando a oportunidade para dar a conhecer suas produções (mais que comerciá-las, num contexto considerado impróprio).

A região teve importância na atividade açucareira, do que dão testemunho três dezenas de engenhos, que entraram em decadência no final da década de 1940, mas que já vinham perdendo o fôlego desde o fim da escravidão no final do século atrasado. Hoje a cidade tem pouca expressão econômica e padece de escassez acentuada de oportunidades de trabalho, embora a exploração do petróleo desde a década de 1960 tenha ensejado o recebimento de *royalties*. Seja como for, a base econômica da cidade é reduzida -- o que dá realce ao comércio das rendas, como exceção.

As pesquisas realizadas encontraram rendeiras atuando nos municípios sergipanos de Areia Branca, Laranjeiras, Ilha das Flores, Riachuelo, Rosário do Catete, São Cristóvão e Santa Rosa de Lima. Em muitos casos, essa atividade se



deu pela intervenção direta de rendeiras de Divina Pastora. A irradiação desse centro é, pois, inegável, assim como seu papel de ponto de referência.



#### Histórico

São várias as versões correntes sobre a introdução da renda irlandesa em Divina Pastora, por volta do 1o. quartel do século XIX, nenhuma delas dispendo de documentação conclusiva a seu favor. A mais plausível diz que foi por intermédio de freiras estrangeiras que as filhas da aristocracia rural, nos conventos ou colégios, aprenderam a arte da renda. A plausibilidade da hipótese vem do fato de que é conhecido o papel dos conventos e colégios de freiras na Europa e nos países por ela colonizados, visando à formação da mulher das classes superiores nas artes domésticas -- com especial atenção à confecção do enxoval da futura esposa e à produção de ornamentos para o lar e para si mesma -- trata-se da mulher ela própria como ornamento, no dizer de Torsten Veblen, com o objetivo de trazer distinção para o chefe da família. Ora, há informação de que os enxovais foram, em Divina Pastora, as primeiras destinações desta atividade, que mais tarde passaram a ser encomendadas às rendeiras profissionais e que hoje não mais representam proporção de monta no cômputo geral. Por outro lado, circulou na região o original francês de obra célebre para o ensino das artes domésticas às senhoras: a *Encyclopédie des ouvrages des dames*, de Thérèse de Dillmont, cuja 1a. edição data de 1886. Várias edições se sucederam, como a de 1900 e a última, de 2000, tendo sido o livro logo traduzido e comercializado em 17 países -- onde também as freiras os utilizaram. Ao lado da tapeçaria, tricô, crochê, filô, macramê, bordados, etc. aí aparecem as rendas e especificamente a renda irlandesa, com informações técnicas e boa ilustração.

Por outro lado, também têm curso narrativas de uma genealogia de rendeiras que aprenderam com as freiras ou indiretamente com senhoras que com elas tinham aprendido. Como no caso das genealogias bíblicas, não importa o conteúdo empírico da linhagem, mas a percepção da existência de uma linhagem, sua continuidade e, portanto, a transmissão generacional de um saber-fazer.

Costuma-se associar o desenvolvimento da atividade à migração do campo para a cidade, em busca de alternativa de ganho por parte de mulheres necessitadas.

#### Organização do trabalho

O atributo mais característico dessa atividade é o saber-fazer, portanto seu fortíssimo conteúdo corporal. O saber-fazer não é um conhecimento prático de natureza abstrata, puramente lógica. Ou um conhecimento sobre alguma coisa, sobre uma técnica, por exemplo. É fruto do que os especialistas chamam de memória hábito ou, então, de memória incorporada -- no sentido forte da palavra,

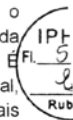
6

que implica numa mobilização daquele corpo que vai abrindo caminho para o cérebro. Ou melhor, reproduzindo as palavras de um dos pais fundadores da antropologia, Marcel Mauss, o homem é um ser capaz de pensar com suas mãos. É significativo que muitas rendeiras tenham declarado não gostar do uso do dedal, pois diminuiria a sensibilidade dos dedos, ainda que com risco de ferimentos. É mais significativo, ainda,

que, durante a execução de suas tarefas, elas nem precisem permanecer de olhos fixos no trabalho, mas conversem livremente, cantem, façam projetos, discutam preços e encomendas, troquem idéias sobre técnicas, debuxos e pontos, falem mal da vida alheia, manifestem afetos e desafetos, tratem de problemas de família e assim por diante -- além de sentirem prazer e gratificação na tarefa em curso e na previsão do ganho correspondente. Isto obriga a ver com outros olhos a hipótese de escolha da renda apenas por falta de alternativas: tal motivação (às vezes declarada) não é incompatível com confissões explícitas ou implícitas de prazer e gratificação nessa na produção.

Este saber-fazer, portanto, está mergulhado num riquíssimo e vivíssimo universo social, em que também se cruzam relações de parentesco, de compadrio, de vizinhança, de clientelismo, de competição, de classes de idade e escolaridade e outras segmentações sócio-econômicas. Vale a pena notar que, atualmente, a atividade de rendeira não é de tempo integral, embora componha o cotidiano: mais da metade delas são professoras, funcionárias públicas (municipais principalmente, mas também estaduais e federais), mas não é no contexto dessas ocupações e sim na produção da renda que desenvolveram essa rede de relações densas acima apontada. É também na produção da renda que alimentam sentimentos de solidariedade e de pertença e sua identidade pessoal e coletiva. Aliás, muitos especialistas, no estudo histórico da renda, a tratam como fator por excelência de constituição do feminino. Na linha do exposto, creio que esse particular potencial identitário se explica precisamente pelo caráter altamente corporalizado do saber-fazer envolvido -- trate-se de identidade feminina ou masculina, é bom acrescentar. Aliás, se em Divina Pastora a quase totalidade da mão de obra é feminina (a exceção conhecida é um reputado desenhista de debuxos em Aracaju), a Etnografia registra em outros lugares, vários casos de presença masculina nessa atividade.

É necessário, enfim, apontar a existência, nos grupos de artesãos ou mesmo nos raríssimos casos de trabalho individual, de sistemas de autoridade e liderança técnica ou econômica, sobretudo na ocasião de trabalhos de grande formato, que precisam ser subdivididos, mas sem perder a unidade, ou então, na distribuição de encargos pelas rendeiras que costumam centralizar encomendas.





#### Usos e funções, consumo

A característica mais saliente, à primeira vista, quanto a usos, funções e consumo, é que as próprias rendeiras raramente consomem as peças que fabricaram. Trata-se, portanto, de fabricar para terceiros, isto é, de produzir mercadorias – quase sempre por encomenda. Esclareça-se de imediato que não há qualquer antinomia entre valor cultural e valor econômico (há, sim, entre cultura e mercado). Todo fato cultural tem uma dimensão econômica e todo fato econômico tem uma dimensão cultural. E como a cultura não é um domínio específico ou compartimento da vida social, mas uma dimensão diferencialmente qualificadora de absolutamente qualquer domínio (inclusive o econômico), é preciso rejeitar, como fazem teóricos, quais Harvey Molotch, Roseberry, Thomas e muitos outros, a polaridade, entre aqueles objetos desinteressados, como o dom, por oposição a mercadoria, na qual os dons seriam 'encantados' (como diria Weber), ao contrário da mercadoria. A mercadoria pode, sim, ser 'encantada' -- e a renda de Divina Pastora o demonstra.

Se, de início, as informações disponíveis apontam a importância da renda de Divina Pastora para adorno de vestimentas litúrgicas, enxovais e vestuário feminino em geral (blusas, saias, p.ex.), hoje, sem exclusão da indumentária, predominam os adornos de objetos domésticos (toalha de mesa, colchas, almofadas, argola para guardanapo, caminho de mesa, passadeira), aos quais se acrescenta uma variedade extensível de outros suportes: capa de liquidificador, capa de celular, fundo de copo, jogos americanos, pano de bandeja ou para garrafa, chapéu, chinelo, sapato, enxoval do bebê, etc.etc. As peças litúrgicas continuam a ser encomendadas (estolas, toalhas de altar, toalhinhas de sacrário) pela Igreja Católica, mas as igrejas evangélicas também já descobriram a serventia da rede nos templos.

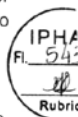
#### O MÉRITO

A proposta de registro em exame não equivale a definir uma hierarquia de valor em relação às demais manifestações similares no país, como no Nordeste, no Ceará, Bahia, Pernambuco ou Alagoas (aliás, há um estudo em curso no DPI sobre o modo de fazer bico e renda singeleza em Marechal Deodoro, AL), ou então, no Sul, a renda de bilro açoriana de Santa Catarina. O que ocorre é que, de um lado, o caso de Divina Pastora reúne condições de qualificação intrínseca e, de outro, o avanço nas pesquisas e análises permitiu comprovar desde já tal qualificação. Nada impede que a continuidade dos inventários e levantamentos justifique propor novos bens para registro.

Que a atividade das rendeiras de Divina Pastora e seus produtos têm relevância local e regional e que tal relevância vem-se consolidando no plano nacional fica suficientemente claro no exame dos dados constantes dos autos.



Divina Pastora e renda irlandesa já são tomados como sinônimos. Mesmo quando está em cena a grande peregrinação anual capaz de atrair 100.000 romeiros, a renda não fica excluída, pelo contrário. O papel identitário que ela desempenha quer em relação à cidade e à região, quer em relação às rendeiras é conspicuo. O peso na economia, igualmente.



O número de rendeiras cadastradas, 122, é pequeno em termos absolutos, mas corresponde a quase 4 e tanto por cento da população – e tende a crescer com as diferentes oportunidades de formação que estão sendo oferecidas (atraindo crianças e adolescentes e, no aperfeiçoamento, adultos) e a valorização cada vez maior dessa atividade.

O interesse das autoridades municipais e estaduais e de vários órgãos federais e entidades privadas (como SEBRAE, Artesanato Solidário, ARTESE, Centro Social D.Távora, Amigos da Arte, Nutrac etc.) vem trazendo benéficos frutos para aprimorar, sobre vários aspectos, a atividade das rendeiras.

Plataforma importante foi a criação em 2000, depois de duas experiências frustradas nas duas décadas anteriores, da Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora. A Associação se propôs resolver problemas já ocorridos com crises no fornecimento de matérias primas (todas fabricadas fora do Estado) e conseguiu reduzir custos ao adquiri-las diretamente dos produtores. Contudo, boa parte do potencial da Associação se mantém inexplorado.

A aceitação da renda de Divina Pastora e de sua área de irradiação só tende a crescer, dentro e fora da região, acentuando sem papel de padrão e modelo. Prova disso são as pesquisas históricas, antropológicas e estéticas, as exposições (a mais antiga foi em São Paulo, 1970), as publicações (a fls. 136 a 157 estão listados quase 70 referências diversas), a presença em feiras nacionais e internacionais e a extensão do mercado para inúmeros estados brasileiros. O caso de Dona Zu (Maria Alaíde da Conceição Carvalho) é significativo: participou de várias feiras nacionais e na Argentina (onde agora reside), Chile, Venezuela, México, Porto Rico, Bolívia, Estados Unidos e Espanha, colecionando 18 premiações internacionais.

Na dimensão nacional, os produtos dessa fecunda atividade das rendeiras de Divina Pastora e sua constelação têm sido cada vez mais valorizados como objeto de fruição estética, no sentido primeiro do termo – estética refere-se ao aguçamento

Divina Pastora e renda irlandesa já são tomados como sinônimos. Mesmo quando está em cena a grande peregrinação anual capaz de atrair 100.000 romeiros, a renda não fica excluída, pelo contrário. O papel identitário que ela desempenha quer em relação à cidade e à região, quer em relação às rendeiras é conspícuo. O peso na economia, igualmente.



O número de rendeiras cadastradas, 122, é pequeno em termos absolutos, mas corresponde a quase 4 e tanto por cento da população – e tende a crescer com as diferentes oportunidades de formação que estão sendo oferecidas (atraindo crianças e adolescentes e, no aperfeiçoamento, adultos) e a valorização cada vez maior dessa atividade.

O interesse das autoridades municipais e estaduais e de vários órgãos federais e entidades privadas (como SEBRAE, Artesanato Solidário, ARTESE, Centro Social D.Távora, Amigos da Arte, Nutrac etc.) vem trazendo benéficos frutos para aprimorar, sobre vários aspectos, a atividade das rendeiras.

Plataforma importante foi a criação em 2000, depois de duas experiências frustradas nas duas décadas anteriores, da Associação para o Desenvolvimento da Renda Irlandesa de Divina Pastora. A Associação se propôs resolver problemas já ocorridos com crises no fornecimento de matérias primas (todas fabricadas fora do Estado) e conseguiu reduzir custos ao adquiri-las diretamente dos produtores. Contudo, boa parte do potencial da Associação se mantém inexplorado.

A aceitação da renda de Divina Pastora e de sua área de irradiação só tende a crescer, dentro e fora da região, acentuando sem papel de padrão e modelo. Prova disso são as pesquisas históricas, antropológicas e estéticas, as exposições (a mais antiga foi em São Paulo, 1970), as publicações (a fls. 136 a 157 estão listados quase 70 referências diversas), a presença em feiras nacionais e internacionais e a extensão do mercado para inúmeros estados brasileiros. O caso de Dona Zu (Maria Alaíde da Conceição Carvalho) é significativo: participou de várias feiras nacionais e na Argentina (onde agora reside), Chile, Venezuela, México, Porto Rico, Bolívia, Estados Unidos e Espanha, colecionando 18 premiações internacionais.

Na dimensão nacional, os produtos dessa fecunda atividade das rendeiras de Divina Pastora e sua constelação têm sido cada vez mais valorizados como objeto de fruição estética, no sentido primeiro do termo – estética refere-se ao aguçamento

9

da percepção como veículo de relacionamento do sujeito com o mundo externo. Mas cumpre, também, trazer à tona, no plano nacional – como se espera do registro – os valores humanos envolvidos na produção e difusão desses bens, capazes não só de iluminar o cotidiano das rendeiras e suas comunidades, como também de favorecer em nós o reconhecimento de que tais valores são parte daquilo que nos define historicamente como cultura brasileira.



#### CONCLUSÃO

À vista de todo o exposto, voto favoravelmente ao deferimento da solicitação, recomendando a inscrição do modo de fazer renda irlandesa (tendo como referência este ofício em Divina Pastora - SE) no Livro de Registro dos Saberes, criado pelo Decreto no.3.551, de 4 de agosto de 2000.

São Paulo, 25 de novembro de 2008

A handwritten signature in black ink, appearing to read "Ulpiano T. Bezerra de Menezes".

ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES  
Membro do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural



## ANEXO 2 CERTIDÃO DE REGISTRO



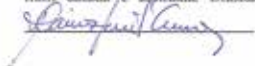
Serviço Público Federal  
Ministério da Cultura  
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN

### CERTIDÃO

*CERTIFICO* que no Livro de Registro dos Saberes, volume primeiro, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Iphan, instituído pelo Decreto número 3.551, de 4 de agosto de 2000, consta à folha 9, verso, o seguinte: "Registro número seis. Bem cultural: Modo de fazer Renda Irlandesa, tendo como referência este ofício em Divina Pastora/SE. Descrição: O modo de fazer Renda Irlandesa se constitui de saberes tradicionais que foram re-significados pelas rendeiras do interior sergipano a partir de fazeres seculares, que remontam à Europa do século XVII, e são associados à própria condição feminina na sociedade brasileira, desde o período colonial até a atualidade. Trata-se de uma renda de agulha que tem como suporte o lacê, cordão brilhoso que, preso a um debuxo ou risco de desenho sinuoso, deixa espaços vazios a serem preenchidos pelos pontos. Estes pontos são bordados compondo a trama da renda com motivos tradicionais e ícones da cultura brasileira, criados e recriados pelas rendeiras. O "saber-fazer" é a qualidade mais característica da produção da Renda Irlandesa, a qual é compartilhada pelas rendeiras sob a liderança de uma mestra reconhecida pelo grupo. As mestras traçam o risco definidor da peça, que é apropriado coletivamente. Fazer Renda Irlandesa é, portanto, uma atividade realizada em conjunto, o que permite conversar, trocar idéias sobre projetos, técnicas e pontos. Neste universo de sociabilidades, são reafirmados sentimentos

164

de pertença e de identidade cultural, possibilitando a transmissão da técnica e o compartilhamento de saberes, valores e sentidos específicos. A cidade de Divina Pastora se tornou o principal pólo da Renda Irlandesa em razão de condições históricas de produção vinculadas à tradição dos engenhos canavieiros, à abolição da escravatura e às mudanças econômicas que culminaram na apropriação popular do ofício de rendeira, restrito originalmente à aristocracia. Reinventando a técnica, os usos e os sentidos desse saber-fazer, as mulheres de Divina Pastora fizeram dele seu meio de vida. Esta descrição corresponde à síntese do conteúdo do processo administrativo nº 01450.001501/2007-52 e Anexos, no qual se encontra reunido um amplo conhecimento sobre este Saber, contido em documentos textuais, bibliográficos e audiovisuais. O presente Registro está de acordo com a decisão proferida na 58ª reunião do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural, realizada no dia 27 de novembro de 2008. Data do Registro: 28 de janeiro de 2009". E por ser verdade, eu, Márcia Genésia de Sant'Anna, Diretora do Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, lavrei a presente certidão que vai por mim datada e assinada. Brasília, Distrito Federal, 28 de janeiro de 2009.







VARIEDADE DE CORES DO LACÊ.  
FOTO: SEM IDENTIFICAÇÃO.



*Este livro foi produzido no verão  
de 2014 para o Instituto  
do Patrimônio Histórico e  
Artístico Nacional.*

*Foi composto nas tipografias  
Rosewood (títulos) e Mrs Eaves  
(textos), corpo 12/14.4, em papel  
couché matte 150 g/m (miolo).*

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO  
NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES, IPHAN

M692 Modo de fazer Renda Irlandesa, tendo como referência  
o ofício em Divina Pastora / Instituto do Patrimônio  
Histórico e Artístico Nacional. - Brasília, DF : Iphan,  
2014.  
168 p. : il. color. ; 25 cm. - (Dossiê Iphan ; 13)

ISBN: 978-85-7334-257-4

1. Patrimônio Imaterial. 2. Renda Irlandesa.  
3. Artesanato - Sergipe. I. Instituto do Patrimônio  
Histórico e Artístico Nacional. II. Série.

